

27
ANNO VII

III TRIMESTRE

1927

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PORTO



ALEGRE

BRASIL

COMISSÃO
DE
REDACÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
AURELIO PORTO
E. F. DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva

1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda

Thesoureiro: Dr. Amaro Baptista

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno 15\$000 rs.

Por fasciculo trimestral 4\$000 rs.

Collecção completa, desde o numero inicial: 200\$000 rs.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 199. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE - 1927

III Trimestre

ANNO VII

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Aurelio Porto - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Doca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

1927

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA REVOLUÇÃO DE 1835—1845¹⁾

Por Manoel Alves da Silva Caldeira

Apontamentos historicos da Revolução de 1835, fornecidos pelo abaixo-assignado como testemunha dos factos que se deram naquella epoca, ao Sr. Dr. Alcides Lima, ou mais bem dito, episodios dignos de serem historiados.

Em 1836 fui prisioneiro na linha de assedio fronteira á cidade de Porto Alegre, e com mais outros Republicanos Rio-grandenses fomos deportados para a Côrte e depois de termos ali chegado fomos constrangidos a assentar praça na brigada de artilharia de marinha que se achava estacionada na Ilha das Cobras.

Como cabos desquadra que eramos da mesma Brigada, isto é, honras que nos deram como praças de companhia, serviamos, eu, José Custodio Alves, João Manoel de Araujo e João Barbosa, sendo este ultimo soldado raso, porém como tem elle

¹⁾ Continuamos no presente numero a divulgar o que em nossos archivos possuimos com referencia ao memoravel decennio de 1835—45. Hoje divulgamos a memoria escripta em forma de missiva por Manoel Alves da Silva Caldeira, que foi um dos legionarios da republica farroupilha. E' um trabalho inédito e de poucos conhecido.

Já no ultimo periodo de sua vida, em avançada idade, o velho Caldeira transportou para o papel as suas impressões sobre o grande movimento, em que tomou parte com grande enthusiasmo, empolgado pela idéa dominante da epocha. Combateu, derramou o seu sangue, jamais teve esmorecimentos no ardor da luta. Foi um bravo.

Testemunho dos factos por elle descriptos, o seu depoimento tem valor, e como tal o consideramos, comquanto nem sempre estejamos de accordo com os conceitos nelle expendidos.

De qualquer forma, porem, é um subsidio interessante que apresentamos aos estudiosos da nossa historia, e dahi o integra-lo na luz da publicidade. (N. R.).

de figurar em um dos episodios importantes que deu-se na Côrte, faço aqui menção do seu nome.

Estando eu de serviço á brigada (de ordens ao official de dia) fui levar um officio a um senador que morava na cidade e, de volta para a Fortaleza cheguei em casa dos estudantes riograndenses Joaquim Gonçalves e mais outros os quaes formavam uma pequena republica. Depois que descancei tomei um refresco de cajú. Ao despedir-me delles, fui chamado pelo Dr. Antonio Borges da Fonseca que se achava em uma sala contigua á dos estudantes. Caminhei e encontrei-me com um homem de estatura baixa porem muito activo e imponente e perguntou-me se eu me chamava Manoel Caldeira; respondi-lhe que sim. Pois Sr. Caldeira eu preciso do Sr. e de mais 3 ou 4 companheiros como o Sr. e que sejam filhos do Rio Grande. — Para que Sr.? — Respondeu-me elle: para uma commissão importante. E que commissão é essa? — Não lhe posso dizer. E como quer o Sr. que faça parte de uma commissão sem saber qual o seu fim? — Elle respondeu-me dizendo: — eu tambem farei parte della e já vê que não me hei de sacrificar e demais, Sr. Caldeira não é justo que por causa de um sejam tantos sacrificados. A mesma sorte dos Srs. será a minha. O homem conservou-se firme e em silencio do lado de dentro da porta. Pois bem Sr. vou ver 3 ou 4 companheiros e sinto muito estar um dos melhores companheiros que poderia fazer parte da commissão prezo e vae responder a conselho de guerra. Disse-me elle: — Applique os meios e dirija-se ao Zéca Gonçalves que lhe dará o que o Sr. precisar, e quando for tempo será o Sr. avisado. Antes de me retirar lhe disse que seria muito melhor tratar da fuga do companheiro que estava preso e acomodar-nos todos na cidade até que chegasse a occasião precisa. Disse-me elle: — Lembrou-se o Sr. muito a tempo visto estar elle respondendo a conselho e como é um dos melhores companheiros faça por elle o que poder afim de fazer parte da commissão. Naquella mesma occasião perguntei como se chama e elle respondeu: — Mais tarde o Sr. saberá e, com esta resposta nos separamos. Na fortaleza da Ilha das Cobras estava um cadete furriel de nome Militão, filho de um homem de alta importancia residente na Côrte, como desterrado, sem licença de ir á terra porque seu pae antes queria saber que elle soffria a ausencia de toda a familia do que saber que Militão amanhecia nas ruas da cidade dansando o fadinho e lundús com as mulatas perdidas. Este cadete era um moço muito bem educado. Não seguiu o curso da arma de artilharia por se ter entregue á extragancia; por isso estava elle na brigada soffrendo os rigores de uma severa disciplina. Militão sympathisou commigo mas eu retirava-me delle o mais que

podia, porque este pobre moço vivia sempre alcoolisado com a bebida aniz, mas não era desordeiro; tinha por costume quando estava de guarda principal da Fortaleza embriagar os presos e conservar o xadrez dos inferiores de porta encostada para que elles podessem passear em uma pequena arca que tinha na frente da prisão. Eu tinha feito todo o serviço que me correspondia fazer segundo a escala de serviço e depois tinha cinco dias de folga. Militão estava constantemente fazendo guarda, por castigo, porque faltava aos seus deveres como militar! Eu estava ao facto dos dias que elle entrava de guarda de castigo e por isso me dirigi a elle quando fiz o ultimo serviço com o fim de aproveitar os offerecimentos que constantemente me fazia, dizendo: — Cabo Caldeira, quando estaremos nas planicies da Provincia do Rio Grande do Sul, mettendo balla nos costados das canhoneiras desta canalha? Quanto mais elle se embriagava mais furioso ficava contra o governo Regente e eu não lhe dava occasião de ouvir-o, elle é que me procurava para desabafar-se. Junto á Fortaleza, isto é, perto da rampa que naquelle tempo havia do lado de fóra da muralha, existia um café aonde Militão tomava aniz e quando de lá vinha sempre trazia o alcool na cabeça; quando elle tinha tomado pouco eu dava logar para elle vir ao meu lado, do contrario fugia delle. Muitas e muitas vezes Militão dizia-me: Cabo Caldeira conte commigo para uma occasião. Eu nunca disse a Militão que acceitaria os seus offerecimentos, porque não tinha se proporecionado uma occasião para acceital-os; porem contava com elle para qualquer cousa. No dia que fallei com o Dr. Borges na cidade e cheguei na Fortaleza, procurei o meu Militão e fui defronte a elle e disse-lhe: Meu amigo é chegada a occasião de prestar-me os seus serviços e fazer valer a sua palavra de honra. Respondeu-me elle: O que, cabo Caldeira, pois duvidas da minha palavra? Falla, diz o que queres. Quero a liberdade do cabo José Custodio e eu me ausento desta Fortaleza e vos convido para irmos para a Provincia do Rio Grande onde me tens dito tantas vezes que querias nella sepultar os teus ossos. Vamos ou não? Mas cabo Caldeira, como sahiremos deste inferno? Muito bem, respondi-lhe. Pois dá o plano e conta commigo. Eu respondi dizendo-lhe: Tenho cinco dias de folga, amanhã vou pedir cinco dias de licença ao nosso Commandante, o Sr. está de guarda fazendo serviço pela escala, termino o dia de folga e no dia seguinte entras de guarda de castigo, na noite desse dia (quinta feira) a musica tocará a retreta na sotéa do commandante da Fortaleza, depois dos tres toques da ordem, baixam os musicos formam no primeiro pateo tocando o passo dobre do costume e depois que ella chegar no pateo da formatura debandam os

musicos e o official de estado maior faz a chamada das companhias; o amigo e companheiro Militão chega á porta do xadrez em que está o cabo José Custodio, por quem muito me interesse e diz: — Cabo vamos tomar uma chicara de café aqui no França (que assim se chamava o dono da bodega). José Custodio o acompanha e quando chegar no corpo da guarda diz: — sentinella fecha este postigo que eu já venho, e sahe com o cabo José Custodio. Respondeu-me elle: está conforme cabo Caldeira, dá-me essa mão e, apertando-a disse: Liberdade ou morte. Nos separamos. Chegou o dia — quinta feira —. Note-se que eu já tinha a licença do commandante, fui á cidade e entendi-me com o Zéca Gonçalves, marchamos para a praia dos Mineiros, a qual fica a pouca distancia da Fortaleza da Ilha das Cobras, me dirigi a uns canoeiros que alli se achavam e perguntei qual delles tinha uma canoa com dois remos de voga. Um dos canoeiros responde: — Eu tenho uma bem boa meu Sr. — Não faz agua? Não Sr. Tem um remo de pá? Tem sim Sr. foi a resposta que deu. Embarquei com o Zéca e disse: rema para fóra ao que o canoeiro perguntou para que logar tinha que metter remo. Para o logar que eu quizer, foi a resposta que dei. O canoeiro me disse que era preciso saber o tempo que tinha de remar para saber o que havia de pedir. Reme para fóra que eu lhe gratificarei bem. Sim Sr., remaram e eu governei a canoa para a praia dos Caixeiros que fica junto á muralha da Fortaleza. Cruzamos o braço de mar que separa a Fortaleza da cidade e embicamos a canoa na dita praia. A noite estava silenciosa e pouco estrelada. O mar manso, e ao desembarcar dirigi-me ao Zéca e disse-lhe: — Zéca afasta a canoa da praia a pouca distancia, que della me possa ver, quando eu chegar á praia, terei de vir tres vezes aqui, a primeira vez me responderá um assobio com outro teu, e assim farás com o segundo que eu der, porem no tercelro, manda acunhar remos em terra, a proa dessa canoa nesta praia. Ao separar-me delle disse: Zéca nossa sorte depende da tua constancia. Zéca tinha 14 a 15 annos de idade e respondeu-me: — Não me afasto e estarei na praia na occasião que ouvir o ultimo signal. Saltei em terra e a canoa afastou-se della para collocar-se em uma distancia conveniente. Reinava silencio naquelle logar. Não havia nelle uma alma. Eu estava só alli. A muralha da Fortaleza por aquella parte tinha uma altura immensa as suas grossas paredes estavam envoltas na cor da noite. Daquelle logar a rampa pela qual eu tinha que subir para chegar ao portão da Fortaleza havia 3 a 4 quadras de distancia. Eu tinha que fazer aquelle trajecto passando pela frente das casas dos officiaes casados que moravam em casas particulares e como eu ia á paizano não

tinha receio que lhes causasse suspeita alguma, e ainda bem que tinha licença. Cheguei junto ao portão e allí me conservei pouco tempo e nada occorria contra a minha pessoa, então contramarchei para a praia, fiz o primeiro signal ao qual o Zéca respondeu. Em seguida voltei e liguei-me ao dito portão. O silencio reinava naquelle logar sombrio, fazendo um juizo todo desfavoravel a minha triste situação e entregue ás minhas reflexões demorei algum tempo e quando os musicos foram para a sotéa, marchei para a praia e fiz o segundo signal que foi correspondido pelo Zéca, então tornei ao portão e allí me conservei até que a musica baixasse e seguisse tocando o tal dobrado. Eu estava resignado a tudo. Sahirá o José Custodio do xadrez ou eu irei fazer-lhe companhia? Esta interrogação eu fazia a mim mesmo. A musica chegou na praça da formatura e debandou. Principiou a chamada feita pelo official de estado. Eu ouvia de tempo em tempo a resposta dos soldados, que diziam: — prompto —. Esta chamada principiou na primeira companhia e concluiu na terceira. As companhias foram debandadas e a Fortaleza ficou em silencio. Ouvi pisadas que se encaminhavam para o corpo da guarda que se achava da parte de dentro do portão. Julguei ser uma escolta que me viesse prender. Não vacillei no meu firme proposito que era esperar José Custodio ou entrar para o xadrez. Tive um sobre-salto, porem conservei-me firme junto ao portão. A escolta parou e debandou porque eram as sentinellas que tinham sido rendidas. Pouco tempo depois das sentinellas debandarem ouvi outras pisadas e as pessoas que vinham fizeram alto na parte de dentro do portão e abriram o postigo delle. Então disse eu a mim mesmo: — esta é uma parte da execução do meu plano, que era de sahirem pelo postigo do portão. Estamos salvos. Si o portão fosse aberto, áquella hora sahiria por elle uma escolta e como foi só o postigo que abriam, já contava com os meus amigos. Militão chegou no corpo da guarda com o cabo Custodio e disse á sentinella: — Fecha este postigo que eu já volto. O primeiro que vi foi o cabo Custodio e o segundo foi o cadete e furriel Militão. João Manoel de Araujo e João Barbosa tinham assistido á revista das treis e logo que foram debandadas as Companhias elles desceram a muralha da Fortaleza com uma corda que tinham para aquelle fim e na occasião precisa elles estavam connosco, cada um com o seu cacete em punho. Eu entreguei uma espada (rifles) ao cabo Custodio e fiquei com outra e Militão com a que tinha na cinta. A noite ficou clara e viamos qual-quer objecto que para nós se approximasse.

Immediatamente marchamos para a praia e fiz o terceiro signal e Zéca sem perda de tempo enterrou a proa da canoa

na praia dos Caxeiros e embarcamos sem novidade. Quando passamos pela frente da casa dos officiaes elles estavam tomando a fresca na frente das suas casas, muito bem repim-pados e nenhuma palavra nos deram. Naquella noite fomos para a casa dos estudantes aonde estava Joaquim Gonçalves, filho do general Bento Gonçalves e alli passamos treis dias e nos mudamos depois para uma outra casa de um serralheiro, Rua de S. Pedro e della sahimos para desempenharmos a nossa commissão.

Deixo a commissão e vou tratar do que muito deve interessar-vos Amigo Dr.

Servia nas fileiras Republicanos um individuo de nome Antonio Luiz Pimenta que era muito amigo do Coronel Onofre. O nosso exercito estava acampado á distancia de uma legua mais ou menos de Porto Alegre. Pimenta dizia que tinha de ir ao Rio de Janeiro para dar fuga ao Onofre, o qual se achava preso na Fortaleza de Santa Cruz, bem como Bento Gonçalves e Zambecari. Pimenta ausentou-se do acampamento sem que ninguem soubesse do seu destino. Antonio Borges da Fonseca escrevia contra a *regencia* de Feijó e por isso foi chamado á responsabilidade e continuando a escrever trataram de perseguill-o mas o Dr. apresentou um individuo de testa de ferro e quem servia de testa de ferro era Antonio Luiz Pimenta que tinha chegado ao Rio para tratar da fuga de Onofre.

Agora vou dizer quaes os serviços prestados por Pimenta. Elle era quem fornecia as provisões de bocca para os Coroneis Onofre e Corte Real que se achavam presos em um xadrez que nos ia ficando á direita. Onofre ignorava que Pimenta estivesse preso e nem este tinha por quem mandar-lhe dar parte e assim, estava o assumpto da fuga embrulhado. Pimenta pediu licença a um preso que estava perto d'elle, poz as duas mãos no rosto e fallou-lhe em segredo. Acabado o assumpto, já não fomos ao quarto do official, sahimos do quartel pelo corredor, pisamos na praça e logo fui convidado para irmos á Fortaleza de Santa Cruz ao que annui. Marchamos para um porto mais conveniente, embarcamos em um bote e fomos desembarcar no Porto da Fortaleza. Depois que nos tiraram os nomes tivemos licença para irmos visitar os Coroneis e tomamos a direcção de uma porta que ficava a pouca distancia do corpo da guarda principal da Fortaleza, acompanhados pelo sargento da guarda e ao chegarmos na dita elle entrou e nós descemos por uma rampa estreita e comprida que finalisava em uma estreita area de que acima fallei pela qual entrava luz para dentro da prisão onde estavam os coroneis e mais prisioneiros riograndenses. A' proporção que iamos descendo pela rampa ficavam dois altos muros á direita e á esquerda. Este pouco se elevava

sobre o nível da grande praça que havia na Fortaleza e o da direita tinha a mesma altura do respaldo da muralha porque era elle parte da mesma e por isso a rampa tinha muito declive. O sargento empunhou a chave da porta, torceu e abriu-a e tomando de outra abriu um cadeado, correu um varão de ferro que passava por tres argollas e deu-nos entrada para a prisão. Chaves entrou, eu tambem — encontramos os dois coroneis muito desfigurados e pallidos. A' direita e á esquerda da porta estavam, eu vi, uma cama e uma marquezia. A prisão era dividida por dois grossos arcos tendo os dois pegões — um á entrada da prisão e o outro na parede do fundo e no centro achava-se a junção dos referidos arcos, que recebiam o muito peso da coberta da referida prisão e esta coberta ficava ao nível do piso da praça acima mencionada. Alem da porta desta prisão havia uma janella que estava muito alta. Depois que visitamos os nossos amigos nos retiramos e embarcamos no mesmo bote. Porque Chaves não foi apresentar-me ao official demos volta e fomos á Fortaeza depois que fallou com (?) vão a uma prisão subterranea que seu piso estava ao nível dagua. De oito em oito dias Manoel Luiz Pimenta ia á Fortaleza com novas provisões e nessas occasiões combinava com os Coroneis os meios que deviam applicar para sahirem daquella masmorra e depois de bem combinado o plano para a fuga, Pimenta principiou a trabalhar. O serralheiro era republicano. Pimenta dirigiu-se a elle para que fizesse duas chaves. O serralheiro deu-lhe a cera de molde e ensinou como devia fazer uso della para que os ditos moldes sabissem bem tirados; nas visitas que Pimenta fazia aos Coroneis quando lhes levava os comestiveis, entregava-lhes as chaves para serem experimentadas nas fechaduras. Só o Coronel Onofre era quem introduzia as chaves para ver se ellas podiam servir, porque tinha os braços muito compridos e grossos. Em uma das vezes que Onofre foi introduzir uma das chaves na fechadura, cahiu lhe da mão na lage dentro da arca que havia na frente da porta da unica prisão; então elle pegou em um cabo de vassoura e com elle poudé obter a chave. Esta operação elle fazia alta noite quando os mais presos que estavam em uma prisão junto á delle dormiam e tambem dormia a sentinella que estava á vista, na frente da porta do xadrez, porem não por gosto mas por ser obrigado com o liquido que tomava. Quando vinha o brado — Sentinella — o Onofre respondia — Que dirá — Alerta. — Alerta está — ao passo que o soldado dormia. A chave voltou treis vezes ás mãos de Onofre e desta terceira vez ficou em seu poder. Eu ainda estava em serviço da Brigada quando Pimenta tratava do assumpto da fuga dos Coroneis e indo eu um dia ao Campo de Sant'Anna

ou da Acclamação ou da Honra, encontrei com um official reformado de nome F. de tal Chaves o qual tinha entrado na nossa revolução e por se ter portado muito mal retirou-se para a Côrte e este official me convidou para irmos ao Quartel da Artilharia que ficava a pouca distancia do lugar aonde nos tinhamos encontrado, ao que annui e ao entrarmos no largo corredor que por elle tinhamos que seguir para irmos ao quarto de um official que Chaves queria apresentar, ouvimos um — psiul. psiul. Chaves deu volta e encontrou-se com o Pimenta. Vou responder: Pimenta estava preso, os Coroneis não sabiam delle porisso é que Chaves depois que Pimenta revelou o segredo que havia entre elles treis, foi Chaves á Fortaleza afim de substituir o Pimenta. Quando Chaves apresentou-se para continuar a obra principiada pelo Pimenta os Coroneis negaram-se a acceital-o porque não depositavam muita confiança; porem como Chaves revelou-lhes todo o segredo, tiveram elles de acceitar os serviços de Chaves.

Passo agora a explicar a segurança que exteriormente tinha a horrenda porta da prisão: — Treis eram os braços de ferro que estavam com as pontas encravadas nas paredes á direita e á esquerda dos portaes que eram de pedra de cantaria, isto é, um delles estava embutido na chapa da porta, mas todo em linha recta e com outra ponta posta em linha recta porem baixas; os braços tinham treis palmos ou pouco menos de comprimento cada um delles e em suas extremidades havia um argollão fixo e por estes argolões passava um varão de ferro, como acima disse, tendo em uma ponta uma grossa cabeça e na outra um furo no qual se enfiava a argolla de um grosso e forte cadeado de maneira que estando o varão corrido pelas treis argollas, ainda que abrissem a porta com a chave, sem abrir o cadeado não poderiam sahir daquella prisão. Já disse que as chaves estavam promptas e só faltava usal-as na occasião precisa e esta occasião chegou. Chaves apresentou-se uma noite em casa do serralheiro aonde estavamos e convidou-nos a segui-o. Marchamos, tendo cada um de nós uma pistola de espoleta e com muitas espoletas que entre nós repartimos e um bom punhal. Assim armados, chegamos na praia do Peixe e alli encontramos ás nossas ordens um escaler com quatro remadores, pretos cativos e junto ao nosso escaler estava um outro com outros remadores. Nós embarcamos e no outro escaler embarcaram treis homens, sendo um Joaquim Gonçalves, filho de Bento Gonçalves e mais dois individuos, dos quaes um era Antonio Borges da Fonseca e o outro João Francisco o qual tinha sido commandante de um corpo de permanentes que havia em Porto Alegre, organizado antes da Revolução. O escaler do Dr. Fonseca seguiu na nossa frente

e o nosso na esteira delle. O da frente tomou a direcção da Fortaleza da Lage e levava uma escada a reboque amarrada a um cabo; nós sempre na esteira delle, note-se que comnosco iam dois individuos mandados pelo Dr. Borges, sendo ambos sobrinhos delle. Quando largamos da praia seriam oito ou nove horas. Todos os remadores remavam á vontade e com cautella. A noite estava escura e serena. O mar manso, e nós entregues a profundas meditações sem sabermos qual seria o resultado da nossa commissão. Eu e meus companheiros estavamos promptos para lutar e dispostos a succumbir na lucta; é possível que os dois do Norte nos acompanhassem. Ao nos approximarmos da Fortaleza, grita uma sentinella: — Oh do escaler o que quer da Fortaleza? Afasta da Fortaleza senão lá vae balla. Empresa frustrada disse eu a mim mesmo. Antonio Borges da Fonseca não se perturbou e gritou: — oh negro dos diabos eu não te disse que vinhamos muito sobre a Fortaleza?! Rema para o diabo — e aquelle escaler afastou-se da Fortaleza levando a escada a reboque. Chaves que vinha no leme do nosso escaler, disse aos remadores: — Não se afflijam, remem forte somente — e approou o escaler rumo da Barra da entrada para o Rio de Janeiro. O mar estava manso, como acima disse. A maré vasava e a corrente nos ajudava. Quando chegamos em certo ponto, antes da Barra, o Chaves mandou levar remos, nos deixamos levar pela corrente das aguas e depois, perguntou-me: — Caldeirinha (assim me chamava no tempo da Revolução) sabes governar com os cordões, á inglesa? ao que respondi-lhe affirmativamente. Pois então toma os cordões e fixa os olhos naquelle ponto negro que se avista no horisonte e disse ao cabo Custodio: — Accende o lampeão furta-fogo. A ordem foi cumprida. Vira a parte de vidro para o mesmo ponto — e José Custodio poz a parte de vidro para o ponto negro. Chaves ficou ao meu lado esquerdo e disse-me: — Vou passar por um somno e quando encheres algum signal daquelle ponto, chama-me. Eu puz-me a olhar esperando ver algum signal; somente vi uma luz que passou tres vezes pela parte de dentro de umas grades porem como não estivesse prevenido do signal que devia esperar, não chamei o Chaves. Elle pouco depois que vi a luz accordou-se e perguntou-me: — Não vistes nada? — Vi apenas uma luz. Aonde? No ponto negro, que passou por dentro de umas grades segundo me parece. Bem, disse elle: — José Custodio torna a por a face do vidro para o mesmo ponto. Custodio feriu o phosphoro e accendeu a vella e poz a face do vidro para o dito ponto. Agora, me disse o Chaves, esperemos um outro, isto é um segundo signal igual ao primeiro que vimos no ponto negro. Eu continui a esperar o segundo signal

que não demorou muito a apparecer e em seguida ao dito signal fizemos nós um terceiro e immediatamente mandou o Chaves que os remadores remassem com todo empenho e elles obedeceram. Na porta da Fortaleza de Santa Cruz que era o tal ponto negro, estava um lanchão ou escalor, fundeado a pouca distancia da praia, no qual tinha uma guarda de treis soldados e um cabo e antes de chegarmos ao escalor, Chaves nos disse: — meus amigos a nossa empresa é de sangue e morte; dentro daquelle escalor estão treis praças e um cabo. Nós temos de atracar o nosso escalor a elle. Os Srs. estão armados de pistolas e punhaes e quando dermos a abordagem, passarão para o escalor que está de guarda ao Porto, primeiramente sirvam-se dos punhaes e em ultimo caso lançarão mão das pistolas. Si algum companheiro for ferido, os outros companheiros agarrem-no e lancem-no ao mar. João Manoel de Araujo que reside actualmente nesta cidade era um dos companheiros da empresa e foi elle quem fallou dizendo: — como havemos de lançar um companheiro ao mar, nós que nos campos de batalha, passando por cima de nossos companheiros, muitos pisando-os com as patas dos seus cavallos ouvindo gemidos e gritos de dores, vendo correr tanto sangue, havemos de nos assustar só porque um de nós por acaso saia ferido? Chaves respondeu: Se me tocar essa sorte infeliz, ainda que o ferimento seja leve, lancem-me ao mar, e, disse aos remadores: — acunha remos. Os remadores remaram fortemente e em pouco tempo estivemos perto do escalor; porem eu que estava bem ao facto dos costumes dos soldados, tinha certeza de que aquella guarda estava dormindo, assim como estavam os dois filhos do Norte que tambem eram soldados disse em voz baixa ao Chaves: — Não atraquemos porque a guarda dorme e ao mesmo tempo vi ao largo do nosso escalor uns assobios e disse ao Chaves: — Alli assobiaram no mar, ao que respondeu: — bem conhecemos o Onofre que lutava contra a correnteza e immediatamente fomos soccorrel-o e elle entrou para o escalor e no acto de por meio corpo dentro, disse: Remem para a terra que tem mais companheiros. Não foi preciso voltar o escalor; remou-se um pouco á ré porque estavam sobre a sombra da muralha da Fortaleza e a poucas braças conhecemos o Coronel Corte Real, que era irmão de D. Maria Isabel que se acha residindo nesta cidade e naquelle tempo tinha chegado na Côte com sua mãe D. Maria Corte Real. Este Coronel entrou para o escalor dando poucas braçadas para chegar a nós. Chaves tomou o leme e seguimos para a cidade que, quando desembarcamos ouvimos o tiro que se costumava dar quando amanhecia o dia. Este tiro foi de peça e, dalli marchamos eu e os meus companheiros do Rio

Grande e os outros dois separaram-se de nós e entramos na casa do Luiz serralheiro. Este homem ficou admirado do nosso regresso á sua casa porque não contava com a nossa volta alli. Eu tive de dizer-lhe que mui breve seguiríamos o nosso destino com o que elle se conformou; porem, depois que almoçamos, veio elle dizer que tinha extranhado ter-lhe apparecido em seu salão de trabalho, um soldado da Brigada de Marinha e suspeitava que fosse um espião e se assim fosse elle ficaria desgraçado por sahír de sua casa quatro desertores e que portanto tratassemos de nos retirar de sua casa. E que tal esta sabida do serralheiro? Depois que Chaves ficou de posse do segredo da fuga dos Coroneis e soube que estavamos em casa do serralheiro, convidou-nos par irmos para outra casa que nella estaríamos mais a gosto. Como elle era o unico individuo que nos apparecia da parte dos que se empenhavam pela commissão, tínhamos que estar com a vontade delle e porisso seguimos o homem. Na mesma noute que nos fez a proposta de entrarmos para a casa de um velho alfaiate, nos mandou o dito homem que subissemos para um sotão que tinha duas janellas para a rua. Neste logar trabalhavam alguns officiaes os quaes tinham-se retirado para baixo por ordem do mestre porem um delles tinha deixado por esquecimento uma peça dependurada em uma corda. No dia seguinte ao da nossa entrada na casa, o tal sujeito subio a escada e apresentou-se na sala do sotão, fez-nos uma cortesia e baixou levando o objecto que procurava; elle subiu porque o mestre não tinha tirado a chave da porta que dava para a escada.

A visita do tal sujeito não nos foi nada satisfactoria. Nós tomavamos café lá em cima e jantavamos embaixo com a familia do mestre. Ao meiodia jantavamos depois que os officiaes se retiravam e o café tomavamos antes que elles entrassem para a sala e porisso só fomos vistos pelo tal que subiu. O Chaves vinha na casa seguidamente, porque tinha alli a sua amasia e porisso fazia-lhe conta que alli estivessemos para com o que elle dispendia connosco, isto é, com o fornecimento que tínhamos, elle podia sutsentar a madama, porem nós não estavamos satisfeitos naquella casa e temíamos sermos denunciados qualquer dia. Depois de alguns dias de estarmos naquella, fomos novamente para a casa do serralheiro Luiz o qual nos recebeu com muito contentamento e alli estivemos até que fomos desempenhar a empresa. Já disse que quando saltamos em terra nos separamos dos dois filhos do Norte e que fomos para a casa do serralheiro e não fallei nos outros que ao saltarem em terra tomaram outro rumo porem ao atravessarmos uma rua encontramos os treis que tinham saltado primeiro que nós e que eram os Coroneis e Chaves e cada qual

seguimos nossos destinos. Pela má vontade e pelas razões que manifestou-nos o serralleiro, tínhamos de sahir daquella casa e tratamos de sahir na noute seguinte. José Custodio sabia a casa de uns estudantes e sabia que Joaquim Gonçalves não morava na casa para a qual fomos quando deixamos a Fortaleza das Cobras. Pois bem, disse eu, vamos a esta casa que talvez lá encontraremos o Gonçalves e para lá encaminhamos os nossos passos e nella encontramos o Joaquim Gonçalves. Elle ficou muito admirado do que comnosco se passou e disse-nos: — Eu vou entender-me com estes Srs. para consentir que os Srs. se conservem aqui emquanto eu vou á Fortaleza da Lage fazer-lhe ver o estado de abandono em que estão e elle de lá mesmo dará algumas providencias. Nós alli ficamos aquella noite e o dia seguinte; deram-nos para almoçar uma chavena de chá com uma fatia tão fina que não tinha quasi miolo. Não me lembro o que nos deram para comer, nós já não tínhamos barriga. Antes que naquella casa se accendesse vela appareceu-nos um Sr. Carvalho que eu conheci em Porto Alegre — antes da revolução e perguntou: — Qual dos Srs. faz cabeça aqui? Nós estávamos encostados a uma janella, com as costas para ella e então eu respondi: — Meu Sr., aqui, todos nós somos um, porem eu em nome dos meus camaradas ouvirei e responderei o que quizer de nós saber. Meus Srs., disse o tal sujeito, os Srs. são desertores da Ilha das Cobras, eu estou estudando mathematicas, não tenho nada com a politica da Provincia do Rio Grande do Sul e não podemos consentir por mais tempo a conservação dos Srs. nesta casa. Os Srs. sahirão della agora mesmo, do contrario, aqui está a chave — e apresentou-nos a dita chave, e tomem conta da casa, porem eu tenho o dever de dar parte ao dono dela, quem são os inquilinos que nella deixo. A cadeia do Aljube está aqui bem perto e se os Srs. aqui ficarem amanhecerão dentro della. A resposta que lhe dei foi a seguinte: Meu Sr. eu em nome dos meus companheiros agradeço os obsequios que os Srs. nos têm prodigalisado e, disse: Marchemos companheiros. Nos dirigimos para a porta da escada e por ella descemos depois de lhe termos desejado uma boa noite. Para onde nos deveríamos encaminhar? Pois bem, meus amigos, marchemos para a casa do Alfaiate que talvez alli tenhamos noticias do Chaves. Para lá, marchamos. Tínhamos que passar pelo Largo de São Francisco de Paula e junto ao Theatro de São Pedro. Era noite de Theatro chegamos na porta delle na occasião em que D. Pedro II entrava e alli estivemos pouco tempo, seguimos para o nosso destino, que era a casa do alfaiate. Tínhamos caminhado poucos passos quando disse um dos companheiros — alli vae o Chaves. Approximei-me agarrando-lhe pela aba do casaco. Elle vol-

tou-se e perguntou: — Quem me pega na casaca? Respon­di: — Sou eu — Elle disse: — O que ha? Daqui, todos nós iremos para a cadeia ou nós sahiremos desta má situação em que estamos na rua. Sigam-me a pouca distancia para verem onde eu entro e no corredor da casa onde eu entrar, me esperem. O homem marchou e nós nas pisadas delle e na casa em que o dito entrou, entramos nós e ficamos no corredor que estava escuro. Elle esteve o tempo que quiz naquella casa e depois desceu e nos disse: — O dono da casa está no Theatro. Eu vou lá fallar com elle. Esperem aqui até á chegada delle. Ficamos muito tempo no corredor e em silencio. A noite estava calma, o povo acudio ao Theatro e porisso naquella localidade reinava silencio. Ouvimos pisadas de muitas pessoas que marchavam com passo egual e conhecemos que eram soldados que vinham para a praça porem chegaram na esqutina e descânçaram armas. Então disse eu! — São soldados de patrulha e como é noite de theatro ella é dobrada. Pouco tempo alli estiveram e contramarcharam. Ficamos com a alma em paz, porque tinhamos combinado de não nos entregar, succedesse o que succedesse. Approximou-se a meia-noite quando ouvimos as pisadas de um individuo que se encaminhava para a casa, onde estavamos. Dissemos nós: ahí vem o dono da casa. Este ao entrar deu um grito e perguntou: — Quem está aqui? O Sr. não fallou com o Chaves? Sim, esperem aqui que eu vou ver comodas para os Srs. Chegou de volta e disse-nos não poder encontrar melhor arrumação para os Srs. a estas horas do que uma casa de pasto. Os Srs. entrem e ponham-se em roda da mesa. Os que estiverem lá sahirão logo e os que forem entrando julgarão que os Srs. foram os ultimos que chegaram. E si chegar um soldado da Brigada? Foi a observação que lhe fiz. Ah! isto, é outra cousa, respondeu-nos, nesta casa não ha lugar para os Srs. Pois então meu Sr. tenha boa noite, respondi-lhe e nos retiramos, seguindo aquella mesma hora para a casa do alfaiate na qual balemos e fomos recebidos e durante a nossa ausencia nada de novidade tinha havido a nosso respeito. Militão não fez parte da commissão porque quando estivemos nesta casa a primeira vez, elle foi visitar um cunhado e não voltou. Passados alguns dias depois que tinhamos entrado pela segunda vez na casa do alfaiate, estando nós na mesa, jantando, chegou uma preta escrava de uma filha do mestre alfaiate e disse: — Meu Sr. a minha sinhá manda dizer ao Sr. que vá lá que ella quer fallar com o Sr. Respondeu elle: — Diz á tua Sra. que eu não vou lá e que se ella quizer que venha cá e que se o negocio é meu, que se perca. A preta, com tal resposta retirou-se. João Manoel de Araujo disse ao velho, o Sr. podia ir ver o que a sua filha

quer. Talvez seja alguma cousa que ella tenha precisão da sua presença e a esta observação, o velho disse: — Ha de ser qualquer asneira. Lá não vou. Passaram-se treis ou quatro dias e a preta apresentou-se na sala do velho na de jantar, e disse: — Meu Sr. a minha sinhá manda dizer que fosse lá em casa hoje, sem falta. O velho respondeu o mesmo que já tinha respondido a primeira vez. Então a preta chamou a mulher do velho e fallou com ella em voz baixa e esta mulher chamou o marido que attendendo, foi fallar com a preta e depois de ouvil-a, chegou á mesa muito espantado e dirigiu-se ao João Manoel de Araujo e perguntou: — O Sr. é Ajudante? Porque pergunta se eu sou ajudante? O velho respondeu: — Porque o Sr. tem pêra, ao que o Araujo disse que sem ser ajudante sempre usou pêra. E o que diz a preta, aconteceria alguma desgraça na familia de sua filha que porisso a sua mulher não quiz comer mais? — Não Sr., é porque no largo de D. Manoel dizem que em minha casa tem uns desertores da marinha. E que tal esta noticia que o velho recebeu? Eu tomei a palavra e disse: — Para provar, eu e os meus companheiros vamos nos preparar para dar um passeio na cidade. Deixamos a mesa e subimos. Embrulhamos as pistolas em lenços, cada um com a sua, mettemos os punhaes nas mangas das nossas jaquetas e sahimos para a Rua, um por um, em longa distancia que sempre fossemos, sempre avistando uns aos outros. Seguimos para a Praia Vermelha aonde estavam dois riograndenses irmãos do Antonio Manoel do Amaral, que morreu na villa de Jaguarão, trespassado por uma bala, que sahiu de dentro de uma casa, quando elle se retirava, depois que tinha nella entrado com o seu corpo, com o fim de convidar os ditos irmãos para virmos para a Provincia, por terra. Esta repentina ideia tivemos por causa do abandono que nos tinham feito. Os dois amigos não quizeram acceitar o nosso convite. Então voltamos para a cidade com o fim de entrarmos para a casa do alfaiate visto termos sahido pelas treis horas da tarde como para darmos um passeio e, depois de lá chegarmos, nos informariamos do que houvesse se passado com a nossa ausencia. Dona Maria Corte Real tinha chegado ao Rio sete ou oito dias depois que o Coronel Corte tinha fugado. Nós não sabiamos da sua chegada á Côrte e quando vinhamos em direcção á casa do velho alfaiate, encontramos um individuo de nome Lacerda, conhecido do cabo Custodio. Este foi quem conheceu Lacerda e se dirigiu a elle o qual disse-nos que passando dois corredores, as portas estavam abertas, entrássemos que a Sra. estava em casa. Seguimos e entramos no corredor indicado. Subimos pela escada até a porta que por ella se entrava para a sala do sobrado e alli bati palmas e apresen-

tou-se Antonio Corte Real, filho de D. Maria Corte Real e perguntou: — Quem é? Uma visita para D. Maria Corte Real. Minha mãe, aqui está uma visita para a Sra. Diz-lhe que entre, Xolinga. Entramos e quando estávamos na sala o Sr. Antonio Corte Real reconheceu-nos e disse: Minha mãe, são os, venha. Esta Sra. apresentou-se na nossa frente. Depois de a termos saudado com todo o respeito, eu disse: Minha Sra. andamos pelas ruas desta cidade sem destino e como fazem 5 ou 6 minutos que fomos informados que a Sra. aqui morava, vimos pedir a sua protecção. — Xolinga, leva esses Srs. para a varanda e manda fazer uma ceia para elles que já vou attendel-os, foi a resposta que deu. O Xolinga estava bem ao facto dos serviços que ao seu irmão tínhamos prestado assim como D. Maria a qual não se fez esperar muito, apresentou-se na varanda e alli ficaram ella e Xolinga bem informados dos nossos trabalhos desde que tínhamos desertado da Fortaleza da Ilha das Cobras. Sinto muito que os Srs. não podessem me procurar a mais tempo desde já contem com a minha protecção e os Srs. daqui não sahirão; só se quizerem. Si o meu filho Affonso soubesse do que lhes tem acontecido, elle já teria dado algumas providencias, e calou-se porque Xolinga disse: Minha mãe elles não tinham quem lhes desse informações do mano Affonso e porisso é que tem apparecido tantas. D. Maria Corte Real respondeu dizendo: — Não são faltas, Xolinga, são desgraças. Mulata, disse D. Maria, apresse a ceia. Durante a ceia, que logo appareceu, informamos a esta Sra. e a Xolinga tudo quanto se tinha passado connosco. Depois do chá fomos guiados pelo Xolinga para um quarto de dormir em que estavam quatro camas e alli ficamos muito a nosso gosto. No fim de poucos dias que alli estávamos, na casa chegou, uma noite, o Sr. Lacerda e disse-nos que ia nos fazer uma visita. Depois dos primeiros cumprimentos, perguntou si não estávamos aborrecidos daquelle acampamento, porque o soldado quando está muito tempo em um acampamento quer a mudança de lugar e como nós eramos soldados devíamos desejar mudança de acampamento. Não Sr., nós aqui, por óra estamos muito bem, ao que elle replicou dizendo: — Mas sempre é bom fazerem a mudança para outra casa, por aqui tem famolos, e, para a casa que está destinada para os Srs. ha mais cautella; pegou no relógio, viu as horas e convidou-nos a segui-lo. Perguntamos-lhe: — E a nossa pouca roupa? Elle respondeu que lá nós tínhamos tudo. Despedimo-nos da D. Maria e seguimos o nosso homem. Atravessamos muitas ruas da cidade até chegarmos a uma praia da mesma. Alli, encontramos um bote com dois remadores de cor preta. Nelle embarcamos e fomos saltar em terra, numa ilha fronteira á cidade. Lacerda

levava um bom fiambre de carne de porco e vinho. Ceamos bem e depois embarcamos no bote, seguindo o rumo da barra do Rio de Janeiro, aonde encontramos uma embarcação que estava ancorada. Para ella entramos e baixamos á camara e encontramos Onofre, Côrte, Joaquim Gonçalves e Chaves. Era uma escuna a tal embarcação e tinha de carga um bom carregamento de fumo. O Commandante della tinha deixado um vão no meio dos rolos de fumo para nos escondermos quando chegasse a visita da Alfandega e a da policia, porisso que a escuna já estava fóra do porto da cidade porem não podia largar sem ser registrada. No dia seguinte chegou a primeira visita, a da Alfandega e depois a da policia. A primeira depois de cumprir o seu dever, retirou-se. Chegou a segunda. Agora é que era o nosso aperto. A autoridade policial com uma escolta de soldados pisaram no toldo da escuna e procedeu a uma busca muito minuciosamente, e nós no fumo. Como não encontrasse nada retirou-se com a sua escolta e a escuna largou. Ao passarmos pela frente da masmorra de Santa Cruz, o porta-voz chamou o commandante da escuna á falla, perguntando, — que escuna é essa, como se chama, para onde vae, quem é o commandante? A todas as perguntas, dizendo: — E' a Portenha, para Buenos Ayres, e disse o seu nome que não tenho lembrança delle. Da Fortaleza, respondeu o porta-voz: — Boa viagem. A escuna seguiu sulcando as lisas ondas do oceano, pondo poucas milhas por hora por causa do pouco vento que havia, levando a seu bordo um punhado de rio-grandenses que voltavam á patria para de novo sacrificarem-se pela republica e pela liberdade.

Como eu não tenha tocado em alguns factos que se deram, já na cidade, já nas Fortalezas acima mencionadas, cumpre-me explical-os para que não fiquem sepultados nas trevas do esquecimento. Joaquim Gonçalves tinha alugado uma escada de taquaras com degraos de boa madeira. Esta escada era de um carpinteiro e foi a reboque na popa do escaler que foi com a commissão para receber Bento Gonçalves e quando Borges mandou remar para fóra, tomou distancia sufficiente, mandou largar a dita escada ao som das aguas. No dia seguinte esta escada foi encontrada em secco, um pouco acima do porto da Fortaleza e tambem viram os lenções emendados por onde Côrte mandou recolher a escada para a repartição policial, mandou chamar, pelo orgão official o dono da dita escada, para declarar que uso tinha feito daquella escada. O dono della apresentou-se ao Chefe de Policia e declarou que tinha alugado uma escada feita de taquaras ao Sr. Joaquim Gonçalves, pelo preço de tal, e tambem deu o cumprimento della. A' vista da declaração dada pelo interrogado, o Chefe de Policia apresentou

a escada a elle dono, e este disse que aquella era a mesma que tinha alugado a Joaquim Gonçalves e tambem disse que o tempo pedido por Gonçalves já se tinha passado e que tinha sido só para a noite passada. O Chefe de Policia mandou que o dono da escada se retirasse e immediatamente mandou citar ao Gonçalves para que se apresentasse naquella repartição no dia seguinte ás nove horas da manhã. Joaquim Gonçalves não faltou e no dia marcado apresentou-se. O Chefe de Policia fez-lhe as perguntas que achou conveniente e a todas ellas Gonçalves deu sahidas que em nada lhe compromettia directamente sendo uma das suas respostas, a seguinte: — Puz a escada pela parte dos fundos de um sobrado, encostada a uma janella e como me visse mal lancei-a ao mar porque o sobrado estava junto á praia. Pode retirar-se, respondeu o Chefe. No dia seguinte foi Joaquim Gonçalves novamente citado para comparecer em uma audiencia dada pelo juiz da Paz e Joaquim Gonçalves não foi á audiencia e porisso é que elle passava alguns dias em casa dos estudantes, sendo um delles o celebre Carvalho. Quando os Coroneis subiram para o escaler e o Chaves tomou conta do leme, o Onofre perguntou: — Quem são os amigos que me vieram dar vida e liberdade arrancando-me desta masmorra onde estava sepultado? Nenhum de nós respondeu e quem respondeu foi o Chaves. Ah! caros patri-cios, ainda aqui vieram dar provas do seu valor e patriotismo. Os Srs. serão os meus companheiros inseparaveis enquanto eu viver. Depois que elle disse essas palavras, eu disse: — Vim cumprir com o meu dever. Os outros companheiros agradeceram e disseram que estavam promptos para o acompanhar. Chaves alguma cousa disse a nosso respeito, que nos gloriava. Quem havia de esperar que aquelle homem que acabava de dizer-nos o que disse, não cumprisse! Quando o nosso escaler chegou á praia na qual desembarcamos, Onofre foi o primeiro que saltou em terra e após elle o Chaves, e como eramos os ultimos a sahir do escaler, quando pisamos em terra elles se tinham alongado de nós sem nos ter dado destino. Eu me vi obrigado, pelas tristes e quasi desesperadas circumstancias em que nos achavamos, a gritar dizendo-lhes: — E nós?! E nós?! Chaves separou-se delles e disse-nos: — Vão para a casa do serralheiro.

Agóra sigamos a nossa viagem para Montevidéo, que durante ella tivemos duas grandes corridas pelo centro dos mares. Se digo centro dos mares é porque vimos as treis cores do oceano, sendo a primeira branquicenta, a segunda verde gaia e a terceira era azul da cor do firmamento. Vimos passaros de toda classe que ha nesta parte da America. No centro daquelles mares é que se conhece o valor dos marinheiros. Aquelles ho-

mens lutam com o poder da natureza. O marinheiro em terra é para outro, homem; porem, no centro dos mares, dentro de uma casca de nós, são uns heróes. A nossa escuna soffreu duas corridas pelo mar a dentro, levada pela vontade do tufão. As velas foram ferradas a tempo, porque o commandante e dono da escuna Portenha era um bom marítimo. O homem de leme estava amarrado e tanto de noite como de dia o mestre e dono dizia — folga e alivio. As cavas das ondas queriam engulir a nossa casquinha de nós porem ella não se deixava ficar nas profundas cavas do mar. Só o grande oceano pode demonstrar-nos o que vale o poder da natureza, ao passo que o poder humano zomba della. Para quem tem vontade não ha nada impossivel. Quem havia de julgar que o Onofre e Corte Real fugassem de uma prissão sub-terranea da qual se poderia dizer ser um impossivel, abrirem as fechaduras com braços de homens que nella estavam encerrados! Só um braço de Onofre. Este bravo Republicano desde que entrou para a prisão da Fortaleza de Santa Cruz, repartia as suas provisões de bocca com as sentinellas que lhe ficavam á vista na area que já acima falei e tambem ellas tomavam algum copinho de vinho porisso quasi toda a guarnição daquella Fortaleza tinha recebido do Onofre aquelle trato quando estava de sentinella a elle e aos mais presos. Na noite que Onofre e Corte haviam de ausentar-se daquelle inferno, prepararam um copo com bom vinho. As primeiras sentinelas tomaram do vinho que não estava composto porem a sentinella que veio na occasião que elles deviam sair tomou do que estava composto. Na sala contígua á do Onofre (prisão immediata) estava accordado um official que se achava alli como tendo pertencido á revolução mas este official pareceu a Onofre e Corte Real, que estava como espião delles e porisso no momento preciso, Corte lançou-se ao tal official que tinha sido ajudante do Batalhão 3.º, estacionado em Porto Alegre e poz-lhe um punhal ao peito enquanto Onofre abria a porta e o cadeado e corria o grosso varão pelas argollas. Onofre e Corte Real depois que pisaram na area, subiram a rampa, chegaram ao pé da pequena porta para onde se entrava para vir á dita area, saltara o baixo muro que estava acima do piso da praça e se encaminharam para o lugar onde morava o commandante da Fortaeza de nome Epiphanio (era major) o qual morreu no ataque do Rio Pardo no da 3 de abril de 1838, sempre encostados ao mesmo muro, ficando-lhes á esquerda as prisões militares as quaes ficavam separadas do dito pelo espaço que havia da largura da praça e depois que subiram os degraus de uma pequena escada pisaram no aterro feito para levantar esta parte em a qual estava a casa do dito Commandante e por ella passaram deixando a á direita e chegaram á

muralha e amarraram um lençol no delgado da bocca de uma peça e os outros já estavam emendados e amarraram em uma das pontas dos que estavam emendados e por esta escada branca sem degrãos elles desceram e pisaram na base da muralha da Fortaleza. Onofre foi o primeiro que se lançou ao mar e levava quatro bexigas servindo-se dellas como salvavidas. Uma dellas foi a que lhe serviu porque as outras os peixes furaram. Quando o avistei elle nadava com um só braço, o esquerdo e o mais, já está explicado acima. A nossa chegada em Montevideo foi na noite do dia 10 do mez de maio de 1837, os serenones principiavam a annunciar — a las 10 serena la noche. Nossa heroica ancorou enfranquia porque não levava carga para aquella praça e só o que precisava era provisão de bocca porque nós já estávamos a meia ração quando alli chegamos. No dia seguinte foi o mestre á terra e na mesma occasião dirigiu-se a um brasileiro chamado Silvestre, voltou com boas noticias que nos foram agradaveis. Na noite que chegamos a Montevideo passamos no porto do banco do Inglez, que a nossa boa Portenha arrastou os bordos na areia do banco. Si fomos áquelle logar foi porque nessa tarde um brigue — Barca Brasileira — que estava de cruzador, nos perseguiu por mais de duas horas e nada poudes fazer porque o commandante da Portenha vinha com muita vigilancia e de muito longe avistou o brigue e disse — aquelle brigue é cruzador nesta barra e temos de tomar-lhe o bordavento e deu ordem aos marinheiros, dizendo-lhes: cassa as escotas e disse ao homem do leme — órça — órça tudo — e pegou no oculo de alcance e com elle viu que o brigue orçava e disse: — Nesta carreira do Rio da Prata não ha uma escuna tão veleira como a Portenha; ella assim como com o brigue corta a agua, tambem corta o vento. Tira as escotas, voltou-se para o homem do leme e disse: — Sustenta. Nós estávamos em cima da tolda e elle nos convidou para que assentássemos para não sermos vistos de bordo do brigue ou seria melhor baixarmos para a camara e isto fizemos. O vento foi soprando mais forte e a Portenha orçava o mais que podia. De vez em quando, ouvia elle dizer-me: — O brigue vem mas ha de ficar a sotavento. Não podendo o brigue tomar o barlavento á Portenha, afrouxou as escotas e poz-se ao largo mostrando as portinholas e deu um tiro de polvora secca. Então, disse: — Estamos fóra do alcance de bala. Por hora não mostro a bandeira com a qual navega a Portenha, só depois do tiro de bala mostrarei por ser de obrigação das leis maritimas de todas as nações amigas. Elle que acabava de fallar e veio o tiro de bala e a bandeira argentina foi içada na carangueja. Passou o brigue imperial e nós subimos. Então disse o mestre: — Afrouxa as escotas e põe ao largo.

Pelas treis e meia horas da noite estava a Portenha roçando a quilha na area do banco do Inglez, pela parte do norte. Logo depois da chegada do mestre, o dono da Portenha, a bordo chegou um guarda da Alfandega a bordo da Portenha com o fim de privar que fosse para terra algum contrabando. Nós fomos de novo para o fumo e alli passamos o resto do dia e quando escureceu, largou do porto de Montevideo, um bote com dois remadores e um homem ao leme. O commandante da nossa escuna tinha mandado safar os rolos de fumo para os lados e fazer um aberto até o rancho de proa para sahirmos por alli e subirmos para a tolda quando fosse tempo. Enquanto o tal bote vinha por entre os navios que estavam fundeados mais ao largo, o commandante esteve conversando com o guarda em cima da tolda, porém quando o bote teve que sahir do meio dos navios, o commandante mandou por o chá na mesa e convidou o guarda para tomar chá com elle e desceram para a camara ao passo que nós subiamos para a tolda e ao mesmo tempo o bote atracava á escuna, junto á corrente da ancora, baixamos e embarcamos nelle e dali fomos para a terra. Como não se passou nada de extraordinario durante a nossa estadia naquella cidade a nosso respeito, só direi que vim para a Provincia com o filho de Bento Gonçalves, o Joaquim. Pouco tenho de relatar sobre o tempo que decorreu até o dia 30 de abril de 1838. Foi neste dia que atacamos a divisão inimiga que se achava no Rio Pardo. Eu tinha assentado praça no primeiro Corpo de lanceiros de primeira linha ao mando do major Teixeira e fui nomeado sargento ajudante. Na vespera do dito ataque foram distribuidas treis mil setecentas e tantas divisas de morim bem branco. Todos tinhamos, cada um amarrada a sua no braço direito que era para não haver engano entre os companheiros e depois formou-se o nosso Corpo em linha e o Commandante entregou-me o estandarte da Republica e nomeou um pelotão de cinco soldados para guarda do Estandarte, mandou collocar-me no centro da linha e retirou para a frente do Corpo com a frente para a linha e disse: — O Corpo amanhã entra em combate. O lugar do commandante é aqui, onde estou, sendo o ataque em linha, o commandante ataca na frente. O estandarte segue o Commandante e o Corpo segue o Estandarte. Eu disse para mim mesmo — aonde irás nesse mico que eu não te siga? — porque eu estava bem montado — e disse ainda mais: Se o Corpo seguir o estandarte, amanhã arde Troia. Disse o Commandante — e se atacar por esquadrões o commandante atacará na frente do primeiro esquadrão e o estandarte se collocará na retaguarda do segundo esquadrão e o estandarte se collocará na retaguarda do segundo esquadrão, cobrindo a segunda filla da esquerda.

O Corpo marchou e tomou posição sobre a direita do inimigo, ficando na nossa frente um braço do Jacuhy e antes de amanhecer o dia atravessamos o dito braço. Canabarro estava assistindo á passagem do dito corpo e disse: — Vão passando e tomando distancia para os outros esquadrões terem lugar para formar e, depois que o corpo estava formado por esquadrões, Canabarro disse: — Sr. Capitão Ribeiro, marche na direcção a sua gente e quando chegar na ponta daquella coxilha mande rodar a direita e ataque de espada sobre a testa daquella collina que eu vou mandar o corpo de Lanceiros atacar de flanco. Ribeiro seguiu a galope e Canabarro gritou: — Sr. Ribeiro! Este voltou a cara e Canabarro disse: Quero ver hoje os bravos da Eneruzilhada. Ribeiro seguiu a galope com os seus dois meios esquadrões e quando chegou na ponta da dita coxilha mandou rodar á direita e subio sempre a galope porem não carregou de espada em punho como Canabarro lhe tinha ordenado porque queria ver a confusão no inimigo e mandou descarregar as armas dando uma descarga na testa do inimigo o qual era composto de 500 homens e o nosso corpo tomou a Coxilha e carregamos no flanco esquerdo do inimigo que tentou salvar-se dando treis meias voltas porem não havia tempo porque já as nossas lanças trabalhavam no centro daquella força que alli mesmo, no acto da carga que soffreu, ficou derrotada apenas entrando pela porteira da olaria de Manoel Bento um grupo do inimigo que se fez forte do lado de dentro da dita porteira e guarneciam a mesma com lanças porque ella estava collocada entre o muro que havia da casa á dita olaria. Quando os lanceiros fizeram a carga no inimigo, o commandante Teixeira foi misturado com elle e foi nessa occasiao que recebeu um tiro de bala no hombro e porisso não seguiu na frente do esquadrão quando o dito corpo tomou posição na porteira. Os clavineiros do grupo inimigo faziam fogo sobre os lanceiros que fizeram alto perto do inimigo. O commandante do primeiro esquadrão de lanceiros morreu junto á porteira; o official (primeiro tenente) estava rouco, não podia fallar; o segundo tenente do mesmo esquadrão tinha ficado com o cavallo cançado. Os lanceiros estavam sem ter quem os mandasse. Pois bem, disse para mim mesmo — Os lanceiros seguirão o seu estandarte e marchei para a frente do corpo que se achava dividido por divisões. Cheguei na frente da primeira divisão como o estandarte bem levantado e no momento da minha chegada appareceu uma massa de tropa pela nossa direita e os nossos lanceiros julgando ser inimigos, moveram-se como para uma retirada porque estavam entre dois valos guarnecidos com maricás e a pouca distancia para a nossa retaguarda estava o campo do nosso ataque levado ao inimigo.

Não tínhamos perdido terreno algum, quando ouvimos a voz do Tenente Coronel Crescencio que commandava a nossa Brigada, dizendo: — Corneta, toca silencio. O corneta tocou e então elle disse: — Briosso Corpo de Lanceiros, eu vim do Rio Grande somente para conhecer o valor deste Corpo. O inimigo se acha vencido por todos os pontos em que foi atacado. Só resta na nossa frente meia duzia de escravos. Toca avançar, corneta; e este tocou avançar. O Corpo de lanceiros avançou a um tempo e sem sentir entrei pela porteira e o Corpo na minha retaguarda. Pela nossa direita vinha o Netto na frente da cavallaria que tinha tomado a artilharia inimiga porem nós tínhamos desalojado o inimigo da posição da porteira, seguimos perseguindo o tal grupo que não se debandava de todo, e porisso ordenei ao sargento Antonio Nunes que me cobrisse a frente e ordenei a outras praças que avançassem para a frente e carregassem. Vinham me seguindo quatrocentos e tantos lanceiros, isto é, seguindo o estandarte da Republica. Não sabiamos do Commandante Teixeira. Como o ponto da reunião do nosso Exercito era na praça de baixo, eu marchei para ella e ordenei ao sargento que não perseguisse mais o inimigo, que se atirava para dentro de uns valos e dalli para o malto do Jacuhy.

Ao chegarmos na rua do Sr. dos Passos é que o Teixeira tomou conta do Corpo eu quiz retirar-me mas elle não consentiu. O sargento Nunes está morando aqui nos arrabaldes desta cidade e é testemunha fiel. Foi Nunes um dos soldados mais bravos que teve a Republica. João Manoel d'Araujo mora actualmente nesta cidade, José Custodio Alves reside na cidade no alto da Bronze casa n. 101.

Passamos pela dita praça e fomos ao porto do Rio Pardo ao alcance do General Sebastião Barreto que tratava de embarcar a carga de duas carretas que ficamos com ellas; porem sem a carga e, deste logar contramarchamos para o dito ponto da praça e como ouvimos descargas de fuzilaria passamos por ella e quando subiamos a rua do Palhares, Teixeira teve ordem do Crescencio para marchar para o logar da ponte do Rio Pardo e para lá marchamos. Acima disse que Teixeira estava ferido e como era leve o seu ferimento, pouco lhe encommodava. Ao chegarmos embaixo, deante da ponte, fizemos alto á espera de um Batalhão de Infantaria que por ordem do Crescencio já vinha em marcha para atacar o inimigo que estava se fazendo forte no tal logar. Veio só uma allá do Batalhão que foi organizado em Porto Alegre, depois da Revolução e ao approximar-se esta força o Tenente Coronel Nunes Teixeira mandou formar allas, e a Infantaria passou por entre allas de Lanceiros e Crescencio nesta occasião disse: — Avança

Batalhão da Gloria. Era esse o primeiro Batalhão acima dito. Vinha na frente o Capitão Anastacio substituindo o Major Anacleto que tinha morrido no ataque e disse o Capitão: — Corneta, toca avançar. O corneta tocou e o Batalhão tomou o lombo de uma esplendida coxilha e depois o Capitão mandou tocar — estender á direita e fogo. A alla esquerda estendeu-se em duas linhas singellas e fazia fogo avançando e obedecendo ao toque de corneta e os lanceiros foram subindo a coxilha pela esquerda da linha. O inimigo estava formado na frente da ponte ou junto a ella e fazia fogo por descargas successivas e a nossa linha arando porem quando o official inimigo viu-se perdido mandou formar circulo e virar as armas de bocca para baixo e embainhou a sua espada. Então cessou o fogo da nossa Infantaria e o Coronel Crescencio, Teixeira que era Major e não Tenente Coronel como acima disse e eu fomos aonde estava o bravo official da Legalidade que tão honrosamente soube sustentar o seu posto de honra militar. Chegou Crescencio e disse ao official que se achava na frente do circulo: O Sr. official está prisioneiro com os soldados que comanda. Estejam descansados que as suas vidas estão garantidas. Nós não matamos ao inimigo desarmado. Capitão, disse o Crescencio, receba as armas destes soldados; o Capitão recebeu as armas e os prisioneiros seguiram ao Capitão por ordem de Crescencio e este perguntou ao Tenente inimigo aonde estava o Mendanha com os musicos e o official respondeu que elles estavam em uma casa immediata á ponte. Pois que appareçam que serão tratados como prisioneiros. Havia matto na margem do Rio Pardo e Mendanha e seus musicos tinham se ausentado nelle porem vieram logo, faltando uma figura, como disse Mendanha. Os lanceiros acamparam fóra da villa e alli estivemos treis dias e depois passamos o Jacuhy e marchamos para os campos de Piratiny, Capital da Republica, lugar onde se achava o governo da Republica. Bento Manoel nomeou uma commissão para arrecadar fazendas das casas de negociantes inimigos da causa Republicana e entregou ao Coronel Onofre que era o chefe desta commissão uma lista dos individuos que deviam passar pelo desgosto de ver sahir os seus generos daquella maneira, sem lhes pagar. Onofre que era o Chefe, não querendo que o seu nome apparecesse como um saqueador, passava recibo citando o nome de Bento Manoel, quem lhe tinha ordenado para aquella commissão. Formou-se em Rio Pardo uma arrecadação, ou deposito dos generos que tinha Onofre apartado muito a sua vontade os quaes foram entregues ao Luiz Palmeiro. Agora vou explicar como o nosso exercito atacou o inimigo que estava em Rio Pardo. A primeira divisão atacou o flanco esquerdo inimigo a segunda pelo

centro e a terceira pela direita do inimigo. A primeira era commandada pelo Coronel Onofre composta de Infantaria, sendo Rolão commandante desta e João Antonio da Silveira commandante da Cavallaria em proteção. O Coronel Marcelino commandava a Infantaria que tinha vindo do sitio de Porto Alegre, e Onofre commandava esta força, composta de cavallaria que pertencia á segunda divisão. Canabarro commandou a terceira que atacou pelo flanco direito do inimigo a qual se compunha dos Corpos 1.º, de primeira linha (clavineiros) e primeiro de lanceiros de primeira linha, sendo seu commandante o Major Antonio Nunes Teixeira e não Tenente Coronel como acima disse. O General Netto Commandava uma divisão de cavallaria e o General Bento Manoel era o commandante em chefe deste pé do nosso Exercito e ficou elle com a nossa Artilharia enfrente a uma casa na distancia de umas vinte quadras mais ou menos do ponto mais avançado do inimigo, sendo esta guarnecida com infantaria e pouca cavallaria. Quando tomamos as posições acima ditas, Bento Manoel disse: o inimigo está dentro do sacco agora é apertarmos a bocca. O signal para avançarmos era um tiro de peça disparado da nossa artilharia, mas o inimigo foi que nos provocou com um tiro de peça poque os seus bombeiros viram o nosso movimento. Ainda não era dia claro quando entramos em combate e porisso da bocca das armas de fogo se via sahir vivo fogo. As nossas forças dispostas como estavam quando ouviram o dito tiro avançaram a um tempo e no fim de trinta minutos estavam senhores da villa do Rio Pardo, ficando em nosso poder toda a força inimiga prisioneira, sendo dois batalhões, artilharia, carretas de transporte e o commissariado e no campo 400 e tantos mortos e feridos. Perdemos o capitão Cidade, commandante do primeiro esquadrão de Lanceiros e dois soldados que foram mortos junto á porteira da dita olaria e treze feridos levemente. Das mais forças nada sei do numero que ficou fóra de combate porque não tratei de saber. Bento Manoel mandou o Tenente Coronel Coelho commandante da sexta brigada de infantaria que tinha estado em Rio Pardo e tinha feito parte da cavallaria com a qual Netto compoz a força com que atacou o inimigo para sitiá a cidade de Porto Alegre e tomá-la. As mais forças seguiram varios destinos ficando Onofre de commandante da Villa do Rio Pardo e com muito constrangimento de sua parte. O governo da Republica estava na villa de Piratiny. Manoel Lucas de Oliveira tinha ficado com a primeira brigada de cavallaria chamando a attenção do inimigo que occupava a margem direita do Rio São Gonçalo. Bento Gonçalves tinha ficado commandando todas as forças de cavallaria daquella fronteira porque esperava um general inimigo com uma força para em-

brenhar-se nos campos de Piratiny e desalojar o Governo daquella villa depois de bater a Bento Gonçalves e quando o tal general se apresentou em campo e marchava sobre Bento Gonçalves, tinhamos nós batido a Divisão que estava em Rio Pardo. O General inimigo estava trocando notas com Bento Gonçalves, com muita arrogancia impunha a Bento Gonçalves para que dissolvesse a força e fazendo responsabilisar a Bento Gonçalves pelo sangue que se derramasse. Isto me foi dito pelo Joaquim Gonçalves que se achava com o pae naquella occasião. Bento Gonçalves tinha recebido a participação do triumpho do ataque a Rio Pardo e na resposta que deu á nota do General, fez-lhe sciente da derrota da divisão inimiga que estava em Rio Pardo. Ao mesmo tempo, chegou-lhe a participação pelo Rio. Immediatamente contramarchou, retirando-se vergonhosamente, passando o dito rio São Gonçalo. Bento Gonçalves tinha ordenado ao Crescencio que se approximasse do Passo dos Canudos (no Rio São Gonçalo e mandou construir um reducto na margem esquerda do dito rio que se batesse as canhoneiras inimigas que estavam defendendo o dito passo. Crescencio marchou com a infantaria, cavallaria e artilharia para o dito ponto e mandou levantar o reducto pelo tenente José Maria de Campos, official engenheiro que pertencia ao Corpo de Artilharia commandado pelo Major Vilça. No lugar em que se levantou o reducto havia muita „santa fé“ e porisso o inimigo que estava sobre a margem direita não poudo ver o trabalho que se fazia de noite e só teve conhecimento delle quando recebeu o primeiro tiro de uma peça nossa. Eu estava presente porque estava ás ordens do Tenente Coronel Silvano commandante da Brigada de Infantaria que tambem se achava no ataque do Rio Pardo. As canhoneiras retiravam-se do alcance da nossa artilharia depois de termos perdido uma praça e nós contramarchamos e em seguida marchamos para o ponto de reunião entre a Cachoeira e Rio Pardo e alli reuniram-se as forças que atacaram aquella divisão inimiga. Bento Gonçalves mandou chamar a attenção do inimigo nos Canudos para que as forças da legalidade estivessem divididas afim de não ser reforçada a divisão que estava em Rio Pardo, como aconteceu. Bento Manoel seguiu para o sitio de Porto Alegre e as forças da legalidade se reconcentraram nas duas cidades, Rio Grande e Porto Alegre, com pouca guarnição em S. José do Norte, ficando a campanha do Norte e Sul da Provincia dominada pelas forças da Republica. O sargento Antonio Nunes dará informações a respeito de algumas operações e combates que teve o Corpo de lanceiros antes de terem chegado á Provincia. Bento, como presidente e General estava em Piratiny. Netto acampou a divisão a seu mando na margem direita do Arroio das Pedras, Municipio

de Piratiny, composta dos primeiro, segundo e terceiro Batalhões de primeira linha, sendo o Coronel Marcolino commandante da divisão, inclusive o primeiro corpo de clavineiros e primeiro de lanceiros. Crescencio commandava a primeira brigada da Guarda Nacional de Piratiny, tida como trincheira da liberdade e alli estivemos acampados durante o inverno que deste acampamento distava 10 leguas de Pelotas e 5 de Piratiny. Bento Manoel depois que chegou no sitio de Porto Alegre tentou atacar a cidade mas não atacou porque os portuguezes foram obrigados a pegarem armas, uns por vontade e outros não e como a barra da Provincia ficou franca desde o principio da revolução, chegavam reforços para as forças que estavam na cidade e assim tambem para a cidade do Rio Grande. Fortes como ficaram estas praças não podiam ser tomadas de assalto porque tambem levantaram baluartes e boas trincheiras com fundas vallas na frente dellas e uma trincheira corrida do alto da Brigadeira ao Rio Jacuhy e para maior defesa estavam as embarcações de guerra bem estrategicamente collocadas. Todas estas praças estavam sitiadas pelas nossas forças. Canabarro, João Antonio da Silveira, Guedes e mais officiaes que commandavam forças de cavallaria, como Portinho, em diversos destinos, tomaram conta da campanha, incluindo no numero destes officiaes, Teixeira e Aranhas, que era Major e commandante de uma força em cima da serra. Teixeira já neste tempo feito Coronel e era o commandante em chefe da dita força de cima da serra. O corpo de Lanceiros marchou para o sitio de Porto Alegre e em marcha veio Teixeira tomar alli novamente conta do commando por se ter dado o seguinte: — Teixeira tinha ficado ferido em Rio Pardo e quando ficou bom marchou para o acampamento do Arroio das Pedras afim de receber o corpo que estava commandado pelo Major Moraes Velho. Moraes tinha servido com D. Diogo na India e era cadete e porisso chamavamos Velho, e era muito militar. Eu tinha muitos serviços ou direitos adquiridos, como acima principiei a relatar e como sargento ajudante cumpria o meu dever. Antes de atacarmos as forças da legalidade em Rio Pardo, veio servir no corpo de Lanceiros um Capitão da Guarda Nacional e não sendo este official da criação do dito corpo, não lhe tinha nenhum affecto e porisso era muito severo. Os lanceiros lhe tinham aversão de morte, porque elle traspasou um soldado do corpo com a espada por estar este soldado tomando em uma venda, sem se lembrar elle que tambem já tinha tomado sem regra. Elle servia de Capitão mandante e prepassou uma occasião commigo sem eu he dar motivo; isto foi em objecto de serviço e prendeu-me, note-se que eu estava servindo de ajudante interinamente e fui para a guarda do

corpo á ordem do commandante. O commandante passava naquella occasião pela retaguarda do corpo que estava formado em linha para fazer exercicio a pé. Eu pedi ao sargento da guarda que mandasse um soldado acompanhar-me que eu queria fallar ao commandante que passava a cavallo pela retaguarda do corpo e o sargento mandou o soldado. Marchei, e quando me approximava do corpo, um outro capitão que estava de estado marchou sobre mim e tomou-me a frente e perguntou: — Aonde vae? Eu respondi: Vou fallar com o Sr. Commandante. E com que licença? Com a do commandante da guarda. Disse-me: Recolha-se para a guarda, seu patife! Eu desembainhei a minha espada e apontando-lhe na direcção do peito, respondi: Si o Sr. tiver o atrevimento de repetir o que disse, filho da... traspasso-lhe com esta espada e puz-me em attitudo de feril-o. Elle retirou-se e eu fiquei com a espada na mão na frente da linha ou do corpo em linha. O Commandante do corpo passava pela retaguarda do corpo, como acima disse e nesta occasião eu dirigi-me a elle para relatar-lhe o facto injusto que commigo praticavam, os dois capitães e vendo-me com a espada desembainhada, apeou-se e dirigiu-se a mim com o relho com que tocava o seu cavallo, levantado e ameaçando-me e eu lhe disse: Não venha sobre mim dessa maneira, porque não lhe respeitarei. Elle volveu para retaguarda e depois fez frente para mim com os braços cahidos e com o relho baixo e perguntou: Sargento, quem sou eu? Respondi: E' o commandante deste corpo. Entregue a sua espada ao tenente Fidencio. Eu embainhei e entreguei-a. Depois de ter entregue, disse á escolta: Levem este sargento para o corpo da guarda. Montou no seu cavallo e seguiu-a e ao chegarmos a ella, disse: Si resistir á escolta, matem-no como inimigo da causa. Eu que ia na frente delles botei a mão na lança de um soldado, dei volta dizendo: Inimigo da causa é o Sr. que desertou do exercito da legalidade e veio refugiar-se nos nossos para hoje mandar matar um republicano, porem o soldado não largou a lança e eu segui para o corpo da guarda sem novidade e o commandante no acto de ter eu lançado mão da lança deu volta. No dia seguinte foi lida na frente do corpo uma ordem do dito commandante privando aos officiaes de irem me visitar e aquelle que deixasse de cumpril-a seria preso por desobediencia. Eu tinha sido visitado pelos meus amigos e por isso foi publicada a dita ordem e na mesma fui considerado incommunicavel e fui para a guarda da Divisão. No fim de oito dias recebi ordem para dahi a treis dias responder a conselho. O conselho foi no corpo que organisou-se e para lá marchei. Presidia o mesmo um capitão e dois vogaes. Um delles era da Infantaria e o outro do corpo de Lanceiros. Le-

ram o depoimento de treis testemunhas, as quaes eram sargentos do corpo e depois de dizer que tudo era verdade, porque elles respondiam aos pontos da accusação e nada mais e depois assignei. O presidente do conselho perguntou-me qual era o meu defensor, ao que respondi que não tinha e que não precisava. O tenente interrogante disse-me que eu tinha de apresentar um defensor ao que eu respondi que visto ser obrigado a apresental-o, que seria eu mesmo. Mas você vae ser condemnado porque este conselho é sem appellação — esta observação partia do interrogante. Sr. presidente, disse eu, peço a V.S.^a que ordene ao Sr. Tenente secretario que escreva todas as palavras da minha defesa.

O secretario pegou na penna e eu requeri que estivesse presente a primeira testemunha. Para que a presença della? Você já disse que tudo era verdade?! O secretario escreveu o meu requerimento. O presidente ordenou e o sargento esteve presente e com esta testemunha destrui o depoimento que a mesma tinha dado, porque ella respondia ás interrogações que lhe fizeram por ter eu querido ferir os officiaes e não tinham perguntado o motivo que elles deram-me. Depois que as testemunhas se retiraram, o interrogante quiz ler os Artigos de guerra do Conde de Lipe, eu não quiz ouvir; então disse o interrogante: — Bem mostra que é muito insubordinado. Ao que eu disse: Sr. official estou me defendendo e não estou em serviço, porem o official continuou a leitura dos artigos que me condemnam e eu destrui os mesmos artigos dizendo que eu tinha conhecimento delles, ao que elle disse que eram os mesmos que tinha ouvido ler no Rio de Janeiro quando era praça da Brigada. Respondi: Lá eu servia a um governo despota e aqui eu estou servindo ao exercito da liberdade e se repelli as injurias que os officiaes me tinham feito para não ficar injuriado, e se não acceitava os artigos de guerra do Conde de Lipe era porque o exercito Republicano não observava aquella disciplina. Provava com todo o exercito Republicano, que nunca nelle se tinha lido o codigo de guerra do mesmo Conde e por isso eu não me achava criminoso em defender a minha como militar. O conselho findou depois que o secretario fez a leitura do tal libello. Eu entrei na guarda da Divisão até que fui absolvido e solto. Quando o Teixeira tomou conta do corpo mandou-me chamar uma noite na sua barraca e entregou-me todo o processo, dizendo que o General Netto me mandava e entregou-me e pediu um favor ao que prestei-me a servir-o. Disse que eu inutilisasse aquelles papeis. Entreguei-os a elle e não quiz receber. Então queimou-os no fogo que tinhamos enfrente a nós. Teixeira era um official muito valente porem propassava-se tratando mal

a officialidade nas occasiões dos exercicios que fazia com o corpo e porisso tinham certa aversão demaneira que os officiaes negaram um dia a prestar serviço, davam parte de doente. Estavamos na margem esquerda do Arroio Piratiny (acampamento volante) quando os officiaes adoeceram com suppostas enfermidades. Crescencio commandava uma Brigada de cavallaria na occasião que se deu o facto, isto é dos officiaes terem adoecido, e como tinha sciencia do procedimento do Teixeira, logo desconfiou do papel que os officiaes queriam representar. Foi parte ao General Netto que estava a pouca distancia do ponto onde se achava o corpo e deu parte de viva voz a Bento Gonçalves que como presidente da Republica, se achava em Piratiny, resolvendo ordenar a Netto que ouvisse aos officiaes desgostosos. Neto ordenou que fossemos á sua presença e do ponto aonde tinhamos o nosso acampamento, depois que marchamos para o campo de Netto, nos apresentamos a elle, e á vista das razões que lhe apresentamos e pelas informações dadas pelo Crescencio, Netto suspendeu o Teixeira do commando do Corpo e nomeou novamente o Major Moraes Velho para interinamente commandar o Corpo e a officialidade foi para o corpo, ficando preso em Piratiny o Capitão mandante Bonifacio, que mais tarde veio para o Corpo. Marchamos para o sitio de Porto Alegre e nas pontas do arroio denominado Francisquinho, acampamos e junto ao nosso acampamento em uma casa que havia nelle, chegou de noite o Tenente Coronel Teixeira, com ordem do Canabarro de tomar conta do Corpo. Teixeira tinha passado a este posto depois do ataque de Rio Pardo e eu a Tenente. O Corpo em marcha teve noticia de que Teixeira vinha tomar conta do mesmo e os officiaes desgostosos queriam fazer um levante e marchar para o Rio Grande afim de passarem-se para o inimigo e para cujo fim consultaram-me. Oppuzime e mandei chamar os sargentos das companhias e dei ordem para as companhias não acceitarem o convite. Os officiaes desistiram. Corte Real era commandante de Brigada de primeira linha composta como já disse do primeiro corpo de lanceiros e do primeiro de clavineiros. Este corpo já estava em Porto Alegre e para lá iamos, e Corte Real connosco. Foi este official quem recebeu ordem para reintegrar o Teixeira no Corpo. No dia seguinte foram lidas as ordens na frente do corpo e depois marchamos. Eu marchei com officios do Corte para Canabarro, que estava no sitio de Porto Alegre, nos campos da Setembrina e quando passei o largo do Triumpho fui ficar de pouso em uma chacara que tinha uma olaria na margem do Jacuhy e ahi encontrei o Major Moraes Velho que seguia para apresentar-se a Canabarro e Moraes convidou-me para acompanhal-o porque levava pou-

cos companheiros comsigo para a campanha e alli fiquei. Elle tinha um alferes e dois soldados e o sargento Nunes que tinha seguido com o officio para o General Canabarro. Na madrugada do dia da nossa marcha, Francisco Pedro avançou na villa do Triumpho para prender o Moraes. Este estava de pouso na casa da dona da chacara e não foi preso. Eu estava dormindo na frente da olaria que ficava dentro de um poltreiro com fundos ao Jacuhy e para o logar vieram cinco legaes da força que passava a curta distancia da dita olaria e quando vi os dois meios esquadrões, perguntei a um soldado que estava ensilhando um cavallo para cargueiro, que gente é esta? Elle respondeu-me: é a policia do Almeida; Policia do Almeida! ao passo que em uma cancella que ficava á minha direita, queriam passar a um tempo dois ou treis inimigos, que disseram: Mata que é farrapo, e á vista do — mata, mata, eu empunhei a minha ferradura e tratei de escapar para o Jacuhy e os inimigos seguiram atirando-me, mas não acertaram, tendo acertado no soldado que estava ensilhando o cavallo e mataram-no e quando approximei-me do matto, tinha recebido um tiro de um caramuru que vinha á minha direita, mas não me acertou; o outro caramuru que vinha á minha esquerda, esbarrou o cavallo para não enredar-se no maneador que servia de sogá do meu cavallo e eu ao salvar o maneador, o animal que estava muito assustado, tinha disparado para a minha esquerda e na mesma occasião que tinha dado o salto, encontrei a sogá, dei um tirão e não poude salvar-a e immediatamente nelle cahi de bruços e porisso fiquei livre do caramuru que tinha ficado na minha esquerda, para a retaguarda e o doudivanas deu de redeas ao cavallo e atirou-me antes de eu ter cahido, quando levantei e segui para o matto que me ficava muito perto, vi outro caramuru que me dizia: Para-te Almeida — Para-te Almeida; na terceira vez que fez pontaria, deu um tiro com a tercerola que trazia; eu oitavei o corpo á esquerda e cobri-me com a minha espada, levantei o braço esquerdo dando garbo ao corpo para lançar-me ao matto e foi nesta occasião que fui ferido no braço esquerdo, sahindo a bala entre o meio das espadas, sem quebrar-me um osso.

Passsei para a margem direita do Jacuhy e fui tratado pelo Sr. Capitão Francisco João de Almeida, casado com a mãe do Sr. Luiz Prates. Corte tinha vindo do sitio de Porto Alegre commandar as forças que estavam no municipio das Dores, convidou-me para acompanhal-o como ajudante de campo e eu acompanhei-o. Netto commandava as forças da comarca de Piratiny e operava com ellas aonde apparecesse o inimigo e chamando a attenção do inimigo que se achava no Rio Grande. Moringue, que assim se chamava o Francisco, tinha seguido

embarcado com uma força de duzentos homens mais ou menos para bater Garibaldi que se achava no Camaquã preparando seus lanchões para perseguir o inimigo na Lagoa dos Patos e apossar-se dos navios mercantes que levavam mercadorias para Porto Alegre, como já tinha conseguido fazer algumas presas, porem sahiu-se muito mal, como relata Garibaldi em suas memorias. Eu só me limito a dizer em que Corte Real chegou na barra do Arroio Velhaco depois que Francisco Pedro tinha embarcado e fomos informados do que tinha havido com Garibaldi por um soldado que tinhamos agarrado na praia, carregando carne no cavallo e tinha ficado cortado pela precipitação com que Chico Pedro embarcou. Quando chegamos no galpão onde estava Garibaldi, fomos recebidos por Garibaldi com a sua força em linha, flutuando no centro della o estandarte da Republica. Pela barra do Camaquã subiria uma ou mais embarcações para levarem os lanchões de Garibaldi que ficassem prisioneiros. O corpo do Major Antonio Manoel do Amaral tinha marchado para o porto de Camaquã e somente chegou na barra do Arroio Velhaco, porque Chico Pedro já tinha embarcado e dalli contramarchou e seguiu para o sitio de Porto Alegre, passando pela villa do Triumpho e São Leopoldo e eu acompanhei este corpo e depois que chegamos na Setembrina, fui para o meu corpo, sendo o Vallença o commandante delle, porque o Teixeira foi para cima da serra organizar uma força de combinação com o Aranha e o Tenente Coronel Panella afim de tolherem o Brigadeiro Cunha, pae de Felix da Cunha. Garibaldi aparelhou bem os seus lanchões e de combinação com o Canabarro marcharam para a Laguna. Garibaldi tinha atravessado a lagoa dos Patos e pondo os seus lanchões sobre rodas atravessou a longa distancia que ha da dita Lagoa a Tramandahy e na barra daquelle rio lançou-os ao mar e marchou para entrar no rio da Laguna. O mais que se passou depois que Garibaldi entrou pela barra, as memorias dirão. Tendo Canabarro que retirar-se daquelle lugar, visto não poder tomar conta da Provincia de Santa Catharina, Garibaldi cruzou a serra com os seus homens e fez junção com o Teixeira e marcharam sobre a divisão de Cunha que se compunha de Infantaria, Cavallaria e Artilharia porem quando chegou Teixeira na guarda de Santa Victoria encontrou Cunha de posse da porteira que havia naquelle tempo porque alli se fazia o registro das tropas de mullas que passavam para a Provincia de Santa Catharina. Teixeira reuniu os officiaes superiores a um conselho para deliberarem a respeito do que presenciavam, isto é, da posição que o inimigo tinha occupado. Teixeira dirigiu-se a todos os officiaes de Cavallaria e foram de opinião de atacar o inimigo e dirigindo-se a Garibaldi, este

respondeu: Si V.Sa. assegura penetrar ou entrar naquella porteira e bater o inimigo eu tomo conta daquella trincheira; — Mas Sr. Garibaldi nós estamos a cavallo e a nossa marcha é rapida e o Sr. está a pé. Alem disso, o inimigo está bem entrincheirado e só se vê as cabeças. Garibaldi respondeu que depois que elle lá chegasse com a sua gente, tanto serviam para o inimigo como para elle e que marcharia com a sua força em linha, a passo de carga, então abraçaram-se, despediram-se e disseram: Ou vencer ou morrer. Note-se que Garibaldi quando atravessou a Lagoa dos Patos, subiu pelo rio Palmar até onde poud e depois é que botou os lanchões em cima de rodas, atravessando albardões e lagoas até chegar a Tramandahy. Foi da barra deste rio que elle largou para entrar na barra da Laguna, tendo perdido na travessia um lanchão com toda a tripulação ou guarnição. Teixeira atacou na testa da força inimiga com a sua cavallaria e derrotou completamente o inimigo e Garibaldi saltou a cerca de pedra e levou o inimigo em derrota. O Brigadeiro Cunha morreu afogado, e o que contava. Canabarro retirou-se da Laguna e conservou-se para um ponto conveniente até que subio a serra perseguindo o Labatut.

NEGOCIAÇÕES DE PAZ EM 1840

Bento Gonçalves tinha mandado o Tenente Coronel Moraes Velho ao campo do Netto com um officio sabendo d'elle qual era a sua opinião a respeito da paz da Provincia. Netto tinha derrotado a Jeronymo Jacintho com a primeira Brigada e vinha muito ufano pelo triumpho que tinha obtido e chegando elle a Piratiny entregou o officio de Bento Gonçalves ao Ministro Almeida para responder e Almeida respondeu o que o Netto quiz, cuja resposta foi a seguinte: Diga ao Bento que emquanto tivermos mil piratinys e dois mil cavallos, a resposta é esta — e bateu nos copos da espada com a mão direita. Eu vi Netto bater na guarnição da espada. Moraes e eu marchamos de Piratiny para Porto Alegre, que tinhamos passado por dentro della com salvo conducto assignado pelo presidente da legalidade Antonio Alves Machado, e chegamos na picada de Porto Alegre depois de termos excedido um dia do prazo marcado no salvo-conducto na margem direita do Riacho da Pintada, encontramos alli um destacamento de Infantaria commandado por um tenente que nos recebeu como inimigos, com a sua companhia em linha e elle em frente, porem como não tinhamos receio algum seguimos e elle nos perguntou onde

vamos e, chegando, se nós eramos passados e o Moraes respondeu que não. E o que querem? Moraes disse ao que andavamos, ao que elle respondeu: — Eu não tenho ordem nenhuma a este respeito, e pediu o nosso resalvo e depois disse ao Moraes que elle ficava alli até receber alguma e que me mandasse á cidade entender-me com o presidente da Provincia. Eu embarquei em um bote que me veio receber e desembarquei no Arsenal de Marinha e segui a apresentar-me a Grinfeld, comandante da esquadilha e este mandou-me que fosse a palacio que o Sr. Presidente lá estaria, visto serem horas de encontral-o. Eu segui e lá não tinha ainda chegado; então perguntei a uma sentinella si o Sr. Presidente já tinha subido — porque os Presidentes tinham os gabinetes em cima e a sentinella respondeu-me que não, e informou-me onde morava o Presidente. Marchei e cheguei na dita casa e elle me recebeu e mandou-me assentar em um sophá e perguntou-me qual era a opinião do Sr. Antonio Netto. Eu respondi que não sabia, porem que fosse pela paz e elle disse em resposta que elle queria era a guerra, ao que eu respondi que a opinião quasi geral era pela paz ao que elle replicou, dizendo: Tenho em meu poder uma carta escripta e firmada pelo punho do Sr. Netto, que justifica querer a guerra e quando um general apresenta a sua opinião é porque tem bem sondada a opinião dos povos. Perguntou-me: Não haverá outro caminho por onde os Srs. possam passar para o campo do Sr. Bento Gonçalves? Respondi-lhe informando por onde se poderia ir, mas com muita demora. O Presidente enfiou a sua (?) de seda cor de chumbo matisado com cor de outro e marchamos para o Palacio e ao sahirmos appareceu o secretario João Capistrano. Quando chegamos ao palacio eu fiquei no grande salão. O presidente e o secretario foram para um gabinete contiguo ao salão. Dahi a um quarto de hora mais ou menos subiram muitos officiaes superiores e foram formando grupos por todo o salão e só fallavam em divisões e Brigadas e lançavam-me olhares de desprezo e eu em represalia tambem me viagava com má cara quando muito de proposito olhava para os ditos grupos. Depois que estava toda a officialidade reunida, entrou o Ulhoa Cintra e encaminhou-se para a porta do gabinete aonde estava o presidente e entrou. Os officiaes foram chamados e entraram tambem. Tinha vindo de companheiro de Cintra o Capitão Frederico Gonçalves e ficou no salão este official e perguntou-me em voz baixa: — Qual é a opinião do Netto? Eu que estava encostado em uma janella e elle á minha esquerda, oitavei-me para a banda delle e disse: A opinião do General Netto é esta — bati nos copos da minha ferradura — e elle disse que emquanto houvesse mil piratinys e dois mil cavallos que a paz

era esta — e bati nos copos da minha espada com força — e quando eu fui responder os grupos olharam para mim e eu também para elles. O capitão tocou-me no braço esquerdo para eu não dizer nada e eu olhei para elle e disse: Pois elle fez assim! e tornei a bater na espada e foi nesta occasião que elles entrarão para o gabinete ou sala. O secretario abriu a porta da dita sala e perguntou: Quem é que se chama Manoel Alves da Silva Caldeira? Eu respondi: Prompto! e elle disse: Entre. Entrei e perguntou-me o Presidente, como se chama? Eu respondi: Manoel Alves da Silva Caldeira. Elle olhou para o Cintra e disse: Não é esse o companheiro do Capitão Moraes que foram assassinados pelo alferes Cabeleira da Legalidade na Picada da Pintada quando iam com officios para o Sr. Antonio Netto? Ulhoa Cintra respondeu: Esta funebre noticia nos foi dada por pessoa desta cidade e em prova della, a familia do Sr., que está nesta cidade, está toda coberta de luto. O Sr. Presidente mandou o secretario continuar a leitura de um officio que Cintra tinha entregue ao Presidente, que vinha de parte de Bento Gonçalves e era a leitura deste que o secretario tinha nas mãos e principiou a ler os artigos contidos no dito officio, sendo um delles, este: Serão desarmadas as forças do Exercito Republicano ou da revolução e ficarão isentos do serviço da Guarda Nacional e do recrutamento todos os cidadãos que tenham servido nelle. Esta proposta foi acceita. Nenhum cidadão que pertenceu á mesma revolução seria responsavel pelos actos praticados durante a revolução. Esta proposta foi acceita com a condição de ficarem isentos a qualquer que não tivesse praticado actos criminosos que corressem pelos tribunaes judiciarios ou criminaes. Cintra não respondeu. Os officiaes da revolução creados durante ella seriam acceitos nos mesmos postos que estavam e os officiaes de primeira linha também sendo recebidos em seus postos, com direito ao seu soldo. O Presidente respondeu: Os officiaes feitos pela Revolução, serão acceitos nos mesmos postos, aquelles que o Governo precisasse dos seus serviços, sendo os que se tivessem com honra e dignidade. Cintra não respondeu. Continuou o Presidente: Os officiaes desertores do Exercito Imperial seriam acceitos nos seus antigos postos e com direito a receberem os seus atrasados. Cintra calado. A divida contrahida pelas forças da revolução seria acceita, reconhecida e paga pelo Governo Imperial. O Presidente respondeu: Serão pagos os documentos que forem rubricados pelas autoridades competentes da Revolução. Cintra calado. Os soldados que tinham sido escravos e que estavam servindo na revolução seriam considerados como livres. O Presidente respondeu que não accitava este artigo porque não estava autorizado pelo

Governo, os quaes soldados seriam recebidos e entregues ao Governo para elle dar-lhes o destino que julgasse conveniente. Cintra disse então: Vão ser escravos do Governo? O Presidente respondeu o seguinte: Não vão ser escravos do Governo, mas vão ser empregados da nação emquanto não apparecerem os seus donos e quando estes apparecerem, serão elles avaliados e entregues os seus valores, toda vez que apresentarem documentos que provem a sua propriedade. Cintra formalisou-se e disse: Neste caso serão escravos da nação? Será possivel que homens que hobrearam connosco por espaço de cinco annos jamais sejam escravos? Eu bem sei que a legalidade o que quer, é a continuação da guerra, e nós estamos dispostos a sustental-a. O Presidente levantou-se do sophá e indicou a porta do gabinete ao Cintra. Depois que o Cintra lançou um forte olhar para a officialidade, sahio, e em seguida tambem os officiaes e o secretario me disse: Siga tambem o Sr. a sua gente. Eu segui na retaguarda dos Republicanos que se encaminhavam ao ponto do Quartel do terceiro e quando passamos pela frente de uma casa que ficava com frente para a praça do Portão, eu me dirigi a uma Sra. que estava em uma janella e pedi-lhe um copo d'agua. Ella entregou-me uma caneca e disse: A legalidade sahe esta noite. Obrigado minha Sra., foi a minha resposta. O Cintra, com os que vieram da Setembrina sahiram pelo portão e eu tive ordem do Tenente Coronel Commandante do dito ponto para ficar e com elle marchei para a casa delle, isto é, para o quarto que elle tinha na trincheira e alli entramos e depois disse-me: — Aqui tenho papel e tinta, si o Sr. quizer escrever á sua familia pode escrever, porem com a condição de me apresentar a carta aberta para eu ler porque sou o commandante deste ponto e devo saber o que se passa. Eu escrevi e elle mandou a minha carta, e depois disse: Esteja sem constrangimento, o Sr. aqui está bem garantido. Não estaria alli meia hora, quando chegou um Alferes e depois de conversar com o tenente coronel, este me disse: Já tive contra ordem, o Sr. póde seguir para os seus, e por que estrada vae? Eu respondi: Pela do meio. Então vae bem, porque por ahi só encontrará da sua gente e dessa o Sr. não tem receio, e marchamos, eu, elle e o official que esteve fallando com elle e ao approximar-se o commandante ao Portão por onde eu tinha de sahir o Alferes que ia ao meu lado esquerdo foi demorando os passos e eu tambem e no acto do dito commandante metter a chave na fechadura o Alferes extendeu o braço para a minha banda e disse: Daqui para Bento Gonçalves não. Eu agarrei um papel que me entregou e disse: sim. A porta abriu-se e eu sahi. Caminhei duas a treis leguas e pernoitei em uma casa e li o que dizia a participação, a qual dizia que Labatut

pedia soccorro de Infantaria e Cavallaria e tinha marchado com 600 a 700 homens. No dia seguinte entreguei o bilhete ao Bento Gonçalves e perguntei-lhe se sabia de quem era aquelle bilhete, e elle respondeu-me: Sim! Guarde sigillo.

Garibaldi atravessou lagoas e albardões até que chegou no arroio Tramandahy e sahiu pela barra delle para o mar, perdendo na travessia um lanchão.

Antonio Manoel do Amaral commandante do primeiro corpo de primeira linha não tinha marchado de Camaquã para o sitio de Porto Alegre, como mais acima eu tinha dito, marchou para Pelotas afim de fazer junção com uma força de cavallaria que Bento Gonçalves e Netto commandavam e mais officiaes superiores como Corte Real que tinha marchado com o primeiro corpo de clavineiros cuja força tinha por fim bater uma força do General Elisiario, composta das treis armas o qual pretendia entranhar-se pela campanha, porem contramarchou quando soube que Bento Gonçalves tinha marchado sobre elle e passou o São Gonçalo no Porto de Pelotas e as nossas forças dividiram-se, ficando Crescencio acampado nos campos de Piratiny com o primeiro corpo de cavallaria e o segundo de clavineiros commandado pelo Major Firmiano o qual foi morto poucos dias antes de se fazer a Paz na Provincia. Eu alli fiquei com um contingente de recrutas, dando-lhes instrucção de lança e de formatura com manejo de cavallaria. O Major Firmiano foi nomeado ou recbeu ordem para marchar para Jaguarão com o seu corpo para bater uma pequena força inimiga que tinha apparecido na barra do Arroio Grande e eu fui nomeado para marchar com aquelle corpo com o contingente. Bento Gonçalves, Netto e mais Corte Real marcharam para Porto Alegre para o sitio, e tomaram conta da força que lá estava ao mando de Bento Manoel, ficando Canabarro na mesma força. Bento Manoel tinha creado um corpo de cavallaria quando estava no sitio e quando elle se retirou para a campanha este corpo marchou com elle, tendo por commandante o Demetrio, official este de sua confiança.

O Caetano Gonçalves sahiu do sitio de Porto Alegre e veio á casa do capitão Francisco José d'Almeida, convidar-me por parte de Bento Manoel para eu pedir passagem do corpo de lanceiros para o dito corpo do Demetrio, offerecendo-me o posto de Capitão mas eu não quiz acceitar a proposta. Já disse que tinha chegado no sitio de Porto Aegre. Agora vou explicar como fui ferido na frente e fiquei fóra de combate por muito tempo. Tinha apenas decorridos 15 ou 20 dias depois da minha

chegada ao corpo, fui nomeado para fazer serviço na frente com um destacamento de trinta e tantos lanceiros commandados pelo Moraes Velho e desta força sahiram os piquetes para a frente. Os lanceiros estavam divididos em treis companhias e eu fui nomeado para commandar a primeira com a qual eu fazia serviço de dois e meio dias de folga ao passo que outros officiaes commandantes das outras companhias e os que estavam agregados á força estavam a cinco e seis dias de folga porque as companhias não tinham commandante effectivo por serem ellas organisadas fóra do corpo afim de servirem nos piquetes da frente. Mas eu que queria adestrar os soldados de maneira que em qualquer occasião de conflicto as guardas se entendessem, requeri ao commandante Moraes para fazer o serviço com a minha companhia provisoria. Elle cedeu-me e assim fazia eu um serviço dobrado e mais exposto ás balas dos inimigos que todos o dias se fazia ver fóra das trincheiras. O Coronel Corte Real, commandante das forças que guarneciam a nossa frente teve ordem de mandar avançar a linha de sitio para o morro do Tellés e nesse lugar se collocava o piquete do centro e os outros pela direita e esquerda formando a linha de assedio. O primeiro official que fez o primeiro piquete no morro, pernoitou no cume do serro e alli conservou-se durante o dia. Deste lugar, a cidade distava 12 a 13 quadras de distancia e a cidade ficava em lugar mais baixo. Todo o nosso movimento era visto da cidade, como nós tambem viamos os movimentos dos que sahiam della e tambem do quartel do terceiro. Tocou-me o segundo piquete e segui para render o que estava e depois que tomei conta do posto perguntei ao official que se retirava em que lugar elle tinha pernoitado, ao que respondeu-me que alli mesmo. Eu mandei o sargento Nunes que mandassem fazer fogo, tomassem matte e pitassem e depois que tudo isso fizeram, mandei pôr mais lenha e retirei-me para um lugar entre duas vertentes que nasciam do dito serro, sobre as pontas das ditas vertentes. E' uma cochilha limpa, distante do dito fogão treis a quatro quadras. Pouco antes da meia noite andavam dois inimigos bombiando o piquete e as duas sentinelas que estavam avançadas, estavam a pé com os cavallos escondidos atraz de umas arvores e marchou uma com a parte de estarem uns assobiando pelos outros, talvez fossem mais. Eu estava com a minha cabeça sobre a coxa do sargento Nunes e os mais soldados dormiam e o meu cavallo começou a bater o coração e a agitar-se quando vio o soldado a pé e depois da parte que tive do inimigo estar no lugar acima dito, mandei retirar o cordão e tomamos outro alinhamento um pouco para a retaguarda e quando amanheceu o dia mandei as guardas avançarem para a frente, como era

do costume e fazerem a descoberta e mandei dois soldados bem montados sobre a minha frente e fiz ver a elles que um capão junto ao morro que nos ficava na base do mesmo morro, um campestre que poderia acomodar um esquadrão que elles attendessem mais com os ouvidos que com os olhos e porisso poderiam ouvir algum cavallo estremecer-se ou toque das espadas nas esporas. Os soldados marcharam e não voltaram com parte alguma e pela demora delles marchei com o sargento e um cabo para a frente, passando encostado ao capão, porem com muita cautella. No quartel do oitavo e fóra delle vi muitos soldados que me causou certa attenção e reparo e disse ao sargento: Os gallegos estão admirados de termos chegado hoje aqui na varzea e elle me respondeu o seguinte: Sr. Tenente, hoje como é domingo talvez os soldados estejam se formando em parada para irem á missa. O sargento ia á minha direita e o cabo na minha retaguarda, um pouco á esquerda e de repente, diz o sargento: Olhe os gallegos Sr. Tenente! Eu olhei para elle e vi que esporeava o seu cavallo com muita força, olhei para a retaguarda e vi um esquadrão que vinha na nossa retaguarda carregando sobre nós e disse: Obliqua á direita Nunes e elle obliquou e chegou em um vallo com cerca de maricás e passou em um aberto que havia nelles desde muito antes da revolução. Eu ia passar e o cabo me disse: Sr. Tenente me deixe passar que o meu cavallo está cançado. Eu volvi á retaguarda e fiz uma escaramuça no cavallo enquanto o cabo passava e o Nunes estava da parte de dentro com a pistola na mão e antes de passarmos, dizia: O gallego que chegar aqui morre. Os caramurús quando nos carregaram vieram sobre um extenso mansial que havia na frente do dito capão e alli se desmancharam todos, ficando sem formatura e por isso tivemos tempo para passar e tomarmos a posição na parte de dentro do valle o qual fazia frente para a varzea de Porto Alegre, e frente para a estrada do Passo da Areia, porque nós estávamos dentro de um grande potreiro, quando marchamos daquelle ponto que foi sem demora porque o inimigo subio na direcção da dita estrada e passaram alguns soldados delle para dentro do dito potreiro, para nos atacar mas eu ao retirar-me, disse em voz bem alta e olhei para o piquete que estava no morro: Sr. Tenente baixe com a infantaria para aquelle laranjal; porisso o inimigo temendo da infantaria, que dessa arma não tínhamos uma só praça, foi que se retirou para a banda da estrada. O cabo estava com o cavallo cançado e era preciso aparentarmos bravura e para o inimigo não conhecer que o cavallo ia cançado, marchavamos a trote bem curto. Depois que salvamos o cabo, mettendo-o no laranjal de uma casa que estava situada com frente para a estrada já mencionada,

marchamos de galope por dentro do potreiro para irmos proteger uma guarda que vinha acossada de tiros pela mesma estrada e ao chegarmos no vallo que corria ao longo da mesma estrada, conhecemos a impossibilidade de passarmos. Então o sargento obliquou á direita e tentou passar pela cerca de maricás e o vallo que nos tinha ficado á direita. Quando iam os passar o vallo da estrada o sargento serrou pernas ao cavallo e cravou-lhe as esporas mas não ponde passar e deu volta; então eu disse: retira-te — e, fiz o mesmo no meu cavallo e este obedeceu, passando para o cercado da dita casa e tambem passou o sargento e passamos para a estrada afim de protegermos o cabo com treis soldados que se tinham defendido sarilhando as lanças. Mandeí que fosse reunir-se ao piquete que se conservava no mesmo lugar e fizemos frente aos primeiros inimigos que tinham deixado a guarda. O inimigo continuava a atirar-nos e o Nunes me disse: Vamos carregar Sr. Tenente, de espada, nestes gallegos? Eu não quiz porque seríamos victimas de uma imprudencia e nos reliramos para o piquete por um banhado cheio de amoreiras mas em redaduras que só nós é que sabiamos daquelle caminho e quando estávamos perto da sahida delle para o campo, encontramos o cabo que vinha no mesmo cavallo proteger-nos! O inimigo seguiu-nos pelo mesmo caminho. O sargento passou adeante de mim e quando pisou no campo subio para onde estava o piquete e mandou fazer fogo para o inimigo que apparecia na sahida da picadinha e eu que tinha dito ao cabo que se escondesse no matto que nos ficou á esquerda, marcheí para fóra da dita picada e quando chegueí ao campo o cabo tambem tinha sahido e veio ao meu lado direito e disse-me: Sr. Tenente pelo amor de Deus não me deixe matar; aonde o Sr. morrer eu tambem morrerei e atirou-se do cavallo abaixo, desembainhando a espada e caminhava a meu lado. Nunes continuava fazendo fogo por cima de nós e eu fiquei com pena do cabo e mandei que elle saltasse na garupa do meu cavallo. O inimigo atirava-me porem não acertavam as balas. Derepente o meu cavallo que não podia trotar com o peso de 11 arrobas mais ou menos porque o cabo era um dos homens bem altos e de corpo grosso, ficou leviano e trotou mais voluntario. Eu olhei para a minha direita e não vi o cabo e pensei que tivesse cahido do cavallo ferido ou morto, porem elle subia mais depressa a pé do que a cavallo e depois de chegar no piquete subiu em cima de uma pedra e fez fogo para o inimigo. Este retirou-se daquelle ponto e reuniu-se na casa que acima já fallei. Della faziam fogo para o sargento que eu tinha mandado proteger outra guarda que tambem vinha acossada por força inimiga. O sargento tinha marchado com seis praças e com quatro da guarda

que vinha em retirada pela mesma estrada e com estas dez praças tinha elle de entreter o inimigo enquanto em com o piquete que tinha de marchar, esperando-o na entrada de uma picada que ficava-lhe na retaguarda chegasse no dito ponto para, encorporando-se elle commigo carregarmos no inimigo, elle sargento viesse fazendo fogo em retirada porem o sargento não passou para a estrada e estendendo-se em linha e com as poucas armas que tinham compridas faziam fogo respondendo ao fogo do inimigo e quando o inimigo julgou que devia carregar, tocou a reunir e marcha e Nunes suppondo que elle se retirasse não passou para a estrada senão quando o inimigo marchou pela estrada abaixo foi então que Nunes passou para ella, porem muito envolvido com o inimigo que na mistura que teve foi morto um soldado nosso e ferido levemente outro. Quando eu cheguei, o inimigo tinha tocado a retirada e não podemos alcançal-o porque elles quando faziam alguma sortida a sua retirada era de escape. Encontramos uma espada no lugar em que houve o encontro e do inimigo não soubemos se sahiu algum ferido de balla. O serviço da frente era muito arriscado para aquelles que cumpriam com os seus deveres militares e porisso conservavamos muita vigilancia. O Tenente Coronel Moraes commandava a alla direita a qual se estendia até a estrada do Passo da Areia e para a esquerda nossa, chegava o Arroio da Azenha. O Major Carvalhinho commandava a alla esquerda até o Rio Guahyba com uma força de Guarda Nacional, com pouco menos soldados que a nossa. Este official estava se tratando em uma casa particular para as bandas de Belem e a força estava debaixo do mando do Capitão Delfino a qual pertencia ao primeiro Corpo de Clavineiros porem não era muito vigilante e se descuidava mesmo estando na frente como estava. No dia 3 de janeiro de 1839 ao clarear do dia Francisco Pedro carregou de espada em punho no acampamento do Capitão o qual estava com a sua gente descuidada somente tendo na frente um pequeno piquete que quando este viu o inimigo foi muito perto que Delfino não teve tempo de mandar enfrear os cavallos e nem apertar os lombilhos. Chico carregou nesta força matando e ferindo. Foi ella derrotada em uma coxilha limpa, ficando alguns no campo mortos e outros foram prisioneiros. Estava de piquete na nossa frente um Tenente da Guarda Nacional e foi corrido pela cavallaria do Major José Joaquim de Andrade Neves, em numero de 30 homens e marchava na retaguarda delle um batalhão que ficou na coxilha do Barro Vermelho enquanto a cavallaria perseguia o nosso piquete que foi debandado ficando um soldado de lanceiros ferido e outro morto. Eu estava naquelle dia commandando a força em marcha porque tinha sahido de piquete

e era obrigação do official commandar o esquadrão e entrar de dia e porisso tinha ido á frente, um pouco adeante da guarda do corpo a uma casa muito perto da guarda para saber do dono della se tinha havido alguma novidade e extranhei estar a familia acordada e elle. Se fui alli, foi porque os cachorros estavam muito brabos naquella noite e elle me disse que não havia novidade alguma e eu ouvi barulho de espada e tropel de cavallo e dei de redeas ao meu cavallo e sahi pela porteira por onde tinha entrado e me dirigi ao individuo que passava ao rumo do nosso alarme, porque pernoitavamos em um lugar e antes que amanhecesse faziamos o alarme e porisso os soldados estavam dando pasto aos cavallos pelas redeas e alcancei o cabo antes de chegar na dita guarda e perguntei-lhe que novidades havia. Respondeu elle dizendo: A força da esquerda foi derrotada e na nossa frente vem uma cavallaria na frente de um batalhão mas a cavallaria vem a galope. Quem manda esta parte? Elle respondeu que tinha sido o Tenente Domingos, commandante do piquete. Chegamos ao corpo da guarda e ordenei ao sargento commandante della que conservasse aquelle cabo retido até segunda ordem e me dirigi ao esquadrão e mandei compor arreios, apertar com as cinchas bem adeante, enfrear os cavallos, emallar os ponchos, montar a cavallo e depois metti em forma, numerei e dividi por meios esquadrões e dividi-os em divisões, nomeei officiaes para serem empregados nos seus logares e depois de estar o esquadrão bem preparado, fui aonde estava o commandante que dormia e com toda a reserva, disse o que o cabo me havia dito e elle me perguntou aonde se achava o cabo. Eu respondi que estava na guarda. E que providencia deu? Respondi-lhe que o esquadrão estava a cavallo, e que ponha-se na frente delle. Perguntou-me pela guerrilha. Respondi-lhe que já estava na frente do esquadrão. A guerrilha era commandada pelo sargento Antonio Nunes, o mesmo que mora aqui na cidade. Eu marchei para a frente. O inimigo vinha por uma canhada abaixo perseguindo alguns soldados que em retirada procuravam a nossa força. Eu mandei o sargento Nunes marchar para a frente do Esquadrão com os dez atiradores que faziam a nossa guerrilha e dei ordem ao esquadrão para rodar á esquerda e no acto em que elle movia a direita para marchar para a frente, apresentou-se o commandante Moraes e disse: Sr. Tenente aproveite o circulo e mande para a retaguarda esquerda em linha. Eu repeti a voz do commandante e ficamos com a frente para a retaguarda e depois marchamos em retirada do ponto em que tinhamos feito o alarme e quando passamos um arroio que nos ficava a pouca distancia, seguimos pela margem direita do mesmo arroio. Ainda havia muita cerração quando o

inimigo perseguia os ditos soldados e como nós estávamos na ponta ou fim da mesma, nem os nossos soldados que se retiravam não nos viam nem o inimigo, porisso eu já tinha ordenado ao Nunes que seguisse com a guerrilha pelo lombo da coxilha a qual o inimigo vinha deixando a sua esquerda e nós seguindo pela mesma tínhamos de por-nos em debandada. Note-se que o inimigo carregava com rapidez porque o fogo que faziam assim demonstrava. Quando principiámos a carga pela margem do dito arroio, ordenou-me o commandante para eu ordenar ao sargento Nunes que se approximasse do inimigo e eu fosse cobrindo-lhe a retaguarda. O inimigo não esperou que nos approximássemos delle. Tocou a retirar e incorporou-se ao batalhão que estava em linha no alto do Barro Vermelho. A nossa força chegou no forte que Onofre tinha despresado quando marchou para o ataque do Rio Pardo e fez alto. Moraes mandou o sargento Nunes com treis soldados lanceiros postar sentinellas nos logares que era costume tel-as sobre aquelle ponto e Nunes engajou fogo com o inimigo, isto é, o inimigo estava ainda na fralda da alta coxilha e fez frente a Nunes e este quando se retirava da carga que suppostamente fazia, perdia terreno do que tinha avançado. Eu deixei o esquadrão ao mando do official immediato e marchei para a frente, para proteger o Nunes e alguns Guarda Nacionaes que andavam fazendo fogo ao inimigo mas sem ordem nem alinhamento e quando lá cheguei com um corneta, vi o inimigo formado entre duas cercas com maricás e valo pela parte de fóra entre os quaes poderiam passar duas carretas com muito custo porque a estrada estava quasi intransitavel pela falta de movimento de carros naquelle logar. Consegui metter em linha no alto do qual cheguei com 17 individuos que a maior parte delles estavam impossibilitados de atacar o inimigo de espada em punho e como o ponto do forte ficava a pouca distancia do logar em que estávamos abarbadados com um forte esquadrão inimigo, elle julgou que tínhamos na nossa retaguarda uma forte protecção e porisso não nos carregava embora o José Joaquim mandasse carregar, elle não se movia. Depois que alli cheguei, atravessei o meu cavallo á esquerda para defender o meu coração das balas inimigas, porem sendo o meu cavallo muito grande e ainda mais, estando no alto apresentei-o de frente e no acto que fiz frente ao inimigo, toquei com a minha espada na cabeça do cavallo de um Guarda Nacional que estava na minha direita e mandei fazer fogo a um soldado negro que por duas vezes tinha feito pontaria com a tercerola e não sabia o tiro e quando elle preparava a arma para dar o terceiro tiro foi quando o soldado que eu mandei atirar no tal negro soltou o tiro e matou o outro que estava na forma e

não o preto que sahiu della para matar-me, para cujo fim fazia o seguinte: Serrava pernas ao cavallo para a frente da formatura, esbarrava-o e inclinava-o um pouco á direita e descansava o canno da tercerola sobre a mão esquerda e desfeixava-o; Fez o mesmo duas vezes porem na terceira, o Nunes vendo cahir o soldado inimigo e que os seus companheiros não podiam pol-o a cavallo, me disse: Carreguemos Sr. Tenente que estão em confusão. Eu que vi a confusão em que o inimigo estava, mandei tocar a carga e carregamos seis companheiros. Na direita ia um individuo de estatura baixa tendo na mão uma clavina comprida que lhe tinham dado em 1825 quando elle serviu na guerra dos Patrias e na cintura uma cartucheira muito mal acomodada. No acto da carga eu disse para mim mesmo — este individuo é quem vae abrir o máo exemplo porque dando um tiro não tem tempo de dar o outro e dispara. O inimigo não quiz receber a nossa carga porque retirou-se todo envolvido porem quando chegou em um cotovello que fazia na estrada, deu volta e deu-nos uma descarga, ficando o meu cavallo ferido no peito sahindo a balia no braço que lhe cortou um nervo junto á junta que tem logo abaixo do sovaco deu volta para a retaguarda, empenando-se e sacudindo a cabeça pela dor que soffria. Senti-me ferido no pé direito e em seguida fiquei desassizado e quasi morto de uma bala que recebi no queixo que me quebrou treis dentes e cortou-me a lingua de encontro ao queixo por onde ella sahiu, ficando um dente pendurado pela carne do mesmo queixo. Os meus retiraram-se a ponta de espada e eu só sabia que tinha a frente para o alto porque quando carregamos o sol vinha sahindo da cor do fogo e como me esquentava muito o rosto, tinha porisso toda a certeza de que o inimigo me ficava pela retaguarda. O Tenente Rojão foi o ultimo que me abandonou offerecendo-me a garupa do seu cavallo mas eu não via-o nem ouvia-o e ainda que o ouvisse como poderia montar nas ancas do seu cavallo? Pois bem, a morte é certa porem o meu bom cavallo firmava-se nas patas e em uma mão e fugia do inimigo para chegar no alto e ao que elle galopava eu ia vendo as crinas e a terra aonde elle punha as patas. Fui perseguido por quatro inimigos e quando cheguei no centro de um potreiro que tinha que por elle passar, ouvi uma voz que me dizia: Não te assustes Caldeirinha, não te assustes Caldeirinha, castiga o teu cavallo, castiga o teu cavallo. Eu tinha visto aquelle vulto negro que se vinha approximando pela minha direita antes delle me fallar porem não conheci-o. Eu não podia responder-lhe com a palavra e empunhando a minha espada ou agarrando-a pelo aro, fiz ella girar treis vezes pela minha direita e elle esbarrrou o cavallo, fez frente á retaguarda e poz a clavina em pontaria e na mesma

ocasião quiz ver qual dos meus inimigos era o que seria ferido ou morto e voltei um pouco a cabeça para observar o effeito do tiro, porem só vi a sombra de um que tinha esbarrado o cavallo e obliquado á direita. Miguel Bravo era o companheiro que me veio salvar porque ao chegarmos a um valo que se findava na ponta de uma restinga, havia um capão de matto bem serrado e junto a este capão havia uma aberta do dito valo e para elle eu me dirigia e meu amigo adeantou-se e eu disse, para mim mesmo: aqui neste valo, vae ser a minha sepultura. Miguel Bravo não disse mais uma palavra desde que eu movi a minha espada e com ella castiguei o meu cavallo e quando elle adeantou-se e passou na dita aberta, fez frente á retaguarda sobre a minha esquerda e trepadas as mãos do cavallo na terra, do valo, fazia pontaria para o inimigo, e então elles disseram: Deixa-te estar Farrapo que lá mais adeante pagarás. O meu companheiro quando deu volta me disse: Caldeirinha, a minha arma não tem cão. Elle foi ao acampamento participar ao commandante do que tinha occorrido na frente e qual era o meu estado. Note-se que já me vinha uma protecção, quando elle sahiu, mas não chegou a tempo de me servir para fazer uma boa retirada. O inimigo carregou nos meus companheiros que desceram em retirada pelo declive da lomba do Barro Vermelho e encontraram com o reforço e com os que tinham se retirado pelo peso do inimigo e ouviram a voz de um cabo pelo nome de João Barbosa mandando treis meia-voltas e como eram soldados disciplinados, obedeceram a voz do seu inimigo por prudencia e subira para retirarem-se para a cidade. Eu cheguei em uma casa que havia na direcção do acampamento e ao chegar a ella fui recebido pela dona da casa que ao ver-me poz as mãos na cabeça e disse: Meu Deus, que desgraça. Eu respondi, dizendo: Não é nada morrer um homem, e, ao apear-me, suppuz que podia pôr o pé no terreno e descarregar o corpo sobre elle porem foi-me preciso encostar a ponta da espada para sobre ella descansar o corpo. A Sra. mandou-me entrar e estendeu uma esteira no assoalho da casa e poz nella um travesseiro e eu me encostei sobre elle e pedi agua, fazendo-lhe signaes que ella não entendia. Mais tarde apresentou-me um cangirão e me disse — é agua — respondi-lhe sim, com a cabeça, porque não podia fallar e si eu disse quando cheguei — não é nada morrer um homem — era suppondo que podesse ella ouvir alguma cousa e ella sempre chegou a comprehender porque disse a algumas pessoas o que eu tinha dito quando cheguei em sua casa. Quando eu recebi o tal cangirão, pensei que ia tomar um fartão de agua, mas enganei-me, nem uma gotta della enguli e, para ver se engulia um pouco d'agua puz o bordo da vasilha na

bocca para receber um pouco della, virando o cangirão. Nem eu tinha sensibilidade naquella parte da bocca e porisso a lingua não tinha movimento pois o freio della estava cortado, e toda a agua que tinha sahido da vasilha tinha descido pelo lado direito do meu corpo e chegou até o botim do pé direito e antes que elle inchasse pedi para tirarem. O cirurgião não se tinha demorado muito e eu já estava com pouco sangue e depois que elle chegou, disse que eu não durava mais de duas horas. Tive um vago e deixei o mundo por alguns minutos e depois vivi, e até hoje, que estou bom. Levaram-me para a Setembrina em uma rede. Pernoitei numa casa no Matto Grosso, de propriedade do Brigadeiro Gaspar Menna Barreto e ali chegaram o General Netto e Corte Real que tinham vindo a trote por causa da derrota que soffreu a força do Carvalhinho que estava ao mando do Capitão Delfino e tambem na mesma casa tinha chegado o Commandante Moraes e Corte Real e este começou a fazer-me perguntas relativas ao que tinha se passado na frente e eu fiz signal que queria escrever e deram-me um carvão e eu principiei a pôr no assoalho da casa o numero de praças que tínhamos e o numero mais ou menos do inimigo e fiz ver por signal que nós é que devíamos aproveitar a occasião para derrotar o inimigo que se tinha approximado do lugar aonde estávamos em alarme e não devíamos ter retirado como se fez. O Corte estava assentado na minha frente e me disse que tinha feito mal em ter carregado no inimigo e eu serrei o punho da minha mão direita e bati com elle no assoalho e quiz dar a entender que tínhamos desmoralizado os nossos soldados. Moraes que estava ao lado do General Netto disse: Si eu escapasse deveria responder a um conselho de guerra, e Netto, disse que todo o official que avançava ao inimigo sahiria-se bem nos conselhos que livesse de responder. Corte continuava a fazer perguntas e eu já não podia responder-lhe porque estava soffrendo muitas dores e tinha a cabeça muito pesada e Netto disse a elle: Não esteja martyrisando o homem, deixe-o socegar. No dia seguinte fui em uma rede para a Setembrina e alli fui tratado pelo Doutor José Carlos Pinto, hoje fallecido. Foi daquelle logar que acompanhei a força que Bento Gonçalves marchou com ella para atacar o general Manoel Jorge nos campos de Taquary, de cuja marcha e resultado o Joaquim Gonçalves deu os detalhes que foram publicados no Annuario que se publica em Porto Alegre, menos o facto seguinte: Quando Bento Gonçalves estava no sitio de Porto Alegre, antes da chegada do presidente Alves Machado, tinha elle trocado algumas notas com Gaspar Menna Barreto, e em uma dellas, está em um jornal vindo de Porto Alegre, eu li o seguinte: Não foi por uma convenção a retirada do Ma-

noel Jorge? Depois do ataque que houve em Taquary, estávamos eu e Liberal Forte em uma casa de pouso e nella chegou Bento Gonçalves de manhã cedo e fazia muito frio mas eu apesar de andar de muletas por ter sido ferido em um pé no dia 3 de janeiro como acima disse, estava fóra da cama e o Liberal Forte ainda deitado e Bento disse-lhe esta vergonha: O Caldeira que anda doente está em pé. O Forte respondeu que estava muito resfriado e que tinha tomado um sudorifero. Bento Gonçalves fez pouso por muito tempo depois. Nunca julguei que o Crescencio estando de General de Dia deixasse o Manoel Jorge passar com um exercito de cavallaria, infantaria e artilharia, cavallos e bagagens em um unico passo que naquelle banhado havia. Muita responsabilidade recahe sobre elle. Quando elle acabou de pronunciar taes palavras eu perguntei aos meus botões, para que anda Bento Gonçalves accusando o Crescencio, tão publicamente? Mais tarde vim a saber que a tal accusação era supposta. Bento Gonçalves contramarchou para o acampamento, de novo, no lugar aonde estavam as forças quando marcharam e depois acampou na Boa Vista e neste lugar esteve pouco tempo e marchou com a cavallaria e a infantaria para atacar a praça de São José do Norte. Esta praça estava fraca de guarnição porem com bom entrincheiramento, corrido de sul a norte, a encontrar as praias e tinham embarcações de guerra para fazer fogo, varrendo o entrincheiramento pela parte de fóra e como o lugar era baixo e plano tinham levantado um torreão e nelle havia uma peça. A praça foi tomada de assalto e depois de tomada houve uma explosão no dito torreão. Como não era bem dia, os soldados inimigos depois de abandonarem as trincheiras foram se reunindo no quartel que ficava encostado ao porto e alli se fizeram fortes até que chegasse do Rio Grande um reforço de Infantaria. O reforço saltou em terra com muito custo e entrou para o quartel e então mais vivo foi o fogo feito pelo inimigo ao passo que a maior parte da nossa infantaria estava entregue ao saque e quando Bento Gonçalves conheceu que tinha de abandonar a praça mandou tocar a retirar, ficando dentro das trincheiras alguns soldados nossos que foram victimas do inimigo. Nesse ataque morreu o Major José Gonçalves, commandante do primeiro de Clavineiros de primeira linha. Bento Gonçalves contramarchou para o acampamento aonde tinha deixado a artilharia a qual não tinha se achado em Taquary. O sitio tinha se conservado durante a marcha para o norte e Bento Gonçalves marchou para a Setembrina. Eu tinha chegado nas nossas fileiras vindo do campo de Piratiny com o Moraes, na vespera da retirada de Bento Gonçalves para cima da serra e fiquei cortado do nosso exercito porem com muito custo passei para

os campos da fazenda da Dona Ritta Pires, procurando as forças que andavam por aquelle destino. Deixo de explicar como o Netto fez junção com Bento Gonçalves e como Caldeirão fez com Manoel Jorge porque o Anuario já publicou. Logo que Bento Gonçalves retirou-se abriram-se os portões da cidade para quem quizesse sahir e meu mano Lino veio aonde eu estava saber o que eu pretendia fazer e combinei com elle de ver um dos nossos amigos da infancia que fosse bom remador para passar-me para o dito campo que ficava na parte opposta da cidade, tendo nós de passar perto das embarcações de guerra que estavam fundeados no largo do Gualhyba, para cuja passagem eu lembrei-me de José Manoel e meu mano disse que elle estava de folga na noite em que eu tinha tenção de passar, porem que fallaria com elle. José Manoel prestou-se e pediu licença para pernoitar fóra do quartel e depois que respondeu a revista das seis horas foi ver uma canoa e nella embarcou e se apresentou no logar por mim indicado e embarquei depois que me despedi do meu irmão. Passamos pela ponta de um juncal e fomos embocar no porto da Xarqueada da dita Dona Ritta, pouco mais ou menos, depois da meia noite. José Manoel largou e eu caminhei muito a pé com o meu camarada que levava os meus lombilhos e a pequena malla de minha roupa e chegamos na chacara de Manoel Macedo, encontramos um cavallo maneado e nelle montei e caminhei até chegar na Boa Vista, aonde morava Antonio Pires o qual recebeu-me na occasião que o sol apontava. No dia seguinte marchei para a casa de um parente e allí estive alguns dias e na vespera da minha marcha para Piratiny (Capital da Republica) fui corrido por uma partida do Chico Pedro e não fui prisioneiro. No dia seguinte marchei para a dita cidade aonde me conservei até que o governo allí se tinha conservado; como elle fosse para Caçapava eu marchei para Candiota. Isto foi logo depois que Bento Gonçalves foi derrotado no Passo de Camaquã pelo Chico Pedro que tendo sahido de Pelotas para bater a Bento Gonçalves que se achava em Cangussú com uma força de cavallaria não conseguiu porque Bento Gonçalves preveniu-se a tempo e esperou mas Chico Pedro que trazia infantaria não procurou Bento Gonçalves para não se afastar da costa da serra e marchava para Camaquã sempre pelos terrenos favoraveis á arma de infantaria. Bento Gonçalves picava-lhe a retaguarda e Chico Pedro marchando sempre passou o Arroio Grande e o Camaquã e seguiu pela estrada que se vae por ella a Porto Alegre e de certa altura deu volta e emboscou a infantaria no Passo do Camaquã o qual tem uma comprida picada e muito funda, isto é, com barrancos muito altos de ambos os lados e elle Chico Pedro emboscou-se em capão que

ficava á esquerda da sahida da picada porem em regular distancia. Bento Gonçalves acampou na margem esquerda do dito Camaquam que naquelle logar é bastante largo e no dia seguinte mandou uma descoberta. Esta passou o Rio Camaquam e andou fazendo a descoberta e fel-a de tal maneira que não entrou novidade. Bento Gonçalves mandou passar um esquadrão para tomar a frente e dar logar que a mais força passasse e ficou mandando passar a força que estava com elle e na occasião que passavam pela picada o Chico Pedro carregou no esquadrão que já estava em marcha no campo ao mesmo tempo que a Infantaria fazia fogo nas praças que passavam pela picada. O esquadrão ganhou o matto e a força que estava passando voltou e formou na entrada do passo privando a passagem ao inimigo porem a infantaria inimiga mettu-se no matto fazendo fogo até que Bento Gonçalves retirou-se para a cochilha e estendeu linha de batalha e o inimigo acceitou e tambem estendeu linha. Bento Gonçalves carregou com poucos e os mais dispararam debandando-se vergonhosamente. Francisco Pedro retirou-se para a cidade e Bento Gonçalves tomou posição e acampou na fazenda do Salso, ponto de reunião. As nossas Infantarias estavam acampadas em Bagé e alli estava o governo antes de ir para Caçapava. Na passagem do Caldeirão por esta villa, o governo já se tinha retirado para Alegrete e com muita precipitação por causa do apparecimento do Caldeirão que não era esperado porque Netto e Crescencio estavam na frente delle para cortar a junção com o Manoel Jorge. Mais tarde veio Caxias tomar conta do exercito e marchou com elle para a campanha seguindo ao Canabarro e este General marchava quasi sempre a uma distancia que muito inquietava porque a sua vanguarda não podia tomar muita distancia do exercito. O nosso exercito estava dividido operando em differentes destinos. Antes da chegada do Caxias Bento Manoel tinha perdido a maior parte da cavallaria no ataque de Poncho Verde e por esta perda retirou-se do campo e marchou dia e noite para soccorrer ao Arruda que estava acampado com uma força de Infantaria no Alegrete que para aquelle ponto tinha marchado Canabarro com a cavallaria afim de intimar ao dito Arruda que se rendesse porem Arruda respondeu-lhe com pouco caso dizendo que tinha recebido as suas patacoadas escriptas em meia folha de papel de cigarros e que enquanto lhe durasse um cartucho que sustentaria aquelle ponto e que o esperava. Canabarro não atacou e retirou-se com a chegada de Bento Manoel. Bento Manoel encorporou-se a Caxias e com elle andava. Caxias foi occupando as principaes praças da campanha com fortes guarnições de Infantaria e marchava sobre Canabarro, porem can-

sou de seguil-o e tratou de fazer com elle a paz. Ella foi feita sacrificando o artigo que Bento Gonçalves com elle libertaria os soldados que tinham hombreado connosco por tantos annos de guerra cujos soldados foram entregues a Caxias. Mais tarde marcharam para o Rio depois de alguns ou todos terem trabalhado no desaterro da praça da Matriz de Porto Alegre. Canabarro entregou a força que foi atacada nos Porongos por Chico Pedro menos as cavallarias da campanha. Dona Manoela irmã do Netto mandou avisal-o que Chico Pedro estava acampado perto da casa della em um braço do Candiотinha num lugar que tinha uns salsos e que alli elle tinha amanhecido. O proprio foi um velho de nome Joaquim Pereira que marchou com o aviso immediatamente para a força aonde estava Netto commandando as forças de linha de cavallaria e infantaria, inclusive o corpo de artilharia que não tinha nenhuma peça porque tinham lançado em uma lagoa. Note-se que Netto estava no mesmo campo de Canabarro e quando recebeu o dito aviso mandou o mesmo proprio transmittil-o a Canabarro e Pereira dirigiu-se á barraca do General Canabarro e ao chegar a ella apeou-se e encaminhou-se para o Canabarro que o esperava de pé na frente della e perguntou o que quer e o que anda fazendo? Pereira disse o que andava fazendo e Canabarro perguntou: Você viu o Moringue? Não Sr. E como sabe que o Moringue está lá? Pereira disse que tinha visto a fumaça dos fogões. Quem sabe se você está assustado. Não tenho de que me assustar Sr. General porque não tenho crime nenhum. Foi a resposta, que o Pereira deu. De que banda está o vento disse Canabarro ou perguntou ao Pereira e este respondeu depois que se tinha afastado da frente da barraca — Está desta banda e apontou com o dedo para o lado de onde soprava o vento. Canabarro disse: Pois o Moringue sentindo o meu cheiro cá não vem. Vá para a sua casa e não ande dando essas noticias aterradoras. Canabarro mandou chegar a cavallhada da reserva para a frente do acampamento e deu ordem para que fosse recolhido o cartuxame e entregue ao quartel mestre. Os cavallos não foram pegados mas os cartuxos das patronas dos soldados foram recolhidos. No mesmo lugar ficou Canabarro com a força acampada. Ao amanhecer do dia seguinte Moringue mandou bater bombo na frente do acampamento de Canabarro e entrou pela retaguarda do acampamento um esquadrão inimigo varrendo tudo. A nossa infantaria acossada pela frente e retaguarda foi ao matto que havia nas pontes do arroio Porongos, isto é, da serra dos Porongos donde nasceu o dito arroio e o que não morreu escapou com muita difficuldade. Netto e Teixeira salvaram-se e alguns lanceiros que estavam fóra do acampamento para que enfraquecesse esta força.

Esta derrota foi presenciada pela força que estava em alarme do lado da margem esquerda do dito arroio em numero de 600 a 700 bravos com João Antonio da Silveira na sua testa. O homem queria botar-se ao inimigo, porem, Canabarro não consentiu. Na retaguarda do acampamento havia um passo no dito arroio o qual ficava por traz da barraca de Canabarro, e este que ouviu o toque do bombo montou a cavallo e passou para a margem esquerda do mencionado passo tomou a frente da força e abandonou completamente o campo sem empregar meio algum para soccorrer os infelizes que traiçoeiramente eram perseguidos sem defeza. No dia seguinte andou apresentando manobras e no seguinte, isto é, no segundo dia marchou para o rincão do contracto e alli acampou. Eu soube que elle estava alli, armei-me e marchei para apresentar os meus serviços e elle agradeceu dizendo-me que a sua marcha era na direcção da Cachoeira, passando por Pelotas e Encruzilhada e que depois tomaria o rumo da fronteira porisso que a minha marcha com elle me serviria de transtorno porque ficava cortado da minha familia. Agradeceu muito a minha offerta e depois perguntou: E que tal, Caldeira, não achas esta gente alegre e prompta? Respondi-lhe que sim, e na verdade, si se apresentasse uma força para bater aquelles bravos seria derrotada porque de sua parte só esperavam occasião de desforra. Canabarro mandou me entregar uns cavallos que tinha-lhe emprestado uns dias antes da derrota nos Porongos. Quando me retirei do seu acampamento era noite e passando o Candiota no Passo do Evaristo.

Teixeira marchou do Passo do Evaristo pela margem esquerda do Arroio Candiota abaixo, sendo esta força a vanguarda da de Canabarro a qual marchava na mesma occasião pelo rincão do Contracto a passar o dito arroio abaixo. Eu segui para a minha casa que distava meia legua mais ou menos e depois fui aos Porongos afim de saber noticias de um parente meu que era official de um corpo de infantaria da que tinha sido derrotada no dito logar. Depois de lá ter chegado me dirigi a casa de uma senhora de nome Lauriana que distava do logar da derrota pouco mais de um quarto de legua. Note-se que até a dita casa foram os nossos perseguidos pelo inimigo, passando os derrotados pela frente da dita casa. Depois de ser eu recebido pela referida senhora perguntei a ella pelo meu parente e ella disse que tinha sido sepultado no dia anterior á minha chegada alli. No meio da casa estava uma

canastra coberta com sola e pregada com tallas amarellas a qual me afigurou ser de algum official e perguntei á dita senhora de quem era a dita canastra e ella respondeu-me dizendo: Esta canastra e outra que está lá dentro é do General Canabarro que treis dias antes do ataque mandou-me entregar e com ordem de eu não entregal-as sem ordem por escripto d'elle porque dentro dellas estavam muitos papeis de circumstancia. Quando retirei-me daquella casa não formei bom juizo do Canabarro pela surpresa que diziam ter elle soffrido. Canabarro era um dos chefes muito activos da Republica e deixar-se derrotar depois de ter sido avisado no dia antes da derrota e sem ao menos mudar de campo, estando acampado ha treis dias no mesmo lugar!... Causou-me porisso muita suspeita da sua facilidade. Teixeira tomou a frente de Canabarro e este depois de ter passado o Candiota tomou a direcção do Arroio de Piratiny e acampou nos campos do Arroio Chasqueiro no dia seguinte, de manhã. Escreveu (com lapis) uma ordem em um pedaço de papel ordinario que lhe forneceu o dono da casa, ordenando ao Coronel Teixeira que acampasse junto ao dito arroio e que alli esperrasse-o. Teixeira que acampou e quando chegou a tarde a força que alli chegou derrotou-o e foi a de Chico Pedro, sem se ter movido o Canabarro do lugar do campo aonde estava quando mandou a dita ordem ao infeliz Teixeira. Chico Pedro marchava ás claras, pela estrada real que seguia na direcção do Passo aonde se achava o seu inimigo, um dos mais temiveis e respeitado pelo Chico Pedro. O official do piquete republicano quando avistou a força que se encaminhava para elle mandou parte ao Teixeira e este respondeu que era o General Canabarro porem o commandante do dito piquete desconhecendo a força fez fogo e então o inimigo carregou sobre a força do Teixeira que não podendo soffrer as cargas que lhe fazia Chico Pedro, foi derrotado e perseguido de morte e morte, muito de proposito, ordenada por Chico Pedro. O cavallo do Teixeira foi boleado e assim mesmo Teixeira seguiu defendendo-se com a sua lança mas tambem foi elle boleado com a dita lança e não tendo com ella manejo algum foi rodeado dos que mais perto lhe seguiam e deram-lhe um tiro em uma coxa e cahiu do seu cavallo e na occasião de cahir chegou Chico Pedro e Teixeira disse: Coronel não me deixe matar. Chico Pedro seguiu e virando a cara para a banda, disse: Não matem o homem. Teixeira tinha feito um signal de soccorro e morreu. Canabarro passou o arroio de Piratiny e Camaquam, seguindo na direcção da Cachoeira e passando pelos seus inimigos sem ser batido, tomou a campanha e nella conservou-se até que fez a paz com o General Caxias cuja paz já poderia estar feita ha muito tempo si o Bento Gonçalves quizesse sacrificar a liber-

dade, principio este pelo qual tinhamos sacrificado muitas vidas preciosas e immensos capitaes. Canabarro tudo sacrificou ... menos o dinheiro. Os soldados que serviram connosco por espaço de dez annos os quaes tinham sido escravos, foram entregues ao Governo como captivos da Nação. Ha quem diga que não e que ficaram livres. Antes calar do que escrever-se faltando com a verdade. Como ficaram livres os soldados que tinham sido escravos e que serviram nas nossas fileiras quando foram entregues ao Caxias e escoltados para a cidade de Porto Alegre? Não estiveram elles trabalhando acorrentados na praça da Capital da Provincia? Sim, estiveram e depois foram para a Corte como escravos. Não andarão como capitães do matto alguns individuos que tinham servido nas fileiras da revolução agarrando alguns dos soldados do nosso exercito para entregarem aos seus senhores mediante uma quantia porque tinham conhecimento pessoal dos seus antigos companheiros de combate? Eu conheci um official, conhecido por Gago, que caminhou por varios pontos da Provincia empregado neste vergonhoso emprego. Pergunte-se ao Sr. Barão do Jacuhy quanto pediu elle depois da paz, por um pardo que serviu nas nossas fileiras e que estava empregado pelo Canabarro em um campo ou Fazenda na fronteira de Quarahy, que elle ha de responder, que não só reclamava o dito pardo como mandou prender um outro pardo da mesma casa que o conservou como seu captivo. Si os duros grilhões da escravidão são considerados premios de liberdade então seriam livres todos os que constrangidamente arrastam pesados grilhões da tyrannia.

Eu tinha somente em vista relatar alguns factos que se passaram depois que com alguns companheiros fomos prisioneiros e deportados para o Rio de Janeiro, mas estou disposto a voltar ao principio da revolução para não ficarem ignorados por quem tanto se empenha em reunir informações afim de agregal-as (depois de historiadadas) ás paginas da historia da gloriosa revolução de 1835. Depois do dia 20 de setembro de 1835 as forças que tinham entrado na cidade acamparam na casa do Leão a qual estava situada na varzea de Porto Alegre e nessa occasião o commercio mandou um refresco para a tropa que alli estava. O primeiro sangue que se derramou na noite de 19 de setembro foi o de um jornalista de nome Prozodia, que acompanhou o visconde de Camamú quando este official marchou na frente de um esquadrão de cavallaria organizado momentaneamente afim de ir descobrir uns ladrões que se estavam reunindo junto á Azenha que fica perto da ponte do mesmo nome. Camamú reuniu gente escolhida e voluntaria entre os Guarda Nacionaes, pessoas distinctas que se chegavam a palacio e com este destimido esquadrão elle marchou de pa-

lacio como o fim de reconhecer a força que alli se achava para avançar na cidade e saqueal-a. Os ladrões eram os capellistas de Viamão (segundo diziam elles). Os cavallos estavam farrados e trotando pelas calçadas da rua da Igreja, faziam uma matinada que chamava a attenção dos moradores, muito principalmente as espadas que tocavam nas esporas, ao passo que as familias estavam assustadas pelas noticias que muito de proposito espalhavam pela cidade. O brilhante esquadrão rodou á direita quando chegou na esquina do quartel do 3.º Batalhão e fez frente para a estrada que dá para a Azenha e marchou a trote e galope tendo o seu commandante á frente, bem fardado e com uma bonita barretinha, muito alta. Havia um piquete avançado a pouca distancia da entrada para a estrada da dita Azenha, postado alli pela força da Revolução, commandada pelo Onofre, Tenente Coronel Antunes e Capitão José Gomes Jardim um dos homens mais humanitarios da Provincia. O inferior que estava no logar avançado, ouvindo a algazarra que faziam as praças do esquadrão Camamú, poz-se a cavallo e esperou que chegasse bem perto e quando julgou ser tempo, perguntou: Quem vem lá? A resposta que deu o Camamú, foi esta: Fogo! O inferior mandou carregar e o esquadrão Camamú debandou completamente pela varzea da cidade, morrendo o jornalista Prozodia e Camamú foi o primeiro que se apresentou em palacio e sem a sua barretinha, causando ao presidente Braga muito terror, e aos habitantes da cidade. Antonio Rodrigues Braga conheceu a sua má situação e tratou de dar providencias para no acto do momento do perigo, embarcar, como fez, levando consigo até a mobilia do Palacio. A cidade foi muito bem policiada, conservando-se a boa ordem e garantia de propriedade. Si os negociantes ou o commercio quiz dar o refresco que deu, foi porque quiz, ser naquella occasião cavalheiro, ou talvez uma demonstração de satisfação da qual se achava possuido por verem-se bem garantidos. Em principios do mez de outubro, marchou o Coronel Onofre da cidade com seis companheiros para a Capella do Viamão e dalli para a Boa Vista onde se refez de cavallos e tomamos no dia seguinte a direcção do Palmas (arroio) e no fim de treis dias marchamos com uma reunião de mais de sessenta cidadãos armados que tinham vindo de Santo Antonio da Patrulha e da Figueira de Nossa Senhora de Conceição do Arroio ao mando do cidadão Marcos Christino Fioravante, para a villa de Mostardas que tambem se incorporaram alguns cidadãos á nossa força e continuando a nossa marcha na direcção do estreito, apresentou-se um juiz de paz na frente de alguns vizinhos seus trazendo a sua facha a tiracól offerecendo-se como tal si o Onofre quizesse reconhecê-lo como juiz. Onofre agra-

deceu-lhe a attenção e deixou o dito juiz exercendo as mesmas funcções. Quando chegamos no estreito soubemos que em São José do Norte não havia guarnição e porisso a força ficou acampada fóra da villa entrando nella Onofre com poucos companheiros inclusive o Anã que tinha acompanhado Onofre desde a cidade de Porto Alegre. Bento Gonçalves estava no Rio Grande e para lá fomos depois que Onofre licenciou a força. Antes de passarmos para o Rio Grande fomos á barra e estando nós na Atalaia, passava naquella occasião uma canhoneira levando a seu bordo o Presidente da Provincia Antonio Fernandes Rodrigues Braga e nos dirigiram por despedida alguns tiros de bala raza e enfiaram a proa do navio nas aguas do mar sulcando as ondas. Bento Gonçalves estava de posse do Rio Grande e de toda a Provincia e porisso licenciou os cidadãos armados e mandou publicar uma Proclamação dirigida a elles e depois marchou para Camaquã com alguma força em observação ao resultado do reclame que a Assembléa Provincial tinha feito ao Governo central. Onofre seguiu para a cidade de Porto Alegre e mandou reunir alguns cidadãos no Passo da Figueira distante da cidade treis leguas pouco mais ou menos até que chegasse na Capital da Provincia o Araujo Ribeiro que se esperava para tomar posse da Provincia. Ribeiro esteve na cidade porem não tomou posse e retirou-se para o Rio Grande.

As forças da revolução que estavam licenciadas tornaram a se reunir e de novo empunharam as armas com mais influencia. O manifesto de Bento Gonçalves relata muito minuciosamente o que occorreu a respeito da posse do Presidente Araujo pelo Bento Manoel que esteve connosco e passou-se para as fileiras da legalidade logo depois que Araujo tomou conta da presidencia e deu principio a uma reunião principiando pelos destinos do Alegrete e encaminhou-se até perto da Cachocira. Corte Real sabendo do movimento de Bento Manoel tratou de reunir e pediu protecção de força ao Doutor Marciano, vice-presidente da Provincia e que estava connosco e lhe foi mandado um reforço de cavallaria ao mando do Moraesinho e tambem marchou o cidadão Manoel Macedo e Marcos Christino Fioravante e com esta força e a que já tinha, Corte marchou em perseguição de Bento Manoel que vergonhosamente fugia. Bento Gonçalves sabendo que Silva Tavares tinha passado nos Canudos para marchar pela campanha afim de fazer junção com Bento Manoel, marchou sobre Silva Tavares para batel-o antes da junção porem não poud conseguir porque Silva passou para o Estado Oriental no Passo da Picada do Umbú (no Jaguarão) depois que atravessou o Candiota pelo campo do Contracto e ter porisso tomado a frente a Bento

Gonçaves nas pontas do Rio Negro sendo muito acossado pelo tenente Fileno Marques o qual marchava na vanguarda de Bento Gonçalves. Bento Manoel retirando-se de Corte Real seguia a estrada de Caçapava e dalli tomou a estrada que vae ao Passo do Rosario e passando o dito passo, acampou entre-tendo Corte Real com conversações amistosas, porem esperava fazer a dita junção para vingar-se da corrida que lhe dera Corte Real. Como Bento Gonçalves não poudé cortar a junção acampou nas pontas do Jaguarão, esperando o Netto que tinha ficado na sua retaguarda no Campo da Conceição (em Candiota) e tambem mais alguns cidadãos e cavalhadas não porque tivesse falta de cavallos mas porque os que tinha estavam muito estropiados. No fim de treis dias marchamos eu e mais alguns companheiros para Bento Gonçalves do Passo da Figueira e tomamos a coxilha do Rodeio Colorado e seguimos a Coxilha de S. Sebastião afim de chegarmos no Vacacahy e passarmos no passo que está a pouca distancia de S. Gabriel. Antes de Silva Tavares fazer a junção com Bento Manoel, Bento Gonçalves tinha mandado treis proprios com officios ao Corte Real ordenando-lhe que não passasse o Santa Maria e que se sustentasse no passo e si Bento Manoel tentasse passar, que se retirasse pela estrada, direito a São Gabriel sustentando uma guerrilha forte mas que não se engajassem em combate, que elle marchava pela mesma estrada afim de fazerem junção e baterem o Bento Manoel. Os proprios foram, mas não voltaram. Chegamos no dito passo pelas oito e meia horas da noite e alli soube Bento Gonçalves da derrota da força que Corte commandava, pelos extraviados e então acampamos um pouco abaixo do dito passo. Foi neste ataque que Corte ficou prisioneiro. Silva Tavares tinha feito junção e Bento Manoel não deu tempo que Bento Gonçalves chegasse com a sua força onde se achava Corte e porisso tratou de bater o seu inimigo, imprudente e inesperiente. Bento Gonçalves passou no dia seguinte o Santa Maria no Passo de S. Borja e soube que Bento Manoel tinha marchado para o Caverá e então acampou no Ibicuhy de onde marchou para o campo Secco e alli em uma manhã mandou fazer alto a força e mandou passar uma revista nas malas dos soldados com o fim de ver se encontrava alguns objectos que tinham furtado a um negociante da campanha e de uma outra casa de familia. Na guarda da retaguarda foram encontrados os objectos que se procuravam e os ladrões foram fuzilados na margem direita do Rio Santa Maria cujos ladrões eram 5. No dia seguinte marchou Bento Gonçalves para as pontas do Camaquam-Chico ou Camaquamsinho e alli acampou depois de duas marchas e quando estava a tropa principiando a espetar a carne ouviu-se o toque de apromptar e

montar a cavallo. Este toque tinha o signal da primeira brigada a qual era commandada pelo Netto. Note-se que nesse tempo chamava-se „a gente do Netto“ e elle seguiu a trote largo para a cidade de Pelotas afim de bater o Tenente Coronel Albano que tinha marchado do Estado Oriental para encorporar-se ao major Marques que se achava em Pelotas com uma força de Infantaria em numero de cento e tantas praças. Bento Gonçalves marchou na retaguarda da força do Netto e quando este estava combatendo com Albano na costa do Rio São Gonçalo e appareceu Bento Gonçalves com a sua força a qual tomou parte no ataque. Albano fez a resistencia possivel porem foi inutil e ficou prisioneiro. Elle tinha se lançado no rio e no meio delle virou a canoa que tinham alcançado indo dentro della uns individuos que si não soubessem nadar teriam se afogado e elle teria se escapado porem veio para a praia quasi morto de cansado. O Coronel Lima tio do Conde de Caxias intimou ao Marques que se rendesse e como este aparentava fazer resistencia, Lima e Netto mandaram-lhe dizer que se elle não rendesse as armas que fariam elle com os soldados que alli estavam voarem porque minariam o sobrado e botariam na mina alguns barris de polvora. Marques foi prudente e entregou a sua espada. Albano foi condemnado a morte secretamente e marchou para Porto Alegre e quando ia passar o Passo do Velhaco que ficava no municipio das Dores foi morto. Alguem dizia que Albano pedira uma faca e um pedaço de fumo a um soldado da escolta que o conduzia e quando estava picando o fumo lançou-se ao matto da picada a qual é bastante comprida e como os soldados estivessem bem prevenidos deram-lhe um tiro do qual foi morto e alguem dizia que elle já trazia o seu algoz na escolta e acusavam o Capitão Antonio Bento, sobrinho de Bento Gonçalves. Um individuo que morava na fazenda do Lageado avistando o tal capitão que vinha a galope direito á dita estancia ou Fazenda e disse: Mataram o Albano! E' possivel que este individuo estivesse ao facto do que tinha de acontecer a Albano. Consta que Marques ao passar no lugar aonde foi morto Albano dissera ao commandante da escolta que elle não seria capaz de tentar evadir-se, que preferia entrar preso na cidade de Porto Alegre e passar por aquella vergonha do que ficar morto e deixal-o mal e que comprometteu a sua palavra de honra. O commandante da escolta garantiu a vida de Marques e foi elle muito bem tratado até chegar na cidade de Porto Alegre. Antonio Manoel do Amaral tinha sido um dos extraviados e reuniu-se a Bento Gonçalves no Passo do Vaca-cahy e marchou com elle até as pontas do Camaquamsinho e quando Bento Gonçalves marchou na retaguarda do Netto ordenou a Antonio Manoel que seguisse para o Arroio dos Ratos

e que alli se acampasse por ser aquelle logar o ponto de reunião e que fosse por Caçapava levantando todos os cavallos que encontrasse e quando chegou no logar indicado para a reunião pedi licença par ir á cidade. Eu tinha me reunido ao Amaral porque o meu mano estava com elle. Bento Gonçalves veio para o acampamento indicado deixando Lima e Netto nos campos do Rio Grande que tinha passado o São Gonçalo para sitiar aquella praça. Onofre tinha marchado para São José do Norte afim de sitiar esta praça e como a sua força era de cavallaria, não podia atacar a praça porem chamar attenção do inimigo por aquella parte. Juca Ourives tinha entrado conosco na revolução e se conduzio pessimamente, violando familias para os lados da Aldeia dos Anjos. O Onofre mandou prendel-o mas elle não attendeu á prisão e passou-se para a legalidade e foi muito hem acceito. Bento Manoel preparou-se e marchou sobre Bento Gonçalves e este preparou-se tambem e marchou a encontral-o e em marcha se encontraram as duas forças em uma madrugada de muita serração. Bento Manoel julgava surprehender a Bento Gonçalves e ficou surprehendido quando o encontrou em marcha e retirou-se para a campanha, isto é, para a Fronteira. Onofre se conservava sitiando o mesmo logar quando teve parte de que pela retaguarda apparecia uma força de cavallaria e artilharia a qual era commandada pelo Juca Ourives. Onofre deixou uma pequena força na frente da villa de São José do Norte e marchou com cem homens para a sua retaguarda afim de descobrir o inimigo. Este soltou bois na frente de um areal e metteu as suas peças em baterias guardadas pelos mesmos artilheiros e formou a cavallaria em linha sobre a direita e esquerda das peças, e alli esperava o Onofre que vinha se approximando (do inimigo). Na retaguarda do Onofre appareceu uma força que se approximava a elle a galope porem era o Castilhos que tinha deixado as sentinellas á vista do inimigo que estava dentro da villa e vinha reforçar a força do Onofre. Depois que o Onofre recebeu este reforço metteu a sua força em linha em uma canhada que ficava na frente do inimigo e subio para a frente com o seu corneta e deu vivas á liberdade e mandou tocar a carga. A cavallaria carregou de espada nua sobre as duas allas da cavallaria inimiga, recebendo apenas um tiro de metralha que ferio um dos nossos bravos que carregavam. A força de Juca Ourives ficou prisioneira, escapando-se elle em pello, com treis ou quatro companheiros. Antes desta derrota Juca Ourives tinha entrado na cidade pela rua da Olaria e se dirigido ao trem de guerra para se apossar delle afim de tomar a cidade de combinação com os legalistas que estavam dentro della combinando uma reacção, sendo o Marques um dos principaes e Menna Barreto

e outros. Porem Ourives foi rechassado pelos trabalhadores que estavam no trem e retirou-se perdendo um ou dois companheiros que ficaram mortos na rua da Olaria, por onde tinham entrado. Depois deste facto foi que fez-se um entrenchearamento de taboas nos pontos mais convenientes. Lima retirou-se do Rio Grande (do sitio) para Pelotas e Netto tambem. Pela barra entravam constantemente muitos reforços para Araujo Ribeiro porque ella ficou no mesmo estado em que achamos sem que Bento Gonçalves levantasse um forte para impedir a entrada de forças inimigas. De Porto Alegre tinha marchado uma infantaria com artilharia para o Onofre atacar a praça de São José do Norte na mesma occasião que Lima e Netto atacassem a praça do Rio Grande. Onofre só encontrou um obuz em estado de fazer com elle fogo, como fez, porque mesmo as peças estavam encravadas. O tenente José Maria de Campos foi quem os recebeu no trem de guerra e com elle marchou e estavam debaixo da sua guarda. Depois que Onofre dirigiu (elle mesmo em pessoa fazia as pontarias) alguns tiros de bomba para a praça que tinha que assaltar, e na mesma noite do dia 14 de agosto approximou-se das trincheiras daquella praça e esperava o signal que tinha de vir na vespera das forças do Lima porem o dito signal não foi feito e nem porisso Onofre deixou de marchar para o logar que lhe pareceu conveniente para o assalto porem teve de retirar-se quasi de dia que nos dirigiam muitos tiros de artilharia de uma e outra parte. Já disse que Lima e Netto tinham se retirado para Pelotas e alli fez José Mariano de Mattos um forte para bater as canhoneiras inimigas que se approximavam á distancia de tiro. Onofre contramarchou para a villa de Mostardas e dalli mandou o Moraesinho com uma companhia de allemães de infantaria para apresentar-se a Bento Gonçalves que tinha marchado da campanha para sitiá a cidade de Porto Alegre a qual estava em poder da legalidade pela reacção que fizeram e depois Onofre marchou com a força que tinha e encorporou-se a Bento Gonçalves o qual já tinha atacado a cidade e as suas forças tiveram de retirar-se depois de terem se apossado dos primeiros pontos avançados. O ataque foi levado em dois pontos da cidade sendo um na trincheira do ponto do Caminho Novo e outro no do caminho da Olaria; por este logar atacou o Moraesinho com a companhia de allemães e pelo outro atacou uma cavallaria a pé que recebia muito fogo de uma embarcação que estava em uma posição de varrer a trincheira com bala raza ou metralha. Bento Manoel marchou da campanha para a cidade e nella organisou uma forte Divisão composta das treis armas afim de bater Bento Gonçalves. Depois da chegada de Bento Manoel houve treis dias de suspensão de armas e se dizia que

se tratava de condições de paz. Não tendo a suspensão de armas produzido effeito de paz, Bento Gonçalves fez correr o boato de atacar a cidade e para isso preparou a sua força em ordem de marcha e da Capella do Viamão marchou pela estrada direito ao Passo da Cachoeira onde havia uma ponte feita de pedra e depois da sua passagem inutilisou-a e acampou na margem direita do Arroio Gravatahy e alli mandou carnear e deu descanso á sua força. Bento Manoel soube que Bento Gonçalves tinha tomado outra direcção e não a da estrada para a cidade e marchou com toda a sua força para batel-o antes que chegasse no dito Passo, porem foi inutil o seu empenho porque a ponte estava desmanchada e mesmo se ella estivesse perfeita Bento Manoel não tentaria a passagem porque seria derrotado e a cidade ficaria em poder de Bento Gonçalves. Bento Manoel contramarchou para a cidade e Bento Gonçalves seguiu marcha forçada para São Leopoldo e alli marchou e passou para a Freguezia do Triumpho. Bento Manoel embarcou com toda a sua força e subiu pelo Jacuhy e desembarcou na margem esquerda do dito rio e em ponto conveniente tomou posição para impedir a passagem de Bento Gonçalves em um passo que elle pretendia passar. Foi então que Bento Gonçalves emprehendeo a passagem da ilha do Fanfa contando com a protecção do Crescencio que estava na margem direita enfrente á Ilha. Greefeld commandava a esquadilha da legalidade e collocou-se entre a ilha e a margem direita do mesmo rio. O que se passou com Bento Gonçalves nesta ilha, já é publico e notorio e porisso não adeanto mais nada a este respeito. Netto que tinha derrotado uma força da legalidade no Seival, ao mando de Silva Tavares, proclamou a republica no campo de batalha, isto é, na costa do Rio Jaguarão e depois foi elle aclamado General Commandante do Exercito Republicano Riograndense. Manoel Lucas de Oliveira e Joaquim Pedro, pae do Dr. Joaquim Pedro Soares, fizeram conhecer a Netto que o Coronel João Manoel de Lima tinha direito a ser o General commandante do exercito para o que, além de ser o mais antigo, era de primeira linha e se elle Netto não acceitasse a aclamação de general pela força que tinha triumphado no campo de batalha, Lima na primeira proposta que houvesse seria General mas os Piratynenses não serviriam debaixo de suas ordens. Alem disso, não contavam com a divisão do centro ao mando de Bento Gonçalves, porque a julgavam perdida. Ainda diseram mais que a bandeira nacional era a mesma que se levantava e apparecia na frente das linhas inimigas e que era preciso mudar-se de politica do contrario a revolução não podia continuar sem se levantar a bandeira republicana e que para esse fim devia elle Netto acceitar a aclamação de General

e dar vivas á republica e á independencia Riograndense. Netto respondia que Bento Gonçalves era quem estava á testa da revolução e que elle não estava ao facto do segredo della e porisso Bento Gonçalves talvez não approvasse e á vista de algumas observações que Joaquim Pedro Soares e Manoel Lucas de Oliveira lhe fizeram, consentiu que fizessem as ordens do dia e proclamações que elle designava. Netto assignou-as e mandou ler na frente da força que no dia destinado formou-se em quadrado e tinha um periodo que dizia que daquella dia em diante não havia vencidos nem vencedores. Tambem foram lidas as propostas para officiaes daquella força, inclusive o Coronel João Manoel de Lima a General, que mais tarde foram approvadas pelo Governo Provisorio, ou vice-presidente. Depois que Onofre derrotou a força de Ourives, mandou fuzilar uns prisioneiros. Elle não soube impor a sua posição de Chefe. Deu ouvido aos inimigos daquelles infelizes que estavam em linha, esperando a morte. Antonio Pedro em nome da tropa pedia a cabeça delles.

Onofre foi fraco e mandou fuzilar obedecendo á imposição dos Cidadãos que elle com a sua voz e a sua espada em mão levou-os ao combate. A historia o julgará. Volto á Fortaleza da Lage do Rio de Janeiro. Bento Gonçalves pediu remoção para uma das Fortalezas da Bahia porque estava soffrendo muito naquella fortaleza e aconselhado pelo seu medico fez a petição e foi servido e levaram-no para a Fortaleza requerida. Lá continuou doente e como meio hygienico, tomava diariamente banhos de mar e para esse fim baixava á praia da fortaleza acompanhado de um soldado armado de rifle e depois de banhar-se vestia-se, subia e entrava para a sua prisão e almoçava. Na occasião dos banhos fazia alguns exercicios nadando ao largo da base da Fortaleza e voltava mergulhando e dando patanadas a todos lados, do que a tintinella muito se admirava. De quinze em quinze dias tinha de ir um inferior ao porto da Cidade com alguns individuos embarcados, para receberem provisões de bocca. Bento Gonçalves estava ao facto deste movimento e combinou com os seus amigos um plano de fuga. Em uma occasião que o lanchão tinha seguido para o porto com o fito acima dito e depois que o lanchão tinha chegado á praia e só ter nelle um marinheiro, Bento Gonçalves foi tomar o seu banho e lançou-se á agua como era do costume porem daquella occasião afastou-se tanto da Fortaleza, que não voltou a ella. Quando Bento Gonçalves lançou-se á agua, passava ao largo da Fortaleza uma canoa, que veio recebê-lo e metten-se por entre as embarcações que estavam ancoradas no Porto daquella Cidade. A Fortaleza fez signal de fuga do preso e os navios de guerra lançaram nagua os seus escaleres e canoas,

seguindo a canoa que se dirigia a uma ilha e quando ella embicou na ilha estavam dois cavallos encilhados, á espera e nelles montaram Bento Gonçalves e o sargento da guarnição da Fortaleza, que tinha ido no lanchão ao porto da cidade. Bento Gonçalves atravessou a Ilha e quando chegou na parte opposta, na margem do riacho, que dividia a Ilha da terra firme, encontrou outra canoa e passou para a terra firme encontrando alli outros dois cavallos encilhados e montou como seu companheiro e sumiram-se dos olhos dos que lhes tinham seguido. Depois da Ilha do Fanfa Bento Manoel marchou com uma força de cavallaria, infantaria e artilharia para a fronteira, procurando o Netto para chamal-o á ordem e batel-o. Netto esperava-o pelos destinos de Candiota com uma força tambem das treis armas. As duas forças andavam á vista. Cada qual procurava boa posição para pernoitar e fazer o alarme. Faziam marchas e contramarchas, sempre avistando-se. Ambas as forças eram pesadas. Netto tinha anoitecido em uma estendida collina e marchou procurando logar para acampar. Bento Manoel tambem procurou campo para acampar e assim as duas forças tratavam de se defender de alguma surpesa, empregando toda a vgilancia. Bento Manoel procurava terrenos escabrosos e muito dobrados porque não confiava na sua cavallaria. Netto procurava coxilhas proprias para as suas cavallarias poderem combater. Na madrugada de 4 de janeiro de 1837 mandou tocar a alvorada na frente do acampamento do Netto e este mandou montar a cavallo e poz-se em retirada por uma extensa coxilha que finda no arroio Candiota enfrente ao passo do Evaristo. O fogo das treis armas principiou logo que a cerração levantou. A Coxilha era estreita e do seu cume nasciam as pontas de fundas sangas. O inimigo não podia flanquear com vantagem a nossa força e porisso a cavallaria inimiga não podia operar contra a nossa cavallaria. Canabarro com os lanceiros de primeira linha (aquelles mesmos que elle entregou-os ao captiveiro), carregava na testa da cavallaria inimiga e a continha. A nossa infantaria retirava-se fazendo descargas successivas. José Mariano de Mattos, commandante da nossa Artilharia collocando-se em posição conveniente artilhava o inimigo. Alguns cidadãos da força do Netto extraviaram, porem Bento Manoel vendo a sua infantaria muito cansada e quasi morta a sede mandou tocar alto depois de uma marcha de quasi 2½ leguas de marche-marche por mãos caminhos para a sua força. Netto acampou na margem direita do Candiota e no dia seguinte passou o Jaguarão no Passo do Salso, para o Estado Oriental. Araujo Ribeiro tinha sido mudado. Anthero Soares de Paiva foi o nomeado para commandar o Exercito da legalidade e presidente da Provincia. Bento Manoel não

tinha obedecido as ordens do General Anthero. Em Caçapava estava uma força ao mando de Bento Manoel composta das três armas. Como Bento Manoel não obedecesse as ordens do Anthero, este marchou com um esquadrão de cavallaria ou piquete para prender a Bento Manoel e quando Bento Manoel soube que o seu General vinha perto, foi enconral-o com um corpo de cavallaria e ao enconral-o foi preso Anthero. Marques vinha com o seu General porem um amigo delle avisou-o da intenção de Bento Manoel e porisso escapou-se. Netto já estava em campó na fronteira e recebeu chamado de Bento Manoel que fosse quanto antes a Caçapava para lhe entregar o Anthero e a força de infantaria que alli estava. Netto marchou e quando chegou a Caçapava recebeu Anthero e toda a infantaria, menos a cavallaria, que tinha desaparecido. Com a infantaria inimiga augmentou-se a nossa e tambem a nossa artilharia. Lima tinha sido baleado no rosto quando estava no forte que tinha na barra do Arroio Pelotas em São Gonçalo, e marchou para Montevideo para curar-se e depois que ficou bom, marchou para a Provincia e foi tomar conta da fronteira de Missões. As forças da legalidade se reconcentraram para as praças fortificadas. A campanha ficando minada pelas nossas cavallarias ao mando de Canabarro, Guedes, João Antonio, Netto. Este marchou para o sitio de Porto Alegre e de lá marchou para atacar o Gabriel Gomes na Freguezia Nova e derrotando-o marchou para o dito sitio. Bento Gonçalves estava na Capital da Republica em observação ás forças do Rio Grande e foi elle quem estando na frente do General da legalidade participou-o que a força que estava em Rio Pardo tinha sido derrotada pelas nossas forças. Mais tarde marchou Bento Gonçalves para o sitio e dalli foi que elle e Canabarro subiram a serra tendo Canabarro marchado muito primeiro como acima ficou dito. Depois que Bento Gonçalves subio a serra é que o Chico Pedro carregou na força que passou o Camaquã e debandou a cavallaria que Bento Gonçalves formou no passo do Mendonça. Mais tarde Caxias em campanha dominando as praças tratou com Canabarro a Paz porque já estava desenganado que a força de armas não podia conseguir derrotar os Republicanos. Canabarro tinha deixado a campanha e marchado para o sitio, de onde seguio para a Laguna, como já ficou explicado. Onofre foi derrotado e de novo prisioneiro e remetido para a Côte e de lá veio com o fim de levar a effeito um plano de fazer opposição ao General Bento e infelizmente enfiou-se na espada delle Bento. Muitos outros movimentos tiveram os exercitos inimigos porem sem se atacarem e porisso foi que Caxias cançou de marchar em seguimento ao Canabarro. Este official tambem tinha com Bento Gonçalves ata-

eado São José do Norte. Nos ultimos annos da revolução em varios pontos da Provincia tanto pela parte sul como norte della houve alguns encontros das forças republicanas com as da legalidade sem produzir maior effeito de parte a parte. Antes do ataque do Seival, Canabarro tinha com Jacintho Guedes derrotado uma força inimiga e ficado com uma grande cavallhada que seguia para remontar as forças inimigas. Este facto deu-se na fronteira de Quarahy poucos dias depois que Canabarro declarou-se a favor da Revolução (em 1836) e principiou a assombrar os legalistas e a fazer-se respeitar na dita fronteira. No furor da revolução, Teixeira á frente do Corpo de Laneciros de primeira linha, tinha derrotado Mello Bravo pelos lados do norte da Provincia. Em São Gabriel estava uma força da legalidade e ficou esta força a pé e sem boiada para o transporte, levantada pelos republicanos que alli foram com este firme proposito e depois retiraram-se. As forças que estavam sitiando Porto Alegre (por Netto) e que occupavam o forte São Vicente (depois que Bento Gonçalves e Onofre foram prisioneiros) foram por varias vezes encommoados pelas forças da cidade e sempre eram rechassadas. A nossa Infantaria sahio do forte e se embuscou nos mattos que havia na frente do forte e alli dilatava-se o fogo de mosquetaria e dos altos, tanto do forte como da posição inimiga, roncava a Artilharia. José Mariano de Mattos era um bom artilheiro e foi quem construiu o dito forte. Para as bandas da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio foi derrotada uma pequena força nossa ao mando de um official de nome Monteiro, pelo Juca Grande. Netto tentou passar para os campos do Rio Grande, mandando passar em São Gonçalo primeiro o tenente Queroquero para descobrir o inimigo e na occasião que Netto principiava a sua passagem apresentou-se uma canhoneira inimiga e porisso não passou, porem Queroquero já tinha passado com trinta homens e não podendo repassar, marchou pelos campos neutraes afim de sair por São Miguel, para o Estado Oriental e em uma manhã viu na sua frente uma força inimiga que queria cortar a sua sahida por ser esta a unica que tinha Queroquero, porem, como elle marchava com disposição de romper qualquer linha inimiga que lhe quizesse impedir a sua retirada preparou-se para o fim acima dito e na marcha que levava foi direito ao inimigo, carregou e derrotou-o completamente e seguiu o seu destino que mais tarde reuniu-se ao Netto. O major Procopio, irmão do Coronel Annibal, foi o derrotado. João Antonio derrotou uma força do inimigo em Nhanduhy ao mando de Medeiros e na mesma occasião resgatou Bento Manoel que tinha sido preso a poucos dias. Neste ataque houve extraviados da parte a parte, porque a alla direita do inimigo

derrotou a esquerda nossa e a direita nossa fez o mesmo na esquerda inimiga, mas como tinha ficado de protecção um esquadrão republicano este tomou conta do campo de maneira que os republicanos que vinham chegando ao campo encontravam os seus de posse do campo ao passo que os outros que vinham procurando o mesmo lugar ficavam prisioneiros. Os vencedores gloriavam-se não só do triumpho como por terem resgatado um general de muito prestigio como era Bento Manoel. A historia deve relatar os factos como elles se deram e não como muitos individuos querem escrevel-a. Dos muitos apontamentos que se tem fornecido relativamente á revolução de 1835 bem poucas serão tão minuciosas e veridicas e desapaixonadas como as que vos entrego. Para que o historiador imparcial possa concenciosamente historiar bem os factos que se passaram na gloriosa revolução de 1835 é preciso que tenha cabal conhecimento dos caracteres dos personagens que nella figuraram desde o principio até a sua conclusão. Bento Gonçalves antes da revolução era Coronel da Guarda Nacional e sendo chamado ao Rio, veio Coronel de primeira linha e commandante da fronteira de Jaguarão e depois de estar no dito commando preparou-se para por-se á frente da revolução e como tinha ganho na guerra de 1825 uma boa reputação militar, já por valente, já por boa tactica, chamou a si na occasião que se apresentou em campo a maior parte do povo Riograndense.

Bento Gonçalves era um homem prudente não só na frente do inimigo como no centro de seus amigos. Na occasião dos combates era elle o primeiro alvo do inimigo. Conhecia a occasião para atacar e vencer e não desconhecia a occasião para retirar-se, quando julgava conveniente. Era um homem muito popular e muito apreciado. Elle era muito bem apessoado, mais alto do que baixo, tinha as espadas largas, o corpo bem desembaraçado e flexivel, bonito de rosto e sympathico. Era uma das primeiras espadas do seu tempo. Elle não conhecia outro homem que lhe impuzesse condições; como tal, o povo seguia-o como se fosse elle a alma dos rio-grandenses. Como republicano não podia dar mais provas do que deu: era elle o symbolo da liberdade assim como João Antonio da Silveira era o symbolo da prudencia. Bento Gonçalves era um perfeito patriota, elle tinha predicaos que o vulgo ignorava. Elle já pertence á historia patria. Bento Gonçalves não era um homem destituído. Era illustrado e dava-se muito á leitura de obras de peso.

Netto, este official era um dos mais bem apessoados que havia na republica, era um dos fieis amigos que Bento tinha nas nossas fileiras. Antes da revolução tinha o posto de Capitão da Guarda Nacional. Era um dos valentes daquelle

tempo, prestou importantes serviços á republica, dava muita importancia ao homem valente. Comquanto não fosse muito estrategico, sabia fazer a guerra. Era um bom general de cavallaria ao passo que Bento Gonçalves manobrava um exercito das treis armas. Netto era prudente, attencioso e de bom trato e muito estimado. Elle foi dos primeiros que Bento Gonçalves contou para a revolução e foi dos ultimos que della se retirou isto é retirou-se quando foi publicada a paz. Felizmente salvou-se da cilada dos Porongos. Foi elle quem sustentou a revolução durante a ausencia de Bento Gonçalves e a quem o inimigo sempre respeitou.

Canabarro tinha servido no Exercito Brasileiro na guerra de 1825 até a sua conclusão. Era tenente de um corpo de milicias da segunda linha e fez proesas com tal em uma retirada que o nosso exercito fez na direcção do Camaquã, fazendo elle a retaguarda do Exercito. Era homem de um caracter muito severo e valente a toda prova e muito perspicaz. Durante a revolução nunca foi derrotado, somente nos Porongos perdeu parte da Divisão que commandava. Quando o Caxias perseguia-o elle mais severo tornava-se com os officiaes da sua Divisão. Chegava ao ponto de dizer aos que faltavam com os seus deveres: Aquelle official que não quizer ir preso para o piquete, pôde marchar para a força do Caxias que lá está, e apontava para o inimigo. Dos chefes da republica foi o que mais ordem conteve na sua força, devido á sua severidade. Era homem de poucas palavras e positivo. A sua vontade era de ferro. Era muito respeitado não só pelos seus subordinados como pelo inimigo. Depois da pacificação da Provincia foi elle o primeiro homem da fronteira do Quarahy. Canabarro dizia que não era homem do primeiro informe, que era preciso ouvir-se ambas as partes. Elle fallava portuguez pelo dictionario Riograndense.

Crescencio foi um bravo entre os bravos, era prudente e calmo na frente do inimigo, militar desde as guerras do Brasil (1825) até a conclusão em 1828 com os republicanos do Prata. Antes da revolução era capitão de linha e a sua tactica militar lhe dava muita importancia. Era um dos amigos de Bento Gonçalves. Elle tinha merecido a confiança de Bento Gonçalves e conhecia as leis da guerra.

João Antonio da Silveira quando se apresentou a Bento Gonçalves tinha o posto de official de milicias de segunda linha e chegou a General pelo seu merecimento. Homem de character não vulgar muito calmo na occasião do combate, a sua prudencia era invejavel. Era um cidadão armado no meio dos seus commandados. O fogão de João Antonio era frequentado pelos soldados do seu commando e os seus officiaes o idolatravam.

Em todas as occasiões João Antonio era republicano, elle era humano por excellencia.

Onofre desde que appareceu na revolução foi commandando forças. Tinha sido cadete na guerra de 1825. Era um homem muito corpulento, dava-se á leitura, tinha poucos amigos, tratava a todos de — meu caro —, era muito risonho quando conversava com quem a elle se dirigia e não fazia boas ausencias depois que se retiravam delle. Tinha ideas claras e era muito intelligente. Como guerreiro nada se podia desejar e sabia incutir nas massas o seu animo. Não cedia o seu posto a qualquer official e na occasião do perigo era ousado na frente do inimigo. No ataque de Rio Pardo, um soldado de infantaria inimiga fez-lhe pontaria e Onofre foi sobre o infante e disse: Si atiras, morres! O infante baixou a arma e Onofre descarregou-lhe um golpe de espada. Elle compromettia a vida para salva-la. Era rancoroso e vingativo.

Teixeira foi um dos officiaes de mais nomeada que houve da revolução era uma lança das primeiras, com o corpo de lanceiros a seu mando alongava-se do exercito para operar sobre si em qualquer parte que o inimigo apparecesse. Era o terror dos seus inimigos. Onde carregava o corpo de lanceiros annunciava-se a victoria. Teixeira era humano, durante a peleja mandava matar para vencer e depois da victoria não morria um só prisioneiro. Era um official que sabia fazer a guerra de recursos. Esbelto e gallardo se apresentava na frente do seu corpo na occasião de combate. Era um official que manejava a lança com muita destreza, era de estatura mais alta do que baixa e montado no seu cavallo parecia que dominava o inimigo. A sua voz de commandante feria os ouvidos dos seus commandados. Era muito militar. Elle tinha sido alferes do regimento numero 25 de Artilharia Montada dos Guaranyes, na guerra de 1825 e porisso conhecia a tactica da guerra.

José Antonio Alves Valença tambem foi um bravo porem imprudente na occasião da peleja. Tinha excessos de bravura. Precisava ser mais humano. Nenhum official lhe ganhava a palma no furor do combate. Era energico e violento, muito militar, montava muito bem e na frente dos seus soldados incutia-lhes valor.

Major José Mariano de Mattos era um official scientifico e de merito, era muito tratavel, chegou a Ministro da Guerra no tempo da Republica e era muito amigo de Bento Gonçalves.

Portinho foi um dos valentes republicanos daquelle tempo. Era energico e resolutivo, e foi na revolução que elle aprendeu a manear a espada e commandar soldados, porem galgou uma bonita posição pelos relevantes serviços que elle prestou á Republica. Elle era dos primeiros alvos dos seus inimigos,

principiou quando appareceu a revolução, e retirou-se quando ella findou. Elle era um dos officiaes da frente do Exercito. Antonio Manoel do Amaral, quando atacava o inimigo em campo raso era de espada em punho, elle não conhecia outra arma na ocasião do combate senão a arma branca. Quando elle derrotou Francisco Pedro no serro da Palma, em Candiota, não se serviu de outra arma, e em outros encontros já tinha feito uso della com bom effeito. Antonio Manoel tinha sido cadete na guerra de 1825 e por isso tinha principios militares e de disciplina. Elle era homem de poucas palavras e muito reconcentrado, e foi considerado como um dos tantos valentes que teve a repubilca Riograndense.

Joaquim Pedro Soares tinha sido official de primeira linha de um dos corpos do nosso Exercito na guerra contra as republicas do Prata. Era valente, energico e muito militar e tinha muita instrucção militar e pratica de official de secretaria. Foi elle quem organisou o casco do primeiro corpo de lanceiros de primeira linha. No ataque do Seival foi Joaquim Pedro quem dispoz a força de Netto para o ataque, e conservando um esquadrão de protecção, foi este esquadrão que tomou conta do campo e obteve o triumpho cujo esquadrão foi commandado pelo Capitão Antonio Meirelles Gonçalves.

Manoel Lucas de Oliveira, era capitão de Guarda Nacional quando appareceu a Revolução e na mesma occasião em que Netto empunhou a espada, elle tambem botou a sua cinta. Era mais um cidadão armado que um militar aguerrido porem era homem de muita instrucção e de bom trato, constituiu-se um dos republicanos de mais prestigio daquelle tempo. Depois de Netto, passou elle a commandar a primeira brigada da Guarda Nacional da Comarca de Piratiny.

Foi elle quem ousou incutir no Netto a idéa da Republica, e foi elle mesmo quem redigiu as ordens e proclamações que se publicaram no Seival, depois daquelle assignalado ataque.

Manoel Lucas de Oliveira chegou a Ministro da Guerra do Governo republicano, e era Manoel Lucas de estatura baixa e de physionomia muito agradável.

Corte Real serviu na guerra de 1825 como cadete, e porisso dispunha de alguns conhecimentos militares. Era Corte Real o official de trato mais fino e delicado que havia no Exercito republicano. Foi elle considerado valente no ataque do Rosario quando cahiu prisioneiro e foi confirmada a sua coragem e valentia no ataque de Taquary. Corte era amigo sincero de Netto e Bento Gonçalves.

Coronel Agostinho era bom militar, nem sempre colheu louros, porque se deixava espiritalisar e porisso diminuia muito a sua reputação militar e particular mas, era valente.

Coronel Marcelino commandava infantarias, era calmo e prudente, portava-se bizarramente na occasião do fogo contra o inimigo, e era digno da confiança dos seus commandados.

Balthazar de Bem, era um official brioso, valente e bravo como os bravos. Como commandante de batalhão fazia proezas na occasião do combates. Era muito energico e de muito genio.

Major Belchior (irmão de Balthazar), era muito fogoso no combate. Como official de infantaria era muito arrojado e violento e de character muito distincto.

Tenente Coronel Manoel de Macedo era homem mais alto que havia nas fileiras republicanas e muito bem proporcionado. Era muito estimado dos seus soldados, gosava estima de seus amigos. Não se retirava do alcance das balas inimigas e da occasião do combate.

Tenente Coronel Coelho commandava a sexta brigada da Guarda Nacional. Este official tinha servido no Exercito Brasileiro na Campanha do Prata contra os republicanos alliados. Tinha muito militarismo e foi dos primeiros que se apresentaram commandando cidadãos armados e não só tinha tactica militar como era valente, e de merito, e prestou relevantes serviços á Republica.

Bento Manoel era um militar de muita tactica na guerra. Elle tinha muito conhecimento dos habitantes da campanha da nossa Provincia e tambem era de muito prestigio. O procedimento d'elle durante a revolução é muito publico e notorio. Quando a legalidade estava cahida elle com a sua presença dava-lhe vida e quando a causa da republica precisava alento elle não se negava a dar-lhe.

A historia julgará o seu procedimento a tal respeito.

Quando o General João Paula levantou o seu acampamento de inverno, da margem de São Lourenço e abriu campanha com uma parte do Exercito Imperial para bater Bento Gonçalves, foi tão mal succedido, que teve de retirar-se soffrendo fome a sua força, porque Bento Gonçalves mandava afastar o gado por onde o inimigo tinha de passar, porem como João Paula pedisse a Bento Gonçalves municio para a sua tropa, foi-lhe dado com generosidade. O General inimigo chegou no Municipio de São Gabriel e retirou-se.

Canabarro prendeu Silva Tavares em casa do seu sogro no Municipio do Herval, e mais tarde evadiu-se levando consigo um inferior commandante do piquete, postado emfrente ao passo do Salso em Jaguarão em terreno Oriental.

O Tenente Coronel Carvalhinho era um dos bravos do nosso Exercito. Como guerrilheiro era audaz. Era um official bizarro. Na frente dos bravos cachoeirenses fazia proezas. Este official era bem intelligente.

Major Augusto commandava um corpo de primeira linha e como valente, nenhum mais do que elle. Foi tão conhecido como tal que o Governo Brasileiro offereceu-lhe o mesmo commando do Corpo se elle entrasse para o Exercito Brasileiro. Esta proposta lhe fizeram na occasião que se fez a paz porem elle não acceitou-a.

Tenente Coronel Brandão chegou a Ministro da Guerra do Governo Republicano em 1838. Este official pouco fez á Republica mas era muito distincto militar. Na occasião que o nosso Corte Real e os mais companheiros desembarcaram do do escaler na praia, ou porta da cidade do Rio de Janeiro, quando evadiram-se da Fortaleza de Santa Cruz, a artilharia de terra salvava os annos da Princeza Januaria, em 11 de março de 1837. Parece que a Providencia deparou aquelle dia tão assignalado, afim de apparecer na historia patria ou Riograndense mais um episodio digno d'elle! Que coincidência! Ao passo que a Fortaleza fazia alarme pela fuga dos presos, a cidade salvava na occasião que elles pisavam em terra firme e em liberdade. Ao romper a revolução, entrou nella o sargento Castilhos, e mais tarde chegou a Coronel e assumiu o commando da sexta brigada, a qual foi organizada no Municipio da Capella de Viamão e conhecida pelos republicanos por Setembrina Castilhos. Seguiu com Canabarro na expedição á Laguna e seu nome como guerreiro pouco appareceu no tempo da Revolução. Era docil e de bom caracter. No ataque que Onofre derrotou o Juca Ourives portou-se como um bravo.

O cabo Rocha foi dos primeiros que se apresentou á revolução, e como cidadão armado commandava os capellistas quando fez parte da reunião que estava na Azenha na noite que Camamú foi derrotado.

Quando Onofre atacou e derrotou o Juca Ourives, Rocha commandava um esquadrão de cavallaria. Foi elle quem derrotou uma das alas inimigas. Cabo Rocha passou a Capitão depois do ataque e ficou com o nome de Capitão Cabo Rocha. Si faço aqui menção do nome deste official é porque era digno que fosse mencionado, já pela sua bravura, já por serviços por elle prestados á republica e se elle não fosse dos que succumbiram na ilha do Fanfa, seria o Coronel Commandante da dita sexta brigada. Seus serviços prestados á causa nacional na guerra de 25 lhes teria grangeado a estima de seus superiores. Era elle um dos que mais se approximava ás balas do inimigo.

Deixo de fallar aqui na bravura do Exercito Republicano porque os longos dez annos de lucta attestarão os seus feitos.

Durante o tempo que estive deportado fóra da Provincia, por ter sido prisioneiro, e com praça em uma brigada de pri-

meira linha estacionada na ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, nada mais posso adeantar mais que acima fica dito alem do que eu presenciei.

Desta longa narrativa póde aproveitar o que for bom, e o que não servir para o fim historico, servirá para em tempo opportuno entreter um filho seu com ella, si a tanto quizer acreditar-a.

Quaró Chico, 21 de Novembro de 1888.

(assignado) *Manoel Alves da Silva Caldeira.*

Cangussú, 25 de Janeiro de 1898.

Ill.^{mo} Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues

Rio Grande.

Accuso a recepção da carta de V.S.^a datada de 6 de outubro do anno proximo passado, solicitando-me algumas informações a respeito da revolução de 1835 e sobre a surpresa de Porongos e os movimentos entre Canabarro, Moringue e Caxias nos dias antecedentes. Vou relatar-lhe detalhadamente aquelle hecatombe como foi. — Canabarro, de combinação com Caxias e Moringue, deu entrada a Moringue em seu acampamento, para derrotar a força commandada pelo General Netto, menos a do General João Antonio da Silveira que estava acampada em logar que ficou livre do ataque. Francisco Pedro na vespera do ataque acampou nos fundos do potreiro da estancia de D. Manoela, irmã do General Netto, sobre a margem esquerda dum galho do arroio Candiotinha que recebe aguas da serra do Veleda. Um peão da dita estancia foi recolher animaes no campo e fallou com os cavallericios que cuidavam a cavallaria da força que estava acampada e por elles soube que era Moringue que alli estava. D. Manoela sabia que Canabarro estava acampado nos Porongos e mandou chamar o velho Pereira que morava no Candiotinha, o qual attendeu ao seu chamado e pediu-lhe para ir ao acampamento do Canabarro, dizer a seu irmão que Moringue estava acampado no referido logar. Pereira foi á casa mudar de cavallo e roupa e depois marchou para o acampamento e deu o recado a Netto, que sua irmã lhe mandava. Netto depois de ouvir-o, disse: — Vá dar esta mesma noticia a Ca-

nabarro. Pereira foi á barraca de Canabarro e approximando-se respeitosamente a elle, transmittiu-lhe a referida noticia. Canabarro perguntou a Pereira: — Você viu a Moringue? Pereira respondeu negativamente. Canabarro: — E então, como é que diz que é o Moringue? Pereira disse como sabia. Canabarro: — Você não está mentindo? Pereira era homem serio e ficou desapontado. Canabarro perguntou-lhe de que lado era o vento. Pereira disse de que lado estava, então Canabarro disse: — O Moringue sentindo a minha catanga aqui não vem. Marche para a sua casa e não ande espalhando esta noticia aterradora aqui no acampamento. Canabarro deu ordem para chegar a cavallada da reserva á frente do acampamento, para mudarem de cavallos. (Os cavallos chegaram porem não foram pegados). Também deu ordem ao quartel-mestre para recolher o cartuchame da infantaria e carregasse em cargueiros porque estavam se estragando nas patronas; para serem distribuidos quando apparecesse inimigo. Netto estava acampado em máo lugar porisso mudou acampamento depois que teve aviso de sua irmã. Os artilheiros estavam acampados no lombo de uma estreita coxilha que está situada entre o arroio dos Porongos e uma vertente que nasce no serro do mesmo nome. Antes de Canabarro acampar nos Porongos, mandou pôr as duas peças que tinha em um lagoão que está no fundo do campo de João Lucas de Oliveira, sobre a margem direita do Candiota Grande, pouco acima da barra do arroio do Tigre. João Antonio estava acampado á margem esquerda do arroio dos Porongos, em bom campo. A infantaria desarmada estava na margem direita do dito arroio. Na retaguarda da barraca de Canabarro tinha um passo que por elle passava-se para o acampamento de João Antonio. Moringue marchou do Candiota pelas quatro horas da tarde, mais ou menos, lançando fogo no campo e na noite daquelle dia approximou-se ao campo de Canabarro e antes de clarear o dia estendeu a cavallaria em linha na frente do acampamento de Canabarro e mandou tocar a alvorada e antes de mandar um esquadrão de cavallaria entrar pela retaguarda da infeliz infantaria deu ordem que não matassem os brancos e sim os mulatos, negros e indios. Canabarro ouvindo toque de alvorada montou a cavallo com o seu Estado Maior e passou o arroio do dito passo e apresentou-se á frente da força de João Antonio o qual estava furioso por ver a matança que o inimigo fazia em seus companheiros de armas sem soccorrel-os por Canabarro não consentir. Canabarro ficou naquelle dia nos campos dos Porongos e pernoitou, e no outro dia marchou serenamente para o campo do Contracto, ficando Netto derrotado completamente por causa do pessimo terreno escolhido (aproposito) por Canabarro. Estando

eu em Porto Alegre em occasião que alli achava-se Assis Brasil, elle pediu-me para fazer algumas anotações na historia da revolução de 1835, escripta por elle afim de bem informar-se de alguns factos por elle ignorados. Eu escrevi o que sabia a tal respeito, não com tanta minuciosidade como agora estou narrando, porem accusei Canabarro como trahidor, mais elle não ficou satisfeito e defendeu Canabarro dizendo que estava informado de ser uma injustiça que lhe faziam pois o Brigadeiro Portinho tambem defendia-o. Ao lado de Assis estava um homem que já branqueava e Assis Brasil voltou-se para elle e disse: — Foi um grande desastre para a Republica de 35 a surpresa de Canabarro nos Porongos. Surpresa não; — foi uma trahição que Canabarro fez. Assis Brasil perguntou-lhe: — E como prova? O homem principiou dizendo: — Eu era pequeno naquella tempo e meu pae morava em Piratiny e depois que foi derrotado Canabarro, Francisco Pedro chegou naquella Villa e foi visitar meu pae e foi felicitado pela victoria dos Porongos. Francisco Pedro tirou do bolso da farda um officio de Caxias e deu para meu pae ler. Eu estava a seu lado quando o meu pae estava lendo o officio no qual Caxias dizia: — Ataque Canabarro no dia tal, que está desarmado. Francisco Pedro era compadre de meu pae e pediu-lhe segredo. Eu perguntei ao homem: Como se chama o seu pae? Respondeu elle: Já morreu, chamava-se Maia, conhecido por Maia Gago. Assis Brasil não ficou bem convencido. Isto se passou na Livraria Americana, depois que Assis Brasil recebeu a historia com as anotações feitas por mim.

Poucos dias antes do ataque dos Porongos, Canabarro mandou um par de canastras para a casa de uma senhora viuva de nome Laureana, contendo nellas todos os papeis de mais importancia e ordenou a ella que não entregasse as ditas canastras a quem fosse procural-as sem uma ordem delle por escripta. Eu tinha um parente servindo na Infantaria e constou-me que elle tinha sido ferido e fui áquella casa para saber se elle alli estava. A Sra. recebeu-me e depois disse-me que elle tinha sido ferido mortalmente e tinha sido sepultado naquella manhã. Na sala estava uma das duas canastras, muito conhecidas por mim, as quaes eram pregadas com taxas amarellas. Eu perguntando pela outra a Sra. disse: Está lá dentro; esta serviu para assento dos homens que velaram o corpo. Deixo de dar-lhe as informações que pediu a respeito da morte de Albano porque presumo que V. S. terá recebido as que pediu ao Coronel David Martins, as quaes foi eu quem forneceu porem, se não recebeu, eu estou prompto para dar-lhe detalhadamente, conforme transmittiu-me o cabo Firmino que fez parte da escolta que conduziu o Albano o qual ia separado dos

outros presos por ser pessoa distincta e considerada por todos os titulos. Os mais presos marchavam na retaguarda da escolta, a pouca distancia, não por falta de cavallos porque naquella tempo havia muitos e bons. Pode fazer-me as perguntas que quizer que responderei com claresa a respeito daquella gloriosa revolução. Cumpre-me dizer-lhe que Bento Manoel enganou-se ou foi enganado, participando em officio que Bento Gonçalves tinha se retirado delle com receio de ser atacado e passado o Santa Maria em São Borja e transposto em D. Pedrito. Bento Gonçalves passou no passo de São Borja e marchou para os campos de Jaguarý e ahi estivemos dois dias, marchando no terceiro dia para Pelotas, passando no passo do Barreto. Chegamos nas pontas do Camaquam-Chico na Quinta-Feira Santa e dalli marchou Netto com a sua força, a trote e galope, para Pelotas e Bento Gonçalves marchou na retaguarda de Netto com mais morosidade e não foi para Porto Alegre, como diz Bento Manoel no seu officio. Depois da derrota de Corte Real, Bento Manoel fugiu de Bento Gonçalves para o Caverá, deixando o Campo da Victoria porque não tinha forças sufficientes para bater-se com Bento Gonçalves, que estava á testa de setecentos patriotas, bem moralizados e bem montados, não contando os que tinham sido derrotados e reunidos á força de Bento Gonçalves. Depois da derrota de Albano marchou Bento Gonçalves com a força que tinha reunido nos municipios da Encruzilhada, por Camaquam e outros pontos, para o Arroio dos Ratos afim de organizar uma columna, deixando Netto na fronteira. Canabarro ainda não se tinha manifestado a favor da revolução, estava na estancia de seu tio Canabarro. Bento Gonçalves estava com a sua columna bem organizada e prompta para abrir campanha assim como Bento Manoel tambem tinha organizado a sua e marchou do municipio do Alegrete para bater Bento Gonçalves e este marchou a enconral-o e em uma madrugada de muita serração as vanguardas se lirotearam inesperadamente, retirando-se Bento Manoel para o municipio do Alegrete e Bento picou-lhe a retaguarda até pouco adeante. Onofre estava sitiando São José do Norte e Netto e Lima sitiavam Rio Grande. Foi organizado um batalhão de infantaria em Porto Alegre e marchou para Mostardas levando muitas peças de artilharia para tomarem a villa de São José do Norte, de combinação com Netto e Lima. Os legalistas aproveitaram a retirada de Bento Gonçalves do ponto do Arroio dos Ratos e das forças que marcharam para Mostardas e fizeram a reacção. O meu amigo Joaquim Gonçalves da Silva está com falta de memoria porisso não relatou o que se passou relativamente á fuga dos Coroneis Onofre e Corte Real da Fortaleza de Santa Cruz, com todas as circumstancias ou não

teve sciencia dellas, o que é possível. Porisso eu julgo conveniente informar-lhe o que se passou relativamente á referida fuga: Alferes Chaves, eu, José Custodio Alves, João Manoel de Araujo e João Barbosa, todos Riograndenses, embarcamos em um escaler ou falúa e da praia da Banca do Peixe seguimos para a Fortaleza da Lage, e dalli nos retiramos e aproamos para a de Santa Cruz. Chaves governava o nosso barquinho e quando chegamos á distancia de umas 14 ou 16 quadras mais ou menos, distante da Fortaleza, Chaves mandou levar remos e ordenou a Alves que acendesse a vela do lampeão e pozesse a face do vidro para o ponto negro que estava pela proa do nosso escaler. A ordem foi executada e depois apagou a vela. Chaves perguntou si eu sabia governar á americana. Respondi-lhe que sim. Entregou-me os cordeis do leme e disse: — Olha com muita attenção para o dito ponto, que vou assentar-me a teu lado e passar por um somno e quando vires lá algum signal, acorda-me si estiver dormindo, e tomou assento a meu lado esquerdo. Não demorou o apparecimento de uma luz que passava por entre grades mas não dei-lhe parte porque não supuz que fosse o signal esperado. Pouco tempo depois do dito signal, elle accordou e perguntou-me si eu tinha visto alguma cousa. Eu respondi que tinha visto uma luz passar por entre grades. E quantas vezes? Respondi: — Treis. Pois é isso mesmó, disse elle, e ordenou ao Alves que fizesse outro signal, isto é, acendesse a vela e fizesse o mesmo e eu estava encarregado de observar os signaes que apparecessem na Fortaleza e porisso quando appareceu o segundo feito nella, dei parte ao Chaves. Então elle mandou fazer o terceiro signal e ordenou aos remadores que remassen com força, e disse: Meus amigos, a nossa commissão é de vida ou de morte. Nós temos de dar uma abordagem em um escaler que está com treis ou quatro soldados dentro d'elle, de guarda ao porto da Fortaleza e assassnarmos toda a guarda e se algum dos Srs. for ferido por leve que seja o ferimento, os mais companheiros lançarão o ferido ao mar. João Manoel de Araujo respondeu: Essa é boa, pois nós que estavamos acostumados a passar por cima dos nossos companheiros, pisando-os com as patas dos nossos cavallos, tanto os feridos como os mortos na occasião dos combates, não nos assustavamos e agora havemos de nos assustar por vermos um companheiro ferido levemente, e porisso, será elle lançado á agua?! Chaves respondeu: Meus amigos, si eu tiver essa infeliz sorte, façam-me o mesmo; e disse aos remadores: Rema forte. Eu dirigi o escaler para o que estava no porto, fundeado sobre a amarra de uma fateixa e quando ia mandar levar remos, ouvi uns assobios da parte do mar. Era Onofre que pedia soccoro. Então dei de encontro e fui soccorrel-o. Elle tinha se

lançado ao mar com quatro bexigas sopradas, para melhor nadar porem foram treis roidas pelos peixes e porisso tinha uma presa com a mão direita e posta debaixo do peito e nadava com a mão esquerda, forcejando contra a correnteza, que era muito forte, ficando a guarda em silencio. Onofre já estava muito fatigado quando subiu para o nosso escaler e, ao subir, disse: Remem para a terra que temos mais companheiros. Então eu mandei ciar á ré. Corte Real estava em cima de uma pedra da base da Fortaleza, lançou-se á agua e entrou para o escaler, dando treis ou quatro braçadas, porque chegamos muito perto da dita pedra. Depois que os Coroneis entraram para o escaler, Chaves tomou conta dos cordeis do leme e aprofou para a praia da cidade e elles desembarcaram e seguiram para o centro della e nós fomos para a casa de um serralheiro que mais adeante fallaremos nelle.

Eu julgo ser conveniente informar a VS.^a como os presos fugiram de uma prisão subterranea, a mais forte daquella Fortaleza e por isso vou dar-lhe uma informação bem minuciosa. Desde que os Coroneis entraram para aquella prisão, acostumaram os soldados que entravam de sentinella á vista, durante a noite a receberem um copo de vinho ou cachaça e porisso estavam afeitos a receber a sua ração noturna. Para ir-se á referida prisão era preciso descer-se por uma rampa estreita e extensa e no fim della entrava-se em uma area do comprimento da frente da dita prisão e de pouca largura, pela qual entrava a luz do dia, tendo uma porta chapéada por grossas barras de ferro batido. A' direita da dita porta tinha uma janella que ficava muito em cima, com frente para a referida area. O carcere tinha dos compartimentos divididos por um arco. No primeiro estavam os coroneis e no segundo estavam outros prisioneiros. O primeiro era muito estreito e o segundo mais espaçoso. Pela parte exterior da porta da prisão tinha treis braços de ferro roliço embutidos na parede, um á direita, á entrada para a prisão e o outro á esquerda, distante do portal e o terceiro embutido na mesma porta e todos em linha recta, com as pontas enclinadas para baixo distantes da porta dois a treis palmos mais ou menos. As pontas corriam pelas argolas que os ditos braços tinham nas pontas as quaes estavam fixas. Um varão de ferro roliço, de mais de polegada de diametro, com uma cabeça mais grossa que o vão das argollas e na outra extremidade tinha uma abertura que nella prendia um cadeado monstro, retirado do portal do lado direito, dois ou treis palmos demaneira que, passando o dito varão pelas treis argolas e fechado o cadeado, estavam os presos bem encarcerados. Joaquim Gonçalves da Silva tinha mandado fazer duas chaves. Manoel Lima Pimenta foi o encarregado de dirigir-se ao ser-

ralheiro Luiz e este entregou a Pimenta a cera de molde. Pimenta ia de treis em treis dias á Fortaleza de Santa Cruz, levar as provisões de bocca para os Coroneis e uma destas vezes entregou a cera ao Coronel Onofre para tirar o molde das chaves porque somente elle é que podia alcançar nas fechaduras porque tinha os braços muito compridos. Toda a vez que elle encostava a cera das ditas fechaduras, dava um copinho de vinho ou cachaça á sentinella, e quando chegava a outra que vinha render a que estava, já ella estava acordada. Em uma occasião que Onofre foi introduzir uma chave no cadeado, ella cahiu-lhe da mão e com o cabo de uma vassoura ponde pegal-a. Uma dellas estava grossa e foi para o serralheiro pol-a mais delgada e ficou boa. Antonio Borges da Fonseca era redactor do Republico, jornal que se publicava na Côrte e como era muito aspero em sua linguagem, como escriptor, foi chamado á responsabilidade mas não compareceu e porisso deixou de apparecer o dito jornal por alguns dias, porem Manoel Luiz Pimenta apresentou-se como testa de ferro, assignando o Republico. O Governo mandou prendel-o porque soube que elle assignava o dito jornal. En era cabo de esquadra de uma Companhia da Brigada de Artilharia de Marinha, estacionada na Fortaleza da Ilha das Cobras e fui á cidade levar um officio a um senador com grandeza e encontrei Chaves que ia ao Quartel de Artilharia visitar uns officiaes e convidou-me para acompanhal-o afim de apresentar-me a uns officiaes que queriam conhecer-me e fui com elle até o meio do corredor porque Chaves teve de fallar com Pimenta que estava preso em uma prisão que havia á entrada do corredor e depois que Pimenta disse o que queria sahimos do corredor e atravessamos o Campo da Honra, dizendo-me Chaves que ficaria a visita que elle ia fazer, para outro dia e convidou-me para irmos á Fortaleza visitar os Coroneis. Marchamos para onde tinha um escaler e nelle embarcamos e chegamos á Fortaleza e porisso fiquei ao facto do que tenho exposto a tal respeito. Chaves disse aos Coroneis o que tinha ouvido do Pimenta. Elles não quizeram acreditar o que lhes disse Chaves, porque não confiavam nelle, porem, depois que Chaves communicou todo o segredo relativamente ao plano da fuga, entregaram-se a elle e foi elle quem executou o dito plano.

Juca Ourives atacou o trem de guerra pelas treis horas da manhã em occasião que os artifices estavam almoçando fora das officinas, ficando alguns dentro e foram estes que rechassaram os atacantes os quaes fugiram pela rua da Olaria, ficando um delles morto e foram alguns feridos pelas balas da infantaria que guarnecia a cidade. O inimigo não foi perseguido porque não havia cavallaria sufficiente para perseguil-o

e não porque Lima chegasse com a cavallhada cansada. Lima chegou no dia seguinte. A columna que marchou para Porto Alegre, foi a de Bento Gonçalves, afim de collocar-se no Rincão que ha á margem esquerda do Arroio dos Ratos e organizar alli uma forte columna porque em Porto Alegre havia elementos sufficientes e tambem reunir os derrotados no Passo do Rosario, que por alli passassem para Porto Alegre. Bento Manoel Ribeiro não perseguiu Netto. Logo depois que derrotou Corte Real, conservou-se no Municipio do Alegrete organizando uma columna com a qual marchou para atacar Bento Gonçalves no mencionado Arroio dos Ratos, porem Bento Gonçalves que já estava prompto para abrir campanha sahiu para encontral-o para batel-o em marcha. Em uma manhã de muita serração que as duas columnas não se avistavam, as vanguardas se tirotearam retirando-se Bento Manoel para o municipio do Alegrete e Bento Gonçalves picou-lhe a retaguarda até o arroio dos Cachorros. A legalidade aproveitando-se da distancia em que se achava Bento Gonçalves e da sahida da força para Mostardas, afim de encorporar-se ao Onofre que tinha de atacar São José do Norte de combinação com Lima e Netto os quaes atacariam o Rio Grande, fizeram a reacção na cidade. Bento Gonçalves marchou para a Setembrina, sitiou a cidade e quiz tomal-a porem não ponde conseguir, perdendo dois assaltos mas conservando-se em posição de sustentar uma forte linha de assedio, fronteira á cidade. Lima e Netto não atacaram Rio Grande e nem Onofre atacou São José do Norte, por causa da reacção que houve em Porto Alegre e retirou-se para o sitio onde estava Bento Gonçalves. Lima e Netto deixaram o sitio do Rio Grande e Netto marchou para a Fronteira de Bagé e derrotou Silva Tavares. Mais tarde Bento Manoel marchou com uma columna composta das treis armas, para a Fronteira afim de bater Netto que estava á testa de uma columna das treis armas e esperou Bento Manoel nos Campos do Candiota-Grande onde tiveram uma forte guerrilha. Bento Manoel procurava a aba da Serra do Veleda e Netto chamava-o para campo raso, porque tinha boa cavallaria e Bento Manoel tinha muita infantaria e por isso não se batiam e assim conservaram-se as duas columnas por muitos dias, avistando-se. Netto offerencia batalhas em coxilhas proprias para sua cavallaria manobrar e Bento Manoel não deixava as abas da serra do Veleda. Na noite do dia treis de janeiro, Bento Manoel marchou na direcção que Netto tinha marchado e ao clarear do dia quatro do mesmo mez, mandou tocar alvorada na frente do acampamento de Netto e como havia muita serração, Netto montou a cavallo e marchou com a sua columna em retirada pela coxilha que finalisa no Candiota-Grande, junto á picada do Evaristo e passou para o Es-

tado Oriental no Passo do Salso. Bento Gonçalves marchou dos campos da Setembrina para atacar Manoel Jorge em Taquary, deixando a Artilharia muito alem daquela Villa, ao mando do Tenente Coronel Villaça, levando a Cavallaria e a Infantaria. Netto tinha passado do sitio de Porto Alegre para os campos do Piratiny afim de reunir e marchar com a força reunida para fazer junção com Bento Gonçalves em um ponto designado por Bento Gonçalves em campo de Taquary. Depois que fizeram a junção, marchou Bento Gonçalves sobre o inimigo o qual não tinha cavallaria sufficiente para bater-se com Bento Gonçalves e tomou posição inatacavel visto ter elle muita infantaria não foi batido naquelle dia. Manoel Jorge anoiteceu na referida posição e marchou para a picada do Taquary. Bento Gonçalves tinha ordenado a Crescencio que mandasse guarnecer um passo que havia em um forte banhado que dividia as duas columnas, porem Crescencio mandou guarnecer e o inimigo por alli passou sem ser sentido. Corte Real entrou de General de dia e mandou descobrir o inimigo e os descobridores encontraram a estrada feita pela força de Manoel Jorge que tinha entrado na picada de Taquary e alli é que foi o ataque e não no campo. Mais tarde chegou Alvares Machado em Porto Alegre com autorisação do Governo Central para tratar com Bento Gonçalves a pacificação da Provincia e para isso era preciso que Netto apresentasse a sua opinião e porisso Bento Gonçalves mandou um official ao campo de Piratiny onde Netto estava. O Tenente Coronel Moraes foi o encarregado de ir ao campo de Netto e requereu-me para acompanhá-lo e marchamos da Setembrina com salvo-conducto assignado pelo presidente Machado até a cidade e dahi recebemos outro e marchamos para Piratiny e como Netto não se achava alli, fomos encontrá-lo alem daquela cidade cinco leguas vindo elle da estancia de São Felippe depois que derrotou o Coronel Jeronymo Jacintho o qual soffreu uma completa derrota. Netto depois que recebeu o dito officio disse: Eu vou acampar a força no Alfaiate e depois marcho para Piratiny e lá responderei ao officio. Chegamos a Piratiny ficando Gervasio Netto no acampamento escrevendo umas cartas que o Major João Simplicio tinha de levar para entregal-as a uma pessoa no Herval. Netto depois que chegou na cidade apeou-se em casa do Ministro Almeida e apresentando-lhe o referido officio disse: Almeida responde a este officio que recebi do Bento. Diz a elle que emquanto eu tiver mil Piratinenses armados e dois mil cavallos, que a paz é esta: baleu na guarnição da espada que tinha á cintura. Almeida respondeu o officio e entregou a elle e na occasião de recebê-lo disse: lê. Almeida leu e Netto disse: Está conforme. E assignou. Almeida depois que fechou o

officio entregou-o a Netto e este passou-o para o Tenente Coronel Moraes. Sahimos e marchamos para a cidade de Porto Alegre. Quando chegamos na picada da Pintada, encontramos um official na frente de uma companhia de Infantaria e disse-nos: Eu não tenho ordem para communicar-me com inimigos da legalidade, portanto os Srs. ficam aqui retidos até vir ordem do Sr. Presidente. Moraes depois que apresentou-lhe o salvo conducto e o official disse que tinha de apresentar o dito officio ao General Bento Gonçalves que continha a resposta do General Netto relativamente á paz da Provincia então o official disse: Neste caso vá o seu companheiro á cidade fallar com o Sr. Presidente, para elle resolver. Fui á cidade e como elle ainda não tivesse chegado em Palacio fui á casa onde elle morava e participando-lhe o que havia, elle perguntou-me qual era a opinião do Sr. Antonio Netto a respeito da paz que se está tratando della aqui. Eu respondi que era a geral. Respondeu elle: Não, eu tenho em meu poder uma carta escripta por letra e assignada pelo seu punho que, o que elle quer é a continuação da guerra. Repliquei dizendo: Mas a opinião do povo ó a da paz. Então elle disse: Quando um general apresenta a sua opinião é porque bem tem sondado a opinião dos povos e convidou-me para marcharmos, indo com elle o seu secretario. Depois que chegamos em palacio, entraram para o salão de espera os officiaes superiores do Exercito e tambem os da Guarda Nacional e formaram muitos grupos no referido salão conservando-me encostado á janella com com frente para a praça. Depois que chegaram os officiaes, entrou Ulhoa Cintra e entrou para o Gabinete do Presidente pouco tempo depois que elle entrou, fui chamado e entrei no dito gabinete, tendo antes da minha entrada no dito gabinete entrado os officiaes que estavam no referido salão. O Presidente perguntou-me: Comó é o seu nome? Eu dei o meu nome e elle olhando para Ulhoa Cintra, perguntou: Não é este o companheiro do Capitão Moraes que foram assassinados na picada da Pintada pelo Alferes da Guarda Nacional de nome Cabera, que está servindo nas fileiras da legalidade? Cintra respondeu: — Esta noticia funebre nos foi levada da cidade para fóra e tanto prova que a familia do Sr. está coberta de luto. O secretario tinha deixado de ler o officio de Bento Gonçalves e depois da resposta do Cintra, continuou. O referido officio continha as condições de paz da Provincia as quaes já foram publicadas, menos a seguinte: — Os soldados pretos que tenham sido escravos e estavam nas fileiras da revolução, seriam considerados livres. O Alferes Machado respondeu: Eu não estou habilitado a annuir a esta condição e sim para recebel-os e entregar ao governo, afim de dar-lhes o destino que quizer.

Ulhoa Cintra respondeu: Então ficarão elles sendo escravos do Governo? O Presidente replicou: Não; serão elles entregues ao Governo para serem empregados nas fazendas da Nação e quando apparecerem os seus proprietarios ou seus procuradores, com documentos que provem as propriedades, serão elles avalisados e entregues as quantias a seus donos. O Major Cintra respondeu: — Vem elles a ser escravos da Nação?! Será possível que, homens que hobrearam connosco por mais de cinco annos jamais deixem de ser escravos?! Nós bem sabemos que a legalidade quer a guerra e estamos dispostos a sustentá-la. Alferes Machado levantou-se e extendeu o braço esquerdo para a porta e Cintra sahiu pela mesma porta que tinha entrado. Os officiaes tambem sahiam e eu quando ia sahir o secretario disse-me: Acompanhe os seus. Na frente do Palacio estava um cavallo á minha espera, que meu irmão tinha mandado para eu seguir para fóra. Segui na retaguarda dos companheiros, que eram dois. Quando eu passava pela frente de uma casa que tinha frente para a praça do Portão, vi uma Senhora á janella e dirigi-me a ella porque estava muito satisfeita vendo-nos passar e pedi-lhe um copo d'agua para beber. Ella ao alcançar o copo, disse: — A legalidade sahe para fóra esta noite. Eu agradei o aviso e marchei seguindo os outros e chegamos na praça das armas do Tenente Coronel Cabral, commandante daquelle ponto, em o qual tinha um portão estreito para sahir-se para fóra. Quando chegamos aonde estava o Tenente Coronel, já o sol ia entrando e elle com um feixe de chaves encaminhou-se para o referido portão e ao abrir perguntou: Qual dos Srs. é o Sr. Caldeira? Eu respondi: Sou eu. Elle disse: — O Sr. fica. Seguimos para a dita praça de Armas. Depois que chegamos, elle perguntou se eu queria escrever para a minha familia e que tinha tinta e papel, porem que elle tinha de ler a carta que eu dirigisse a ella porque elle tinha muita responsabilidade porque tinha as chaves da cidade em suas mãos. Eu escrevi e entreguei-lhe a carta aberta e leu e depois mandou leval-a por um soldado e entregar a meu irmão. Pouco tempo estive alli porque chegou um alferes e esteve conversando com o tenente coronel e depois veio o tenente coronel, dirigiu-se a mim e disse: O Sr. está despachado; póde seguir a sua marcha para fóra e pegou no mólho de chaves e fomos para o referido portão, indo a meu lado o dito alferes e quando iamos descendo a rampa approximou-se do meu lado esquerdo o dito alferes e estendendo o braço direito para meu lado, perguntou-me: Daqui para Bento Gonçalves não?! Eu respondi que sim e entregou-me um pequeno bilhete, agarrando eu com a mão esquerda. O Commandante do dito ponto estava com as costas para nós quando o Alferes entre-

gou-me o bilhete e depois que abriu o portão, perguntou-me: Por que estrada vae o Sr.? Eu respondi: Pela do meio. Elle respondeu dizendo: Por ahi não ha novidade, dos seus o Sr. não espera mal e porisso vae bem. Sahi e cheguei ao logar que tinha de ficar aquella noute, distante treis leguas. O bilhete continha o seguinte: Labatut pediu soccorro de Infantaria, Cavallaria e Artilharia, esperando na estrada da Picada de Botucarahy. Foram 700 homens de Cavallaria, inclusive 400 infantes, menos a artilharia. No dia seguinte cheguei na Setembrina e entreguei o referido bilhete a Bento Gonçalves e perguntei se sabia quem lhe mandava. Elle disse: Sei e guarda segredo. A legalidade sahiu na noute que recebi o referido bilhete e Bento Gonçalves já estava com a columna prompta para a retirada que fez por cima da serra, deixando a artilharia na entrada da picada, por onde subio Canabarro levando as peças de menos peso, depois que retirou-se da Laguna, veio acampar a força na Estancia do Conde da Boa Vista distante da cidade cinco a seis leguas e antes de Bento Gonçalves subir a serra marchou elle para lá afim de bater Labatut para Bento Gonçalves não encontrar obstaculo na sua retirada para a campanha. Labatut fugiu vergonhosamente de Canabarro. A carta que estava em poder do Alferes Machado, escripta por Netto, era a que Netto dirigiu a Silva Tavares depois que elle derrotou o Coronel Jeronymo Jacintho, convidando-o para vir para as nossas fileiras e porisso é que o Alferes Machado estava ao facto da opinião de Netto a respeito da paz, cuja carta lhe tinha sido entregue antes de chegarmos em Porto Alegre. Netto era capitão da Guarda Nacional quando appareceu a revolução de 1835 e não estava envolvido na politica. A convite de Bento Gonçalves entrou elle para ella e tambem Manoel Lucas de Oliveira. Antes do ataque do Seival, era Netto, Coronel da revolução e depois do dito ataque foi elle aclamado General, em campo de batalha, pela tropa victoriosa. Na noite do dia do combate Manoel Lucas d'Oliveira e Joaquim Pedro Soares foram á barraca de Netto e fizeram-lhe ver que elle devia acceitar o posto de General em Chefe do Exercito e proclamar a Republica porque não deviam continuar a bater-se com o inimigo pela mesma bandeira que elles se batiam e que era preciso mudar-se de politica, dando-se o grito de Republica e Independencia do Rio Grande do Sul. Netto foi surprehendido com esta imposição e que se elle não acceitasse os piratynenses se retirariam da revolução porque Lima e Silva seria General e Commandante do Exercito na primeira proposta que se fizesse para officiaes do Exercito e sob as ordens delle não serviriam. Netto a principio não quiz anuir, porem á vista das observações que lhe fizeram, acceitou. Netto disse que Bento Gonçalves era

quem estava á testa do Exercito e quem dirigia a revolução e que elle talvez não approvasse aquelle novo movimento e mudança de forma de governo. Os officiaes responderam: A Divizão do centro está perdida não ha como salvá-a e que Bento Gonçalves approvaria o grito dado de Republica e Independencia do Rio Grande. Então Netto acceitou e os officiaes na mesma noite fizeram os rascunhos da proclamação e ordem do dia e propostas para os officiaes daquella columna e elle achando conforme assignou todos os papeis. No dia seguinte, antes de sahir o sol formou-se a força em linha e Netto appareceu a galope pela direita della e collocando-se no centro della, com a espada em punho deu o grito de viva a Republica e Independencia do Rio Grande do Sul. Elle mandou por pé a terra, formar quadrado e ler o que se tinha escripto de noite. E assim foi que procedeu-se depois do ataque do Seival. Juca Simão não foi bem exacto na informação que deu a respeito da morte de Albano. — Elle diz que Albano ia mal montado e olhando para trás e vendo a escolta distrahida chicoteou o cavallo; rapido os guardas fizeram fogo a um tempo e Albano com o craneo varado por uma bala cahiu para o lado delle —. Albano não foi morto estando a cavallo. Foi correndo para o matto, que recebeu a bala que o matou. Si a guarda estivesse distrahida não seria tão rapida em dar a descarga a um tempo e estando elle mal montado, com os pés amarrados por baixo da barriga do cavallo, conforme diz Simão, para onde elle correria que não fosse alcançado? E si chegasse ao matto, entraria a cavallo tendo os pés amarrados? A escolta estava com attenção a elle que lhe deram dois tiros antes de chegar ao matto alto e erraram e foi com o terceiro tiro dado por Firmino, que Albano foi morto. E' falsa a noticia de ter sido Onofre rechassado de São José do Norte em 1835 porque naquella villa não havia um soldado da legalidade. Mais tarde é que Onofre appareceu novamente com força para dar um assalto áquella praça, de combinação com Lima e Netto que atacariam Rio Grande. Ambas as praças não foram atacadas por causa da reacção que houve em Porto Alegre. Onofre approximou-se de São José do Norte e como o Lima não deu o signal para o ataque elle retirou-se de perto das trincheiras, contramarchando par o sitio onde estava Bento Gonçalves o qual já tinha perdido dois assaltos levados á cidade. Bento Manoel chegou á cidade afim de atacar Bento Gonçalves mas antes de tentar o ataque houve suspensão de armas por treis dias afim de tratarem da convenção de paz e como Bento Gonçalves não acceitasse a proposta apresentada pela legalidade romperam-se as hostilidades conservando-se o sitio até fins de setembro mais ou menos sem Bento Manoel sahir de Porto Alegre. Bento Gon-

galves tinha mandado ordem a Netto para mandar Crescencio com duzentos homens esperal-o no passo da Freguezia Nova afim de proteger a sua passagem naquelle logar e fez correr o boato de atacar a cidade porque já estavam as suas forças reunidas para o ataque. Bento Manoel esperou o supposto ataque e Bento Gonçalves marchou da Setembrina pela estrada que vae-se á cidade e depois que passou o passo do Feijó, deixou a direcção da cidade e seguiu a estrada que por ella foi passar na ponte da Cachoeira, acampou e mandou desmanchar um pedaço della. Bento Manoel sabendo que Bento Gonçalves tinha tomado a direcção da Cachoeira e não para a cidade, marchou a toda pressa afim de batel-o antes que passasse a dita ponte porem vendo Bento Gonçalves em posição inatacavel contramarchou para a cidade e embarcou a sua columna e foi esperal-o perto da ilha do Fanfa e quando Bento Gonçalves chegou alli não poude passar para o Triumpho por estar um passo por onde elle tinha de passar tomado e bem defendido pelas forças da legalidade. Crescencio collocou-se emfrente á dita ilha porem de nada podia servir porque Bento Gonçalves estava cercado por mar e terra, sustentando vivo fogo da ilha para a terra sobre o inimigo que tentava tomar a dita ilha. A esquadilha da legalidade defendia a passagem de Bento Gonçalves pelo Jacuhy e Bento Gonçalves não consentia que o inimigo passasse na ilha. Afinal passou, porem sem exito. Bento Gonçalves mandava fabricar polvora e della se servia para sustentar a posição. No terceiro dia de fogo, Bento Manoel mandou tocar cessar fogo e a parlamento, com o signal da sua Divisão. Bento Gonçalves tambem mandou tocar cessar fogo. Então cessou fogo e não morreu mais ninguem em combate. Bento Gonçalves acceitou as garantias offerecidas por Bento Manoel, entregando as armas e a sua gente recebeu passe para seguir os destinos que quizessem, menos para tomar armas em outro logar onde houvessem forças da revolução. Bento Gonçalves marcharia para a fronteira para conseguir o Netto dissolver a força que tinha. As notas trocadas entre os dois chefes já foram publicadas. Na noite do dia da convenção entre os ditos chefes chegou Araujo Ribeiro onde estava Bento Manoel e mandou prender Bento Gonçalves, Onofre e Zambecari. No dia seguinte Onofre ia montar a cavallo e recebeu ordem de prisão e foram os treis presos para Porto Alegre e dalli para o Rio. Netto já tinha dado o grito de Republica antes do ataque da ilha do Fanfa e conservava-se na fronteira. Bento Manoel marchou sobre elle e deu-se o facto das Pedras Altas a 4 de janeiro. Antero tinha sido nomeado presidente da Provincia, tomou posse e communicou-se com Bento Manoel que estava acampado nos campos do Rosario e tinha deixado

um batalhão de Infantaria em Caçapava e um corpo de Artilharia. Bento Manoel mandou as propostas para officiaes da sua Divisão para a nomeação delles e Antero não approvou as ditas propostas e ordenou-lhe que fosse á cidade. Esta ordem lhe foi dada mais de uma vez, porem, elle não obedeceu. Netto estava emigrado no Estado Oriental mas tinha a sua gente em varios destinos e prompta para se reunir em um lugar onde elle ordenasse. Medeiros tinha marchado de Caçapava para a fronteira, ficando naquella villa o Tenente Coronel Chrysostomo commandando a força que alli estava.

Anthero marchou de Porto Alegre com um esquadrão afim de prender Bento Manoel e este marchou do acampamento com o corpo commandado pelo Tenente Coronel Demetrio Ribeiro e encontrando o presidente pelas immediações de Caçapava prendeu-o. Netto já tinha passado do Estado Oriental com a sua columna para bater Medeiros porem não poudo batel-o porque Medeiros fugiu do alcance de Netto. Bento Manoel mandou dizer a Netto que fosse tomar Caçapava e receber Anthero. Netto aprisionou a força que alli estava, menos a cavallaria que durante a noite escapou-se. Netto soltou os officiaes e cadetes, levando aquelles alguns camaradas. O nosso exercito ficou mais poderoso com o augmento da Infantaria e Artilharia. A legalidade entrou em decadencia até a vinda de Caxias. Eu morava em Candiota e em minha casa chegou o cabo Firmino vindo dos campos dos Nettos e contou-me como tinha sido Albano morto e faziam dez annos depois da morte de Albano quando Firmino foi á minha casa e sem que eu lhe fallasse a respeito de Albano, elle relatou-me minucisamente aquelle facto.

Dispense a demora que deve notar da remessa destas informações que talvez ellas possam servir para o Sr. aproveitar dellas alguma cousa.

Si me julgar util para alguma cousa, pode dirigir-me as suas ordens.

Seu Patricio e Amigo Creado

Manoel Alves da S. Caldeira.

NB. Já contei 83 annos de idade e não me tem faltado a memoria. Tudo o que acima está escripto é de memoria.

Vale.

Recebi o seu Almanack e Folheto de Albano e lhe fico muito grato.

Vale.

Depois que assignei a pagina 22 resolvi-me a escrever mais alguma cousa que tem relação com as informações relatadas, para V.S.^a ficar sciente de todos os factos relativos á fuga dos Coroneis, as quaes são as seguintes: Estava preso na Fortaleza de Santa Cruz o Ajudante do terceiro Batalhão estacionado em Porto Alegre, de nome Alexandre, que tinha tomado parte na revolução de 35, no compartimento onde estavam os outros prisioneiros. O Commandante da Fortaleza compadeceu-se delle, chamou-o a si e fez delle um espião para saber o que se passava naquella prisão. Os Coroneis desconfiaram do homem e acautelaram-se para que elle não desconfiasse das visitas que de oito em oito dias eram feitas por Pimenta o qual estava tratando da fuga dos ditos coroneis e com elles combinavam o plano da dita fuga. Na noite que os Coroneis abandonaram a Fortaleza foi preciso que Corte Real se dirigisse á cama onde estava o referido ajudante e lhe puzesse um punhal no peito dizendo: Se falla, morre. Durante o tempo que Corte cuidava do espião, Onofre emendava lençoes de linho e abria as fechaduras do cadeado e da porta da prisão. Para isto ter bom resultado já a sentinella estava dormindo. Os Coroneis sahiram da prisão e subiram pela rampa que por ella se desvia para a área que ficava na frente daquella prisão. Quando chegaram junto ao estreito portão por onde entrava-se, subiram o muro que fazia face para o pateo das prisões dos presos que não eram políticos e unidos ao dito muro seguiram até onde estava a escada por onde subia-se para a praça onde estava a casa do Commandante, junto á linha da terceira bateria e passaram pela frente da dita casa e chegando a uma das peças amarraram um lençol no delgado de uma peça e desceram agarrando-se aos outros e lançaram-se ao mar. Depois que os Coroneis embarcaram na nossa falua, perguntou Onofre: Quem são os Amigos que me arrancaram dessa infernal masmorra dando-me vida e liberdade? Chaves respondeu: São Riograndenses, é o Caldeira, José Custodio, João Manoel d'Aranjo e João Barbosa. Onofre com admiração: Oh! caros patricios; ainda aqui vieram dar provas do seu valor e patriotismo? De hoje em diante serão os Senhores os meus companheiros inseparaveis. Já acima disse que elles foram para o centro da cidade e nós para a casa do serralheiro Luiz, donde sahimos para a empresa. Agora vou relatar-lhe outros factos de alguma importancia, ligados aos outros já mencionados. José Custodio Alves de Souza estava preso na prisão dos inferiores porque tinha dado um golpe na cara de um soldado com a sua espada e tinha de responder a conselho de guerra e seria condemnado á prisão por

muitos annos. Servia na Fortaleza da Ilha das Cobras um cadete e furriel filho de um medico muito conchegado á familia imperial. Militão, chamava-se o dito cadete. Era elle moço muito intelligente e tambem muito extravagante. Seu pae não podendo contel-o conseguio destacad-o para a dita fortaleza com ordem de não ir á cidade. Militão vivia muito desgostoso e entregou-se á bebida e por faltar ás suas obrigações como furriel, quasi sempre estava preso. Por muitas vezes elle fez-me os seus offerecimentos e dizia-me que tinha vontade de enterrar os seus ossos nas planicies do Rio Grande. Eu fugia delle quando estava muito espiritualisado porque não queria comprometter-me mas elle sempre procurava-me para desafogar-se. Indo eu á cidade para entregar um officio a um personagem, no meu regresso á Fortaleza cheguei em casa de Joaquim Gonçalves em occasião que elle e mais estudantes estavam jantando e convidou-me para comer com elle e outros que alli estavam, inclusive o Chaves mas eu não acceitei o seu offerecimento; então disse elle: Tome um refresco de cajú. Acceitei o refresco. Chaves deixou de comer e levantou-se e foi á sala fallar com alguém e depois que elle voltou fui chamado pela pessoa que estava na dita sala. Esta pessoa pediu-me para eu com mais treis ou quatro filhos do Rio Grande irmos em uma commissão importante. Eu neguei-me porque elle não quiz dizer-me qual era a commissão. Então disse elle: Eu tambem faço parte della e não deve por causa de um soffrerem tantos. Pois bem, disse eu, si o Sr. faz parte da commissão eu me presto, porem é preciso que o cabo José Custodio que está preso, tambem faça parte da commissão porque é um bom companheiro. Respondeu elle: Applique os meios para que elle venha. Se precisar de alguma cousa falle com o José Gonçalves que elle lhe entregará o que for preciso. Voltei á sala de jantar, despedi-me dos amigos e fui para a Ilha das Cobras. Eu tinha corrido a escala de serviço e porisso tinha cinco dias de folga. Logo que cheguei á Fortaleza dirigi-me ao Militão porque era elle quem podia fazer o que eu queria. Militão, disse eu: Chegou finalmente o dia de precisar dos teus offerecimentos! Estou prompto para tudo e não faltarei á minha palavra, o que queres da minha pessoa? Eu disse: Já não posso conservar-me nessa Fortaleza, cada vez me sinto doente, já por causa das saudades que tenho do Rio Grande já pelas saudades que tenho da minha familia. Acho muitas difficuldades para sahir desta Fortaleza só tu és a unica pessoa que eu conto para sahir daqui. Militão respondeu: E por onde iremos? Eu respondi: Darei as providencias para o nosso transporte. Militão

disse: Vamos para bordo de um barco de guerra inglez e depois de estarmos dentro delle nem o diabo nos arrancará e do contrario, dá o plano. Então passei a dar o seguinte plano para sahir o José Custodio que estava preso como já disse: Na quinta-feira entras de guarda na Fortaleza. De noite ha retreta, os musicos sobem para a sotéa do Commandante e tocam as treis peças do costume e depois descem e seguem tocando uma marcha até a praça da formatura, chegando alli, debandam-se e vão responder á chamada feita pelo official de estado. Você está acostumado (quando entra de guarda) a convidar algum inferior que está preso a ir tomar alguma cousa no França, botequim que estava fóra da Fortaleza. As sentinellas sabem o quanto os soldados e os presos são attendidos por você e por isso ella não extranhará a sahida do cabo Custodio. Militão perguntou-me: E depois? Eu respondi: As providencias eu as tomarei a tempo. Militão ao separar-se de mim apertou-me a mão e disse: Conta commigo. Palavra de honra que não falto. No dia seguinte depois da parada, fui ao Commandante pedir-lhe cinco dias de licença. Elle era casado e tinha familia. A senhora era moça e bem educada. Quando eu apresentei-me na frente delle a senhora estava na varanda e elle estava tomando a fresca na sotéa com a frente para a varanda. Ao chegar a elle, perfilei-me, fiz a continencia e elle perguntou-me o que eu queria. Venho pedir a V. S.^a cinco dias de licença e perguntou-me elle: Para que quer cinco dias de licença? Para ir á Praia Vermelha saber noticia da minha mãe e dos meus irmãos que desde que cheguei que não tenho tido noticias della. Quando eu assim fallei, elle olhou para a senhora que me ficava pelas costas, dentro da dita varanda. A licença me foi dada com a condição de ser aquelle dia contado no numero dos cinco dias e vir pernoitar no quartel da Brigada. Militão entrou de guarda na quinta-feira e eu fui á cidade fallar com José Gonçalves, e ao escurecer estive com elle e perguntei-lhe se tinha autorisação para entregar-me alguma cousa se eu precisasse. Respondeu-me que sim e subio as escadas do sobrado onde estava o Dr. Antonio Borges da Fonseca para receber dinheiro e voltou sem demora e seguimos para a Praia dos Mineiros e alli embarcamos em uma canoa de dois remos de voga e um de pá, pegando eu neste ultimo remo para dar a direcção precisa, a qual foi á praia dos Caxeiros, que fica em frente ao Arsenal de Marinha, na Ilha das Cobras. Antes de lá chegarmos combinei com o José Gonçalves para que elle ficaria a pouca distancia da dita praia depois que eu saltasse em terra e que eu tinha de vir á praia treis vezes e daria um

assobio em cada vez que alli chegasse os quaes seriam respondidos por elle, devendo embicar a dita canoa quando ouvisse o ultimo assobio e depois desta combinaçãõ marchei para a Fortaleza e encostei-me ao portão que já estava fechado tendo somente o postigo sem estar fechado para por elle entrar e sahir alguma praça. Antes de tocar as oito horas, os musicos subiram para a sotéa e tocavam a primeira peça e eu fui á praia e dei o primeiro assobio e José Gonçalves respondeu. Marchei para a Fortaleza e colloquei-me no mesmo lugar esperando o segundo toque. Depois que elles tocaram, fui á praia, assobiei e Gonçalves respondeu. Tornei para a Fortaleza esperando que se findasse o terceiro toque e que o official de estado fizesse a chamada dos que pernoitavam no quartel. Militão sabia que eu estava junto ao portão á espera d'elle e de José Custodio. Os musicos tocaram o terceiro toque e marchavam para a praça da formatura e debandaram-se. O official principiou a chamada. Já tinha tocado na sexta companhia sem que Militão sahisse pelo postigo com José Custodio. A noite estava silenciosa e bem estrellada. Só se ouvia o bramir do mar e as ondas que se quebravam ao bater na rocha da Fortaleza. Eu Julguei-me perdido suppondo que Militão faltaria, talvez eu fosse trahido por elle porem como elle me tinha dado a sua palavra de honra conservei-me até que chegasse a ultima hora sujeitando-me a tudo. Quando eu estava pensando na triste situação em que me achava, abriu-se o postigo do portão e por elle sahiram Militão e José Custodio e ao mesmo tempo chegaram os dois companheiros que eu esperava. Ambos tinham descido por uma corda que amarraram na muralha da Fortaleza e vinham com uma acha cada um delles como arma. Eu estava armado com uma espada. José Custodio armou-se com uma espada que lhe entreguei. O Militão com a sua espada. Marchamos para a praia e passamos pela frente da casa dos officiaes que moravam na ilha, fóra da Fortaleza que estavam tomando a fresca da noite e chegamos no lugar onde tinhamos de embarcar e fiz o terceiro signal e José Gonçalves embicou a canoa e embarcamos. Saltamos na praia dos Mineiros e fomos para a casa de Joaquim Gonçalves e della passamos na seguinte noite para a casa do dito conselheiro, guiados por um italiano o qual embarcou no dia seguinte para Santa Catharina. No fim de cinco dias appareceu-nos o Alferes Chaves e marchamos com elle para a casa de um alfaiate o qual tinha uns officiaes que trabalhavam no sotão para onde fomos. No dia seguinte fomos surprehendidos por um alfaiate que tinha deixado uma peça de obra pendurada em uma corda.

Elle tambem ficou surprehendido quando nos viu porque não esperava encontrar alli ninguem. Já estavamos mal alli porque podiamos ser denunciados. Passados alguns dias chegou o Chaves alli e sabendo o que se passava levou-nos para a casa do serralheiro Luiz onde estivemos até a noite que fomos ás Fortalezas. Chaves disse-nos ao desembarcarmos do escaler quando vinhamos com os Coroneis, que fossemos para a casa onde tinhamos estado e para lá fomos. O serralheiro recebeu-nos com desagrado porque não esperava que tornassemos para a sua casa depois da commissão feita, porem assim mesmo ficamos aquella noite com a condição de vermos outra casa. Na segunda noite sahimos e fomos á casa de uns estudantes onde estava Joaquim Gonçalves, mas occulto por causa da escada e ahi ficamos aquella noite e no dia seguinte em o qual iria Joaquim Gonçalves á Fortaleza do Lage fallar com seu pae afim de dar providencias a nosso respeito porem elle não fallou com Bento Gonçalves por causa do mar que estava muito agitado e o escaler não poudé atracar e por isso não voltou á casa dos estudantes. Na segunda noite, nesta noite, logo que escureceu apresentou-se na nossa frente um dos estudantes de sobrenome Carvalho com uma chave na mão direita e perguntou-nos qual de nós faria cabeça pelos mais companheiros. Eu respondi: Sou eu. Então elle disse: Nós somos estudantes e pagamos dois mil reis por estas peças que ocupamos e eu estou estudando mathematicas, não tenho nada com a politica do Rio Grande do Sul. Sou filho da Provincia de São Paulo. Os Senhores são desertores da Ilha das Cobras e estão perdidos e nós não podemos consentir que os Srs. estejam aqui nem mais uma hora e se quizerem ficar, aqui está a chave deste sobrado porem eu agora mesmo vou dar parte ao inspector do quartelirão e dizer-lhe quaes são os inquilinos que ficam só nesta casa. A cadeia do Aljube está muito perto daqui e esta noite entrarão para ella. Eu em nome dos companheiros agradecei os obsequios que elles nos tinham prodigalisado e nos retiramos. Era noite de Theatro e ao chegarmos no largo de São Francisco encontramos o Chaves o qual ha muitos dias não nos apparecia. Eu peguei-lhe na aba do casaco e disse: Daqui todos nós iremos para a cadeia ou V. S.^a nos dará arrumação. Então elle disse: Sigam-me na retaguarda que eu vou fallar com uma pessoa que ella lhes dará arrumação. Nós marchamos atraz delle a pouca distancia, entramos no corredor onde elle entrou e depois elle desceu e disse: O dono da casa está no theatro. Eu vou lá fallar com elle; sahiu e nós ficamos

no corredor escuro á espera que chegasse o dono da dita casa. Seriam dez horas da noite quando se approximava uma força de infantaria á esquina de uma rua junto á casa onde estavam occultos no dito corredor e alli fizeram alto e descansaram armas: Era uma patrulha dobrada que alli tinha chegado e depois contramarcharam. Mais tarde approximou-se da porta do corredor o dono da casa e nós fomos recebê-lo ao entrar para elle, e o homem perguntou: Quem é que está na minha casa? Somos nós; o Sr. não fallou com o Chaves? Sim, já sei, disse elle, agora esperem aqui que eu vou ver commodos para os Senhores. Alli esperamos e quando elle voltou, disse: Os Srs. vão para uma casa de pasto e nella passarão esta noite e sem dormirem porque não ha commodo durante a noite. Conservam-se á mesa, fingindo que estão esperando comida. Os que chegarem, comem e se retirarão e os Srs. fiquem sempre na mesa e ahi passarão no dia seguinte, no mesmo lugar até a noute para irem para a casa que eu encontrar para os Srs. irem para ella. Eu perguntei: E si apparecer alli uma praça da Ilha das Cobras? Elle respondeu: — Isso é caso que eu não posso prever e os Srs. farão o que quizerem. Nós marchamos para a casa do referido alfaiate e fomos recebidos. Chaves tinha uma moça na casa do tal alfaiate e indo elle visitá-la, fallamos com elle. Então, disse elle: fiquem aqui até poucos dias e ahi ficamos porque não tinha havido novidade durante a nossa ausencia por causa do alfaiate nos ter visto alli. Passados alguns dias, chegou na casa do alfaiate uma preta escrava de uma filha delle e disse: Meu senhor a Sra. mandou dizer-lhe que vá lá em casa que ella tem o que lhe dizer. Respondeu: — Diz á tua Sra. que venha ella cá, que eu lá não vou. No dia seguinte veio a dita preta com o mesmo recado e elle deu-lhe a mesma resposta. Então a dita preta chamou a mulher do dono da casa e fallou em segredo com ella. Nós estavam jantando na occasião que a preta chegou. A mulher chamou o marido, conversou com elle e depois voltou elle e perguntou: Os Srs. são militares? Nós respondemos que não eramos militares e elle disse: Pois a minha filha mandou dizer que em minha casa estavam uns desertores da ilha das Cobras. Eu respondi dizendo: Para provar-lhe que não somos desertores e nem militares, agora mesmo sahiremos para a rua. Subimos para o sótão e iamos para a rua áquella hora para não sermos presos alli. Marchamos para a Praia Vermelha onde estavam uns riograndenses como praça num batalhão, afim de convidar alguns que nos quizessem acompanhar para seguirmos para o Rio Grande e elles não accei-

taram o nosso convite e tivemos de voltar para a cidade e irmos para a dita casa do alfaiate afim de fallarmos com o Chaves, se não houvesse novidade e quando chegamos no centro da cidade encontramos um homem que sabia onde estavam os Coroneis e disse: — Fazem treis dias que chegou aqui D. Maria Côrte-Real que vem ver seu filho. Ella está morando a pouca distancia daqui; passem o primeiro, o segundo e cheguem no terceiro corredor e entrem que ella está em casa porque agora mesmo sahi de lá. Seguimos pela mesma rua e entramos no dito corredor, batesmos palmas como visita á Senhora e fomos muito bem recebidos, não como visitas mas como quem pedia soccorro. Na dita casa estivemos oito dias e na noite do ultimo dia sahimos e fomos embarcar em um bote, guiados pelo dito homem até a bordo de uma escuna que tinha de seguir para Buenos Aires no dia seguinte. Nella já estavam os Coroneis Joaquim Gonçalves e Chaves. Pelas oito horas da manhã do dia seguinte chegou a bordo della a visita da Alfandega e mais tarde a da policia e então foi que sahimos barra a fóra e em calmaria. No fim de um mez e dez dias chegamos a Montevideo porque tivemos duas fortes corridas pelo oceano a dentro. Daquella cidade marchamos para a Provincia e empunhamos de novo as armas, servindo nas nossas antigas fileiras. Hoje fazem sessenta e treis annos que ouviu-se pela primeira vez na antiga Provincia do Rio Grande do Sul o sincero brado de liberdade, levantado ás abas da cidade de Porto Alegre, pelo benemerito cidadão Coronel Bento Gonçalves da Silva. Foi elle quem fez o chamamento ao povo Riograndense afim de empunhar uma arma para desalojar o ignominioso jugo do despotismo que tinha estabelecido as suas tendas de guerra no solo Riograndense. Aquelle povo não se fez esperar. Armado como um só homem, marchou pressuroso ao logar onde se achava aquelle homem — symbolo da Liberdade. Eu era joven, não tinha vinte annos completos e empunhei uma curta lança e cobri a retaguarda dos que serviam de alvo das balas inimigas e naquellas antigas fileiras deslizei a minha juventude e quando mais tarde appareceram os republicanos filhos desta geração nova, a elles encorporei-me até hoje, tendo por chefe o cidadão Dr. Julio de Castilhos. Foi elle quem substituiu com a sua penna a espada de Bento Gonçalves, auxiliado pela brilhante e forte phalange de bravos republicanos da presente epoca. Rogo-lhe o obsequio de desculpar pela demora desta informação e tambem relevar a minha pessima orthographia, pon-

tução e superabundancia de palavras pois nesta esperança ousei escrever tão longa narrativa.

Segundo Districto de Cangussú, 20 de Setembro de 1898.

(assignado) *Caldeira.*

Segundo Districto de Cangussú, 2 de outubro de 1898.

Ill.^{mo} Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues — Rio Grande.

Communico a V. S.^a que a carta de 6 de outubro está em minhas mãos a qual já respondi e pedia-lhe desculpa pela muita demora. Hontem, pelas oito horas da noite recebi a carta de V. S.^a datada de 22 de maio e hoje passo a respondel-a para satisfazer os desejos que tem VS.^a em ouvir a minha opinião a respeito da derrota de Canabarro e dos movimentos do Exercito Republicano nos dias que precederam á surpresa. Canabarro á frente do seu Exercito vindo das campanhas do sul da Provincia, acampou no campo do Contracto sobre a margem esquerda do arroio Jaguarão Grande e mudando de campo foi descendo pela dita margem até acampar no fundo do referido campo onde esteve muitos dias e donde mandou um official com uma pequena força incorporar-se ao Coronel Cabral (Oriental) afim de tomarem Cerro Largo que estava em poder dos *Blancos* e como aquella villa estava muito guarneçada e com boas trincheiras, não foi tomada, retirando-se os atacantes com algum prejuizo sahindo ferido de bala o tenente que Canabarro mandou.

Passados dias, Canabarro passou o Arroio Candiota-Grande e subio pela margem direita, acampando-se no campo de Antonio Dias e neste campo demorou-se alguns dias mudando de campo somente e dalli mandou elle pôr as duas peças que tinha em um lagoão que tinha no fundo do campo de João Lucas de Oliveira, sobre a margem direita do Arroio Candiota Grande. Depois foi marchando para os Porongos, com a mesma morosidade, até que acampou no lugar onde foi derrotada a Divisão de Netto, menos a força de João Antonio da Silveira, que ficou intacta.

Moringue tinha amanhecido na vespera do ataque nos fundos do potreiro da estancia de D. Manoella, irmã do General Netto e naquella manhã indo um campeiro da dita estancia recolher animaes nos fundos do dito potreiro, fallou com uns cavallaricios que estavam cuidando da cavallhada da força que estava acampada na margem esquerda de uma vertente que nasce na serra do Velleda e faz barra no Candiotinha. O referido peão participou a D. Manoella o que lhe tinham dito os cavallaricios e ella mandou chamar o velho Pereira que morava para baixo do Passo do Candiotinha e pediu-lhe que fosse ao campo onde estava Canabarro acampado e dissesse ao seu irmão que Moringue estava no dito lugar. Pereira foi á casa, mudou de roupa e de cavallo e marchou para os Porongos onde Canabarro estava e participou ao General Netto o que sua irmã lhe mandava dizer. Netto depois que ouviu a Pereira disse: Vá dar essa mesma noticia a Canabarro. Pereira marchou e chegando perto da barraca de Canabarro, apeou-se e aproximou-se respeitosamente a elle e Canabarro perguntou-lhe o que andava fazendo. Pereira transmittiu-lhe a dita noticia. Canabarro perguntou-lhe: — Você viu o Moringue? Pereira respondeu negativamente. Canabarro: E então, como é que diz que é o Moringue? Pereira disse como sabia e que tinha visto a fumaça dos fogões, que sahia do acampamento. Canabarro perguntou a Pereira: De que lado está o vento? Pereira retirou-se um pouco, e respondeu: Está de tal lado. Pois o Moringue sentindo a minha catinga, cá não vem e ordenou a Pereira que marchasse para a sua casa e não fosse espalhar aquella noticia aterradora no acampamento. Pereira montou a cavallo e seguiu para a sua casa. Canabarro mandou chegar a cavallhada de reserva á frente do acampamento para mudarem de cavallo e ordenou ao Quartel Mestre para arrecadar o cartuchame da infantaria e ser carregado em cargueiros afim de não se estragarem nas patronas dos soldados e quando apparecesse o inimigo seriam os ditos cartuchos distribuidos pela força. Os referidos cavallo não foram pegados. Pelas quatro horas da tarde Moringue marchou e prendeu fogo no campo onde esteve acampado e com a noite entrou no acampamento de Canabarro, prendeu todo o piquete e conservou-se por muito tempo perto de Canabarro e ao clarear do dia mandou tocar a alvorada na frente do acampamento de Canabarro e deu ordem á força para não matar os brancos e matassem os negros, mulatos e indios. Canabarro quando ouviu o toque de alvorada montou a cavallo com o seu estado

maior e passou em um passo que havia no arroio dos Porongos que ficava na retaguarda da barraca delle e tomou a frente da força do General João Antonio que estava furioso por ver a matança que o inimigo fazia, sem poder soccorrel-os porque Canabarro não consentiu.

Eu julgo ter satisfeito os pedidos de VS.^a e se precisar dos meus serviços pode dirigir-me as suas ordens que serão executadas.

Sou de VS.^a

Patricio e Amigo m.^{to} Obrigado

Manoel Alves da S.^a Caldeira.

Primeiro centenario do combate do Monte Santiago

Do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, edição de 12 de abril do corrente anno, extrahimos o seguinte:

Realizou-se hontem, á tarde, a primeira sessão ordinaria, do corrente anno, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O Sr. Conde de Affonso Celso, presidente perpetuo, congratulou-se, pelo reinicio dos trabalhos, com os Srs. consocios, de cuja capacidade e zelo espera que as sessões do presente anno continuem as honrosas tradições dos 88 annos anteriores.

Recomeçam os trabalhos com a commemoração do centenario de uma data gloriosa: o da victoria naval do Monte Santiago, victoria que, de facto, terminou de modo brilhante para o Brasil a campanha da Cisplatina.

Ia tratar do assumpto, aceitando o convite que lhe fez a presidencia, que muito lh'o agradece, o Major Souza Docca, uma das mais notaveis figuras do nosso actual Exercito, pelos seus talentos, estudos, sciencia militar e litteraria, lucido e superior criterio.

Entre applausos, deu-lhe a palavra.

O Sr. Major Souza Docca leu, então, a sua conferencia, que publicamos adeante.

No inicio da sessão, como de praxe, foram lidas, as *Ephemerides Brasileiras*, do Barão do Rio Branco, as que se referem a data da mesma sessão.

Foi votada e unanimemente approvada a seguinte proposta, acerca da batalha de Ituzaingó:

„O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao occorrer o centenario da batalha de Ituzaingó, ou do Passo do Rosario, reaffirma o que sobre este acontecimento tem constante e comprovadamente affirmado em publicações da sua *Revista* e em trabalhos dos seus Presidentes Barão do Rio Branco e Conde de Affonso Celso e do seu Secretario Perpetuo Dr. Max Fleiuss.

Essa batalha não foi desairosa, de fórma alguma, mas ao contrario, honrosa para as armas brasileiras e para o general que alli as commandou, o Marquez de Barbacena, porquanto:

1.º) O Exercito Brasileiro tomou a offensiva contra o das Provincias Unidas do Rio da Prata, que lhe era muito su-

perior em forças, dispondo de quasi o duplo dos nossos combatentes e de maior numero de canhões;

2.º) Além dessa vantagem, tinha o Exercito inimigo a de se achar descansado, em posição por elle escolhida, enquanto o brasileiro avançava em marcha forçada, caminhando desde 1 hora da madrugada, quando ás 6 horas avistou o adversario e o atacou;

3.º) Depois de 6 horas de renhida peleja, sem resultado decisivo para nenhuma das partes, estando os dous Exercitos parados nas posições primitivas, resolveu o nosso afastar-se, por ter verificado escassez de munições e por se haver incendiado o campo, em torno delle;

4.º) Não foi coagido a isso pelo inimigo, mas fel-o des-
embaraçado, lentamente, na melhor ordem, levando feridos e toda a artilharia, excepto uma peça encravada, cujas rodas se quebraram, impedindo a conducção;

5.º) Acampou onde lhe approveu, sem ser incommodado pelo inimigo, o qual nenhum trophéo lhe tomou e que, por seu turno, contramarchou no mesmo dia, indo acampar alhures, e abandonando, pouco depois, o territorio brasileiro, que invadira;

6.º) Trata-se, pois, de uma batalha de exito indeciso, favoravel em suas consequencias ao Brasil e cuja recordação não nos entristece, e, menos ainda, nos envergonha;

7.º) Cumpre-nos, assim, glorificar os nossos soldados e officiaes, que nella briosamente cumpriram o seu dever, tal como em assignaladas victorias na mesma guerra e nas em outras subseqüentes;

8.º) Tal glorificação, entretanto, deve ser feita com espirito de confraternização continental, formulando votos e esforçando-nos para que os povos de origem commum, com identicos interesses e ideaes, nunca mais empunhem uns contra outros armas deveras fraticidas, porém harmonica e solidariamente cooperem para a paz e civilisação universaes.

Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 20 de Fevereiro de 1927. — *Conde de Affonso Celso*. — *Dr. Ramiz Galvão*. — *Max Fleiuss*. — *Agenor de Roure*. — *Manoel Cicero*. — *Moreira Guimarães*. — *Rodrigo Octavio*. — *Eduardo M. Peixoto*. — *Othello Reis*. — *Nicolau Debané*. — *A. Tavares de Lyra*. — *Solidonio Leite*. — *Rodolpho Garcia*. — *Carlos Carneiro*. — *Eugenio Vilhena de Moraes*.“

Compareceram á sessão os Srs. Conde de Affonso Celso, Max Fleiuss, Manoel Cicero, General Moreira Guimarães, A. B. L. Castello Branco, Solidonio Leite, Commandante Raul Tavares, D. Pedro de Orleans Bragança, Major Souza Doca, Olympio da Fonseca e E. Vilhena de Moraes.

**Conferencia do Sr. Major Souza Docca,
lida no Instituto Historico e Geographico
Brasileiro.**

Recordar, recordar sempre — é uma das nossas principaes obrigações neste Instituto. E' com os olhos, com a intelligencia e com o coração voltados para o passado que podemos saber o que somos e para onde vamos, isto é: aquilatar dos elementos em que assenta o nosso presente e colher lições proveitosas para o futuro. O surto social, como observa um illustre publicista sul-americano, depende mais do tempo que do espaço visto que no desenvolvimento da sociedade, os seus phenomenos „determinam-se não pelas meras tendencias da natureza humana, mas sim pelas influencias accumuladas das gerações passadas sobre a geração presente“.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, consciente dessa verdade e do muito que devemos aos nossos maiores, não cessa, por isso, de rememorar os feitos destes, em todos os ramos da actividade humana.

Continuando, pois, nessa rota, *sine ira et studio*, não podia ser indifferente á passagem do primeiro centenario do combate de Monte Santiago, travado entre as forças navaes das Provincias Unidas do Rio da Prata e as do Brasil, e que foi um dos factores que obrigaram o governo daquellas provincias a solicitar a paz, ao governo brasileiro, em Abril de 1827.

A esta hora, ha um seculo precisamente, descansavam já sobre os louros da victoria, depois de porfiada luta, os abnegados e intrepidos marinheiros que nas aguas platinas se batiam, corajosamente, pela patria abençoada do Cruzeiro.

Nenhum delles mais existe em materia, não têm mais personalidade physica, mas o espirito grandioso que os animava — o amor pelo Brasil, e a bravura que retesava e movia seus braços intremulos, existem ainda vivos, palpitantes e aqui nos congregam, em homenagem justissima ás suas cinzas venerandas, ás suas memorias inesqueciveis, aos seus feitos gloriosos.

Combate de Monte Santiago

A desastrada expedição á Patagonia diminuiu de 4 as nossas unidades navaes e augmentou as do inimigo de 3, que lá ficaram no porto de Carmen. Com o fim de utilizal-as no corso e de reforçar, ao mesmo tempo, sua esquadilha, o governo argentino determinou ao Almirante Brown que reunisse todos os navios. O até então afortunado e sempre bravo almirante, encorajado pelos seus felizes e ousados feitos anteriores, se aventurou a romper nosso bloqueio e com esse fim tentou sahir sorrateiramente do ancoradouro dos Pozos, em a noite de 6 de Abril de 1827. Para essa empreza aprestou os brigues „Republica“, com 18 peças, onde hasteou seu pavilhão; o „Independencia“, com 24 peças, o brigue-barca „Congresso“, com 18 e a escuna „Sarandi“, com 7. A's 8 horas da noite suspendeu ferro e vellejou com todas as precauções que seu objectivo exigia.

Tres horas depois, porém, a corveta brasileira „Maceió“, do commando do Capitão de Fragata José Joaquim Raposo, dava o signal de movimentos do inimigo, queimando tigel-linhas e fazendo disparos de canhão, seguiu, ao mesmo tempo, vigilante e corajosa, nas aguas dos que pretendiam illudir o bloqueio, procurando cortar-lhes a retirada. Estava fracas-sada a primeira tentativa de Brown e a segunda em breve seria annullada, porque já se achava em seu encalço a 2.^a Divisão sob o commando de Norton. A perseguição foi vigo-rosa e desnorteou os platinos, os quaes procurando fugir ao alcance de nosso fogo e fiados no pouco calado de seus navios, se afastaram para os baixios, em demanda do ancoradouro da Enseada, onde sabiam não poderiamos entrar. Encalharam, porém, no banco de Monte Santiago, entre as pontas do Confisco e as do Monte Blanco, pela manhã de 7, dous dos seus barcos — o capitanea e o „Independencia“. A „Sarandi“ collo-cou-se corajosamente ao lado de ambos, defendendo-os com vigor, e a „Congresso“ depois de um ligeiro encalhe conseguiu safar-se e se foi refugiar no ancoradouro que demandavam.

O calado de nossos navios os impedia de concentrar um fogo efficiente sobre os do inimigo e por isso nos limitámos no dia 7 a fazer, de espaço em espaço, tiros de elevação. A abordagem tambem não era praticavel — o mar estava picado. A's 5 horas da tarde o Almirante mandou fazer o signal: *Cessar o fogo e vigiar de perto os movimentos do inimigo.*

A noite foi para os nossos contrarios, toda de angustia — atravessaram-na no ingente e infructuoso trabalho de desen-calhe, sob as vistas sempre alertas de nossos marinheiros. Um verdadeiro supplicio de Tantaló — velhos lobos do mar, esta-

vam alli, na immensidão das aguas, chumbados pela ironia cruel do destino, no papel de Jupiter, a um traçoeiro monte de areia!

Na manhã de 8, o mar acalmou, dando assim oportunidade a que começasse a furia do combate. Norton determina que as embarcações menores formem duas columnas, a tiro de pistola dos vasos inimigos. Foram então tomar essa posição as escunas *D. Paula* commandada pelo 2.º Tenente Manoel Francisco da Costa Pereira e onde foi arvorado o pavilhão daquelle chefe; *Conceição*, ás ordens do 2.º Tenente James Wilson; *Itaparica*, sob o commando do 2.º Tenente Agnello Petra de Bittencourt; *Maria Thereza*, commandada pelo 1.º Tenente Eduardo Wandenkolk e a *Rios*, sob as ordens do 2.º Tenente Jorge Cawen. Mais ao largo ficaram as corvetas *Liberal* e *Maceió*, commandadas, respectivamente, pelos Capitães de Fragata Bartholomeu Hayden e José Joaquim Raposo; o lúgar *Principe Imperial*, sob as ordens do Capitão-Tenente José Antonio Franca Ribeiro e os brigues *Caboclo*, *29 de Agosto* e *Rio da Prata*, commandados, respectivamente, pelo Capitão-Tenente Guilherme James Inglis e 1.ºs Tenentes Raphael José de Carvalho e José Lamego da Costa.

A's 11 horas teve inicio o combate, rompendo de um e outro lado vigoroso fogo, como a denunciar a disposição de sustentar a luta a todo franse.

Dentre os navios postados ao largo se destaca e se insinuando pelos canaes, investe sobre os vasos inimigos immoveis, o brigue *29 de Agosto*, cujo commandante, quando a todos dá o exemplo de como se cumpre o dever militar defendendo a patria, com as armas na mão, cahe com o ventre aberto por uma granada inimiga que arrancou-lhe ao mesmo tempo o braço esquerdo. Quando seus commandados correram attonitos para amparal-o, fazendo cessar bruscamente o bombardeio, o heroico official, com o pensamento voltado para a patria, assim manifestou sua ultima vontade: „Isto não é nada, vão continuando o fogo!“

A's 12 horas a *Liberal*, que a custo tambem penetrara pelos canaes, para secundar as escunas, era retirada da luta, porque se esgottara sua munição e estava fazendo muita agua. Decorridas duas horas, pelo mesmo motivo, o *Rio da Prata*, ia fundear a grande distancia. Momentos depois foi ordenado o golpe final pela abordagem. Ia travar-se um dos mais grandiosos e dos mais emocionantes dos combates, onde a alma dos lutadores attinge ao mais alto gráo de desprendimento pela vida, em holocausto á patria. Sómente os bravos, os stoicos, têm animo que se manter firmes e impavidos, como impavidos e firmes se apresentavam os nossos marinheiros, ao saltarem

nesse momento para os escaleres que foram arreados e em seguida singravam, vigorosamente, contra o inimigo, sob uma tempestade de ferro e fogo.

Entre os que vão na frente se destaca a canoa tripulada pelo primeiro Tenente Victor Santiago Subrá, secretario do Almirante. Quando se approximava do *Republica*, uma bala deste arranca a proa daquella fragil embarcação. O perigo não intimida o joven marinheiro, antes excita seu ardor de valente, que elle manifesta mandando aumentar o vigor dos remos e dentro em pouco, juntamente com os demais escaleres attingia aquelle navio inimigo, onde Subrá, com as suas proprias mãos, entre um fremito de entusiasmo, arriava a bandeira argentina e fazia subir a do Brasil, que panejando parecia saudar a bravura de nossos marujos que electrizados respondiam em vivas vibrantes á patria e ao Imperador.

O *Independencia*, varado nas aguas mortas, deu signal de rendição arreando a bandeira. Parte de sua tripulação e da do *Republica* procuraram salvação se jogando ao mar, onde muitos pereceram, conseguindo outros attingir a heroica *Sarandi*, que com grandes avarias e tendo a seu bordo o Almirante Brown, ferido em uma perna, conseguiu se escapar. A *Congresso*, aproveitando a escuridão da noite abandonou *Enseada* e foi tambem para Buenos Aires.

E' incontestavel que tinhamos superioridade em unidades de combate; mas é tambem verdade que nunca entraram em acção mais do que oito de nossas naves, figurando entre ellas simples escunas, armadas com uma duas e quatro peças; sómente a *Santa Theresza* tinha doze canhões, ou seja mais que o total das outras quatro. Ainda assim eramos em maior numero que o inimigo. Este porém, se portou com admiravel heroismo, obrigando-nos a conquistar por alto preço a victoria.

Nossa perda foi de oito mortos e vinte dous feridos e estragos materiaes nas embarcações; os vencidos, além dos dous brigues com as 42 peças com que estavam armados perderam vinte e cinco mortos, cincoenta e dous feridos e deixaram em nosso poder noventa e oito prisioneiros, entre os quaes se achavam sete officiaes.

Factores que influíram no pedido de paz em 1827 e que perduraram até 1828:

a) Combate de Monte Santiago

A derrota de Monte Santiago golpeou fundamento ou melhor — annullou o poder naval dos platinos. Estes além de alli perderem suas principaes unidades de combate, viram

augmentar a penuria de chefes, que ha muito já vinham rareando. Azopardo, o velho lobo do mar, nascido lá em Malta, acreditado heroe e admirado pela fama conquistada nas lutas da independencia, no commando da galeota *Invencible*, havia abandonado o serviço. Eram mortos Echevarria, Curry, em combates anteriores, e Henrique Drummon, agora. Entre os nossos prisioneiros figuravam Rosales e Chase. Acabavam de ser feridos: o maior de todos — Brown e o intrepido Granville, que perdera o braço esquerdo. Restava apenas Espora, que logo depois cahia em nosso poder como prisioneiro.

Referindo-se a este combate, escreveu Armitage, poucos annos depois: „Foi uma terrivel perda para Buenos Aires; a qual junta com a luta entre os Unitarios e Federalistas, decidiram o governo da Republica a entrar em estipulações de paz“ (*Historia do Brasil*, 2.^a edição, S. Paulo, 1914, pagina 133).

Antonio Deodoro de Pascoal disse em 1864: „Este desastre foi terrivel para o governo de Buenos Aires, que lutava em encarnizada contenda com a guerra civil, a qual havia dividido seus filhos em unitarios e federaes.“ (*Apuntes para la História de la Republica Oriental del Uruguay*, I, pagina 325).

Recentemente Manoel Bilbao affirmou: „A victoria de Ituzaingó não tivera mais que um effeito moral (nós bem sabemos que nem mesmo esse effeito teve), pois não conseguira acabar com as forças brasileiras. Montevideo continuava em poder destas e da mesma sorte a Colonia. O General Alvear havia demonstrado a urgencia de reforços para continuar a campanha: o governo, porém, não tinha de onde tiral-os. As provincias faziam-lhe a guerra e a opposição o assediava na propria capital. Em vez de prover, precisava de auxilios. Em tão difficil situação a esquadrilla argentina teve um desastre consideravel. Brown, ao sahir para sulcar o Atlantico, com o fim de realizar um projecto, se vio rodeado por 18 navios brasileiros, que o destruíram, pondo a pique duas de suas maiores naves. Este desastre e a inacção do exercito, deram azas á opposição para redobrar seus ataques. Foi então que Rivadavia comprehendeu que a guerra não podia continuar e que para salvar as instituições que a Constituinte havia dado, e livrar o paiz de uma dissolução, precisava fazer a paz com o Brasil.“ (*Historia de Rosas*, pag. 177, Buenos Aires, 1919).

Do exposto se vê como o feito naval que hoje recordamos e commemoramos influiu de diversos modos para que o governo das Provincias Unidas do Rio da Prata conhecesse que, se a campanha continuasse, terminaria, dentro de pouco tempo, em uma verdadeira tragedia, como então previa San Martin, astutamente, em carta datada de Bruxellas ao futuro negociador

da paz, o General Guido, nessa ocasião muito enthusiasmado pela guerra e cujas illusões aquelle seu grande amigo procurava dissipar.

Vejamos agora a influencia da

b) Política interna

Este polvo de mil tentaculos, espalhando dissídios, corrompendo e sugando vitalidades, tambem pesou no pedido de paz a que se viu forçado o governo das Provincias Unidas do Rio da Prata. Os incipientes partidos Unitario e Federal se degladiavam como soe acontecer na politica partidaria de todos os povos.

Nessas crises os chefes descontentes, estonteados pela ambição de predomínio, de mando, principiam se proclamando Messias da grandeza da patria e da felicidade do povo e se convertem, sempre, em rubros demagogos, em Marat sangrentos, em turvos caudilhos desalmados.

Rivadavia era o chefe do partido unitario, então no poder e combatiam ferozmente, por isso, os federalistas. Estes, sobrepondo seus interesses partidarios ás necessidades da patria, negavam ao presidente todos os recursos para a defesa externa.

Ouçamos o que sobre esse ponto referem os historiadores platinos:

„O estado interior da Republica peorava de momento em momento, impondo aos homens do governo determinações difficéis nos negocios exteriores. A constituição fôra aceita por algumas provincias e recusada por outras, as que preferiam o regimen federal. Divididas assim em partidarias e adversarias da presidencia unitaria, continuaram a guerra civil iniciada no anno anterior e a estenderam tornando-a mais sangrenta. Resultou disso que para satisfazer as necessidades de suas proprias contendas desattendiam completamente as da guerra internacional, compromettendo, como se viu, a posição do exercito.

„Vendo-se Rivadavia na impossibilidade de vencer simultaneamente o Brasil e os caudilhos que se lhe oppunham, pensou em fazer as pazes com o Imperador, para empregar depois o exercito na pacificação das provincias, já que não havia possibilidade de pacificar estas, para as levar a tempo ao theatro da guerra“. (Berra, *Bosquejo Histórico de la Republica O. del Uruguay*, 3.^a edição, Montevidéo, 1881, pag. 336).

O Dr. Manoel José Garcia, em sua *Exposición*, declarou que nas „instruccões verbaes que lhes foram dadas se lhe recommendava que o principal interesse era salvar a Republica

dos governos barbaros que dominavam as provincias e que ameaçava extender-se até á capital“.

Isidoro De Maria depois de longas investigações escreveu: „Era summamente critica a situação do presidente Rivadavia. Hostilizado sem consideração ás circumstancias pelos seus contrarios; combatida rudemente no Congresso por uma tremenda opposição chefiada por Dorrego e fóra do parlamento por uma combinação entre os partidarios exaltados da guerra e as provincias dissidentes, isto é, as contrarias ao régimen da unidade implantado pela constituição politica, cujos governadores negavam contingentes para preencher os claros do exercito, o governo se sentia premido acerbamente em sua marcha“. (*Compendio de Historia de la Republica del Uruguay*, Montevideo, 1902, VI, pags. 33 e 34).

Impressionado com esse quadro, Amadeo Baldrichi exclamou: „A autoridade nacional da presidencia era uma sombra, combatida pelas facções do interior, em armas, travando entre si batalhas sangrentas“. (*Historia de la Guerra del Brasil*, Buenos Aires, 1905, pagina 432).

Recentemente, ha poucos dias, Henrique Udaondo escreveu, em estudo sobre Rivadavia: „Todo o genero de difficuldades premiam desde o principio o periodo presidencial devido, no interior, a uma exaltação das paixões politicas, dos que se empenhavam em derrubar o governo unitario, e no exterior, a uma guerra que se vio o paiz obrigado a sustentar abnegadamente, em defesa da liberdade de nossos irmãos uruguayos“.

E depois de referir os esforços de Rivadavia para triumphar, accrescentou: „Apesar de tudo, a escassez de nossos recursos e a necessidade de restabelecer a paz no interior faziam indispensavel a celebração da paz“. (*Notas Biographicas*, publicação da *Comisión Nacional del Centenario de Ituzaingó*, Buenos Aires, 1927, Talleres Gráficos del Instituto Geographico Militar, pag. 75).

O coronel Pedro Lacasa, que foi testemunha dos acontecimentos em referencia e que teve depois grande actuação na vida agitada da Argentina, ao lado de Lavalle, seu chefe e amigo, deixou este depoimento: „Ao mesmo tempo, os deputados que haviam sido commissionedos para apresentar á approvação dos povos a constituição que o Congresso Constituinte acabava de sancionar regressavam com a triste nova de que Bustos, Quiroga, Ibarra e os demais caudilhos que na qualidade de governadores exerciam despotismo sobre os povos, não só não se mostravam dispostos a aceitar a carta que se lhes offercia, mas ao contrario, sem ter em conta que a Republica estava compromettida em uma guerra externa, faziam alarde da indisposição a que haviam reduzido a nação, declarando ao

mesmo tempo, que não mandariam um unico soldado para preencher os claros que a deserção e as batalhas haviam feito nas fileiras do exercito enquanto D. Bernardino Rivadavia permanecesse á frente dos negocios publicos“. (*Vida Militar y Política del General Don Juan Lavalle*, edição da Cultura Argentina, Buenos Aires, 1924, pag. 161).

Nessa situação afflictiva, estonteante, Rivadavia recorreu á pena mercenaria de Pedro Angelis, para concitar todos a se congregarem para a defesa da patria e para acirrar odios contra nós, atirando-nos injurias do jaez das contidas no artigo intitulado *Porvenir del Brasil*, onde, como observa Deodoro de Pascoal (obra cit. pag. 327), „se dizem cousas que nunca se verificaram“ e que o proprio Angelis „confessou depois que eram desprovidas de razão“.

c) *Finanças platinas*

Sobre este ponto vejamos ainda o que dizem os nossos vizinhos, pela pena de seus escriptores mais representativos:

„Quando o Sr. Dorrego substituiu ao Sr. Rivadavia, não encontrou exercito organizado, nem esquadra, nem dinheiro. Ninguém queria ser Ministro da Fazenda; a situação parecia desesperada.“ (Carta de José Maria Roxas y Patron, Ministro da Fazenda de Dorrego, a Juan Manuel Rosas em 9 de Junho de 1872, citada por Adolfo Saldias, que possui o original).

San Martin, em carta escripta ao General Tomas Guido, em 21 de Julho de 1827, disse: „A breve sahida do correio não permite que me estenda para contestar a sua de 11 de Março, em que me communica nossos triumphos de Ituzaingó e do Uruguay: essas duas victorias podem contribuir para accelerar a conclusão da paz desejada. Dir-lhe-hei, entretanto francamente que não vejo em nenhuma dessas victorias caracter de decisivas — temo muito que se o imperador conhece, como deve, o estado de nossos recursos pecuniarios, resista em fazer a paz e queira prolongar a guerra por mais um anno, pondo-nos assim em situação mui critica.“ (Citação de Ricardo Guido Lavalle, em *El General Don Tomas Guido y el Paso de los Andes*, La Plata, 1917, pag. 71).

„A Republica se achava pobre, anniquilada, sem credito, impossibilitada de reunir mais contingentes bellicos.“ (Carlos Oneto y Viana, *La Diplomacia del Brasil en el Rio de la Plata*, Montevideo, 1903, pag. 61).

Dorrego, segundo refere Pueyrredon em *La Campaña de Misiones* exclamava afflicto, logo depois de assumir o Governo: „Necessitamos que se faça a paz! Paz! Não podemos conti-

nuar a guerra! Rivadavia deixou o paiz em esqueleto, o thesouro totalmente exaustão."

O Dr. Alberto Palomeque, depois de referir essas queixas de Dorrego, accrescentou que este „agora no poder, conhecia o que não quizera conhecer da cadeira da opposição legislativa. Só então comprehendia por que Rivadavia anhelava a paz". (*El General Rivera y la Campaña de Misiones*, Buenos Aires, 1914, pag. 431).

d) Impotencia militar

A impotencia militar das Provincias Unidas do Rio da Prata, depois da memoravel jornada de 20 de Fevereiro de 1827, que foi uma verdadeira victoria de Pyrrho, como já tivemos occasião de dizer em outra oportunidade, era manifesta e influio aterradoramente no espirito da tropa, que passou a desertar em massa. Vamos, seguindo o mesmo veio de provas que vimos adoptando, recorrer aos autores platinos, para corroborar nossa affirmativa e patentear assim os motivos reaes, insophismaveis, que forçaram o Governo argentino a solicitar a paz, a todo transe.

„Depois da victoria de Ituzaingó, 2.000 orientaes, quasi a totalidade de sua força, debandaram arrebanhando quantidade consideravel de gado do Brasil. A desorganização era imminente: faltava dinheiro, armas e tropas. Não havia sufficiente infantaria e a cavallaria carecia de meios de mobilidade." (Vicente Quesada, *Historia Diplomatica Latino-Americana*, edição de La Cultura Argentina, Buenos Aires, 1919, II, pag. 108).

„A impotencia presidencial era completa para impôr a paz pelas armas ao Imperio, apesar de suas victorias terrestres e maritimas, nem tinha elementos para socegar o paiz convulsionado. Tratou-se então de negociar a paz exterior, ainda que á custa da separação e perda da Provincia Oriental." (Baldrich, obra cit. pag. 433).

O General José Maria Paz, uma das melhores cabeças militares do continente e talvez o maior dos generaes argentinos, disse ao governo do seu paiz, em officio de 30 de Julho de 1827: „Tudo quanto possa dizer o general que a este assigna, sobre o extremo a que chegou a nudez da tropa e officiaes, não será bastante para dar uma idéa do que se passa no exercito. A tropa não tem nem andrajos para se cobrir e muitos officiaes se vêem obrigados a não sahir de seus alojamentos, porque se não podem mostrar sem escandalos. A estação rigorosa do inverno, torna mais sensivel a nudez e a impossibilidade de se

socorrer ao soldado com os artigos de primeira necessidade, como sejam o fumo e a herva, põe á prova a sua constancia e se vê que apenas resiste, com a idéa de prompto soccorro... Desde que o exercito sahio de Arroio Grande em Dezembro, o unico soccorro que recebeu foi apenas um mez de soldo."

Vicente Fidel Lopez declarou que o Governo unitario entrou em negociação para a paz „sem que ninguem a pedisse e sem ter meios para a impor“. (*Manual de la História Argentina*, Buenos Aires, 1920, pag. 403).

Assim Dorrego o descrevia, alarmado, a situação a Pueyrredon: „No parque não ha uma só bala com que atirar contra a esquadra inimiga. Faço esforços inauditos para manter a fundição; mesmo assim não ha uma arma, nem um grão de polvora, nem com que comprar“. (*La Campaña de Misiones* cit.)

Foi agoniado e impellido por essa penuria que Rivadavia enviou o Dr. Manoel José Garcia á esta Capital, para conseguir a paz, a todo transe, por qualquer preço, visto que ella era o remedio heroico, pois o Governo se achava neste dilemma terrivel: a paz ou a dissolução.

Era o proprio Presidente da Republica, eram os seus ministros que isso reconheciam e faziam sentir, apprehensivos, ao Dr. Garcia, por occasião de seu embarque, impressionando-o fundamente com a declaração de que o Governo via o paiz ameaçado de uma dissolução se não se fizesse em seguida a paz e accrescentaram: „A paz é o unico ponto de partida para tudo — se a guerra continua, a anarchia é inevitavel — se não se puder obter a paz, será preciso resignarmo-nos ao imperio dos bandoleiros“. O Ministro Julian Agüero, addicionou: „Tire-nos a todo transe deste pantano. A todo transe, Sr. Julian? Interrogou Garcia, intencionalmente. O ministro respondeu: „De outro modo cahiremos da demagogia, na barbaria; a salvação do paiz está em primeiro lugar“.

Foi sob essa atmospheria e com o espirito torturado por tão grave situação que Garcia partio e firmou, em 24 de Maio de 1827, a convenção preliminar de paz que Rivadavia foi obrigado a não ratificar.

Recusa da convenção Garcia

O motivo por que Rivadavia não ratificou a convenção Garcia não foi o allegado, isto é, porque a referida convenção destruisse a honra nacional e atacasse a independencia da Republica, como declarou na mensagem dirigida ao Congresso Argentino. Isso foi um simples pretexto para calar a turba-

multa inconsciente e assanhada pelos interessados na continuação da guerra.

Esses interessados eram os ambiciosos desalmados, os indivíduos sem patriotismo, os homens das negociatas, os phariseus fracos e covardes, que só tem como Deus o dinheiro e só pensam em comprar um bem estar material passageiro, embora isso custe a execração eterna de seus nomes — verdadeiros rebotalhos da humanidade, que aqui e alli proliferam, nessas épocas desgraçadas. Eram esses os que conspiravam para a continuação da guerra, assalariando a arraia miuda e excitando o patriotismo sempre exaltavel das massas populares, que como éco inconsciente, mas impressionante e perigoso, maldizia em assuadas o tratado de paz e pedia continuação da guerra.

José Maria Roxas, assim descreveu essa situação 33 annos depois, em carta dirigida ao tyranno Rosas, no exílio: — „Estávamos encerrados por um bloqueio vigoroso, carecendo de tudo. Haviam-se criado grandes interesses para a continuação da guerra. Os commerciantes estavam entregues á agiotagem dos artigos em geral, principalmente dos de consumo necessario, elevando-os a preços fabulosos. A arroba de sal, por exemplo, chegou a valer como mil pesos da moeda de hoje corrente. Jamais se vio nesta praça uma actividade maior, ainda que phantasmagorica. A paz devia concluir com ella e com seus autores ou donos, que por isso queriam a guerra a todo o transe. A paz, entretanto, era a nossa primeira necessidade“.

Vicente Fidel Lopes, filho do estadista que substituiu Rivadavia, escreveu: — „E' indubitavel que levado a cabo o tratado, teria ficado favorecido o governo presidencial, mas não leria havido damno para os interesses fundamentaes da Republica. Os homens do governo, porém, não se atreveram a enfrentar a buliciosa indignação de que se mostrou possuida a opinião publica ou melhor dito a grita da populaça, que dizia representar essa opinião. E como os oppositores sabiam bem o perigo que corria seu partido se o tratado passasse, contribuiam para apresental-o com as mais odiosas cores nas ruas e na imprensa. (Obra cit. pag. 404).

Isidoro De Maria, affirma com toda sua autoridade: — „A recusa do tratado implicava na continuação da guerra, com todos os seus inconvenientes e consequencias; e sendo isso o que desejavam os que clamavam por ella, logico era que se dessem por satisfeitos; mas outros eram seus interesses, como demonstraram os successos subseqüentes — lançar por terra o Governo Nacional e assenhorear-se da situação, por mais que a guerra civil ardesse até o ultimo extremo“. (Obra cit. pag. 38).

Armitage assim se expressou com relação á recusa do tratado de paz em apreço: „Os capitaes que não podiam ser empregados no commercio, eram applicados no armamento dos corsarios, e as vantagens conseguidas por estes haviam compensado a suspensão do commercio regular; assim por muitos possuidores desta especie de propriedade, a paz era considerada como precursora ruina.

Fortunas immensas foram ganhas por individuos que até então não pertenciam ao commercio“. (Obra cit. pags. 133 e 134).

Conspiravam, como se vê, á sombra do sagrado nome da patria, duas entidades que não tinham coração para sentil-o: um partido politico prestigiado por caudilhos com estreitos horizontes civicos e a ambição insaciavel dos gananciosos de todos os matizes, de todas as laias — explorando ambas a veia arruaceira da população, sempre apta para vibrar.

Eis como e por que foi recusada pelo governo das Provincias Unidas do Rio da Prata, a convenção preliminar de paz entre as mesmas provincias e o Brasil firmada no Rio de Janeiro, em 24 de Maio de 1827. No exposto tambem se encontra a explicação do gesto de Rivadavia renunciando o poder e declarando que lhe era mui sensivel ser obrigado a não patentear ao mundo os motivos irresistiveis que justificavam sua decidida resolução, mas que o tranquillizava a segurança de que taes motivos eram bem conhecidos da representação nacional; que talvez não se fizesse justiça á sinceridade e nobreza de seus sentimentos, mas esperava que a posteridade lhe seria justa, pela voz da historia; e, desgostoso, se exilou procurando refugio mais de uma vez em nossa patria, a quem elle fizera guerra e com quem não quizera paz, quando no poder, e foi bem acolhido nesta generosa terra, cujos braços e cuja alma, estão sempre abertos para o carinho e para o perdão.

A verdade sobre a independencia da Republica Oriental do Uruguay

Pareceu-nos opportuno chamarmos aqui a attenção de nossos compatricios em geral e particularmente dos estudiosos de nosso passado, para a actuação do Brasil em pról da independencia da Republica do Uruguay, quando se dicutia o tratado de paz, firmado em Agosto de 1828.

O pouco gosto da maioria dos nossos historiadores pelo estudo nas fontes primitivas, os tem desviado dos archivos, onde

jazem em ricos filões inexplorados, preciosos elementos da nossa historia, e os tem conduzido ás estantes das livrarias, onde em lettra de fôrma se encontram coordenados, deslizes, inverdades, injustiças, accusações impressionantes contra nossa patria, por pennas estrangeiras. E, com esses elementos, se tem procurado escrever sobre o nosso passado. E' tempo de rompermos com essa aviltante tutela espiritual.

Impellidos por um sentimentalismo superficial e piegas, preferimos commentar augmentando sempre as proporções de um acto de nosso passado, passivel de censura, a proclamarmos os nossos feitos edificantes e gloriosos, para não ferir melindres que imaginamos se irritarão com as nossos homenagens aos que tiveram a coragem de defender e elevar o Brasil.

Não nos tem faltado, mercê de Deus, o sentimento grandioso do amor da patria, mas é forçoso confessar que esse sentimento parece embotado e que por isso, só depois de sermos fundamentalmente golpeados, é que elle se manifesta.

Não precisamos nem queremos um patriotismo doentio, irritavel, prestes sempre a explodir, mas nos é necessario, como elemento vital, como força garantidora de nossa grandeza, como elemento catalyptico, um patriotismo cheio de vigor, sadio, honesto, elevado, decoroso — que seja como uma cota de malha, contra os ataques dos que pretendem nos ferir e como um codigo de bom tom, para conduzir-nos em nossas relações internas e externas.

Quem altos e nobres sentimentos cultiva e admira, nunca offende os grandes sentimentos dos demais.

Em Agosto do anno entrante, commemoraremos, todos, o primeiro centenario da Independencia da Republica do Uruguay. Não obstante o papel primordial do Brasil para a constituição desse paiz amigo, figuramos ainda como os oppressores, como os inimigos da liberdade.

Recentemente, ao se commemorar, na Republica Argentina o primeiro centenario da batalha do Passo do Rosario, se affirmou alli, em manifesto publico, que essa batalha fôra travada por aquella Republica „contra o inimigo commum de toda a America Republicana: o imperialismo brasileiro sustentado por fortes contingentes austriacos“, que a Argentina se batia pela liberdade de um povo irmão e por isso „o primeiro centenario daquelle batalha é tambem o centenario da vida independente da nação, uruguaya“.

Firmam esse manifesto diversas individualidades de destaque no mundo das lettras e da politica do paiz visinho e que

se dizem amigas do Brasil. Nenhum motivo temos para acreditar que não o sejam, enquanto nos sobram razões para crer que não têm o mesmo culto pela verdade.

Sabemos todos nós e sabem todos elles, que a Argentina se batia então para fazer aquillo que nós havíamos feito — a incorporação do Uruguay. E só por isso. A independencia desse paiz jámais entrára em suas cogitações ou melhor — foi cousa por que nunca pensára derramar seu sangue.

Quando foi para tratar da paz em 1827, o Presidente da Argentina e seus Ministros, depois de relembra-rem ao Dr. Garcia, no acto de seu embarque para esta Capital, „que a paz era o unico ponto de partida para tudo“, accrescentaram: „Depois que a Republica conveio que a Banda Oriental se separe e forme um Estado independente, a guerra não tem objectivo“.

Da independencia do Uruguay a Argentina fazia taboa rasa, em sua marcha precipitada para a paz.

Foi, sem duvida, com vistas á esse procedimento que Carlos Pereyra escreveu estes conceitos candentes: „Um brilhante nucleo de forças argentinas e orientaes, obteve a victoria de Ituzaingó batalha que foi chamada das inspirações, porque os chefes que ganharam-na tiveram que se entregar ás suas proprias iniciativas, supprimindo com o arrojo o que acaso faltou nas disposições de Alvear.

„A batalha de Ituzaingó fôra travada em 20 de Fevereiro de 1827. Tudo, porém, esterilisa a diplomacia de Buenos Aires, diplomacia incerta, que se apoia em uma política interior sem fé, nem grandeza; que quer dominar sobre os orientaes e se não logra este objecto, lhe é indifferente que o Uruguay seja Provincia Cisplatina do Brasil“. (*Historia de la America Española*, Madrid, IV, pags. 283 e 284).

Se o dominio sobre o Estado Oriental do Uruguay, dava á quem o tivesse, á quem o pretendesse ou á quem se empenhasse por assegurar-o, o titulo de „inimigo commum de toda a America Republicana“, esse titulo pertence tambem á nossa rival de então e grande amiga de hoje. A Cesar o que é de Cesar; a Deus o que é de Deus.

O Ministro argentino que referendou a carta de plenos poderes a Guido e Balcarce, para negociarem a paz, e depois juntamente com o Presidente da Republica ratificou o tratado de 27 de Agosto de 1828, deixou este depoimento: „Dorrego não queria a independencia da Banda Oriental, porque, segundo dizia, esse Estado não podia constituir senão uma linda estancia“. (Carta citada por Saldias em *La evolución Republicana durante la Revolución Argentina*, Buenos Aires, 1906, pags. 453 e 454).

Manoel Bilbao, maldizendo a convenção de paz, porque importava na renúncia do „alto pensamento politico suggerido por Bolivar — impedir a todo custo a formação de um imperio no Brasil“, assim se exprimio, justificando Dorrego: „O tratado era obra da situação creada pelos nossos erros politicos, obra da debilidade do paiz, causada pela anarchia, obra do estravio a que conduzem as paixões politicas e que por um interesse pessoal sacrificam, sem dó, os mais sagrados destinos da patria“. (*Historia de Rosas*, tomo unico, Buenos Aires, 1919, pag. 195).

Nas instrucções dadas ao General Carlos de Alvear, quando em Fevereiro de 1924 foi despachado em missão diplomatica junto aos Governos da Inglaterra e dos Estados Unidos, se lê o seguinte, com relação ao que nessas instrucções se chama a *Questão Oriental*: „Recommenda-se ao Sr. Plenipotenciario que nas opporrtunidades que destramente possa obter, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos sendo a disposição para que tanto o Governo inglez como o de Washington empreguem sua influencia no sentido de que o Governo do Brasil se contenha nos limites de suas possessões e povoações, deixando consequentemente livre a Provincia de Montevideo. Convem que o Sr. Plenipotenciario aproveite todas as occasiões e empregue todos os meios para convencer da importancia de que todos os Estados Americanos se contenham em seus limites, respeitando seus vizinhos e que sobre tudo se fixe e se consagre o principio de que nem a Inglaterra nem nenhum dos Estados Americanos tolerem que algum delles occupe pela força parte alguma dos territorios povoados pelos Estados circumvizinhos. Este é o encargo mais delicado que se confia á habilidade do Sr. Plenipotenciario, porque é preciso evitar que appareça de algum modo postulante, mas fará sempre entender que as Provincias do Rio da Prata estão irrevogavelmente resolvidas a recuperar a Provincia de Montevideo, independente da intervenção dos poderes mencionados ou de qualquer outro e que se preparam para realizal-o de um modo consultando todos os seus interesses contenha o Brasil dentro de seus proprios limites.“

Quando o Governo argentino resolveu novamente negociar a paz em 1828 por intervenção do Lord Ponsomby, o fez vizando ainda a incorporação definitiva do Uruguay aos seus dominios.

Nesse sentido deu instrucções aos Generaes Tomas Guido e Juan Ramon Balcarce, seus delegados junto ao Governo brasileiro. Estabelecia nessas instrucções:

1.º — Retirada por parte da Republica, do territorio brasileiro e por parte do Imperio, da Provincia Oriental, de todas as suas forças, suas autoridades politicas, civis e militares e bem assim das aguas do Rio da Prata de todas as forças navaes do Imperio, fixando-se relativamente aos corsarios um periodo dentro do qual regressem ao seu ponto.

2.º — Logo que as forças e autoridades dos belligerantes se retirem, as do Imperio ao territorio brasileiro e as da Republica para este lado do Rio da Prata ou do Uruguay, a Provincia Oriental ou se considerará em plena liberdade para se unir seja á Republica, seja ao Imperio, ou se convencionará que no periodo que se fixe para o armisticio, se constitua e se organize; o que será summamente interessante para uma e outra parte belligerante, para fazer o ensaio de si, a Provincia Oriental é capaz de se constituir em Estado livre e independente e se tem a illustração, povoação e recursos sufficientes para organizar a constituição e por ella se reger.

3.º — Se no primeiro caso ao se concluir o periodo do armisticio a Provincia Oriental não houver feito uso do direito que lhe fôr estipulado, de se unir a qualquer das partes belligerantes, então se abrirá uma negociação entre os governos da Republica e do Brasil e nessa negociação se admittirá a Banda Oriental, como parte na questão, para fixar definitivamente seus futuros destinos. No segundo caso, se na conclusão do periodo prefixado ou antes se conhecer de modo claro sua incapacidade para se constituir e governar-se independentemente, se envolvendo na guerra civil e na anarchia, ao ponto de ser prejudicial aos Estados limitrophes, então cessará de ser independente e dever-se-ha pronunciar a qual dos dous Estados quer pertencer."

A condição de liberdade de escolha de tutor, era simplesmente uma farça ou, melhor dito, um disfarce da intenção argentina de fazer a incorporação definitiva da Banda Oriental, visto que suas forças permaneceriam nesse territorio — sómente as brasileiras d'ahi deviam se retirar, como se vê do paragrapho 1.º acima transcripto.

O governo brasileiro, por intermedio de seus plenipotenciarios — Marquez de Aracaty, José Clemente Pereira e General Joaquim de Oliveira Alvares — se oppoz altivamente a essa vexante situação de meia independencia da futura Republica do Uruguay e declarou ser questão *sine qua non* da paz as bases que propuzera e que haviam sido transmittidas ao governo argentino por intermedio do ministro de S. M. B. em Buenos Aires.

O artigo 2.^o dessas bases estava assim redigido: „S. M. I. querendo por uma parte manifestar quanto deseja que não subsista motivo algum para desavenças que alterem a tranquillidade dos subditos e perturbem a boa harmonia que deseja conservar com as demais potencias, promette do modo mais solenne crear, erigir e constituir completamente a Provincia Cisplatina em Estado livre, separado e independente. A categoria deste novo Estado será determinada em o tratado que se ha de ajustar na fôrma do artigo 1.^o“.

O governo argentino, entretanto, na illusão de uma victoria sobre as forças brasileiras e suppondo terem produzido grande abalo suas machinações sobre a revolta das forças estrangeiras ao serviço do Brasil, dirigio em 26 de Julho de 1828, a seguinte nota secreta aos seus delegados: — „Não obstante as instrucções que foram dadas aos Srs. plenipotenciarios darem sufficiente campo para obrarem segundo as circumstancias nessa Côrte, o governo crê que as ultimas occurrencias ahi desenroladas em consequencia do tumulto das tropas estrangeiras, os avanços da expedição do Norte que favorece o avanço sobre Rio Pardo e que ameaçará em breve Porto Alegre e a precisa circumstancia de que augmentada nossas forças navaes ás ordens do almirante Brown, que dentro de poucos dias se ha de dar á vela para se reunir com os navios que devem ter sahido dos Estados Unidos em fins de Maio, sob o commando do Sr. Tenente-Coronel Fournier, o põem na necessidade de *separar-se de toda a idéa, cuja tendencia seja a absoluta independencia da Provincia Oriental e formação de um novo Estado.* (O grypho é nosso). A opinião mais pronunciada no presente a este respeito, tanto nesta cidade como na referida Provincia e mesmo dentro de Montevidéo, fortifica a esperanza de que neste ponto se conta com o voto universal dos homens de pensamento da Republica. Os Srs. Ministros conhecerão facilmente por estes antecedentes quantas reflexões se apresentam em apoio de tão justa como decorosa pretensão e o proprio imperador, por pouco que medite, não deve desejar que fiquem aquelles povos no meio de furor anarchico e sujeitos a motivarem os males que constantemente protestou o gabinete luso-brasileiro como obrigando-o a invasão para precaver do contagio da desordem suas possessões limitrophes. Por isso pois, o governo resolveu que, entrelaçando-se as demais prevenções com os artigos que ora remette, como addicionaes, *os srs. ministros não devem consentir em entrar a estipular nenhuma especie de tratado que tenha por objecto a*

absoluta independencia da Provincia Oriental, erigida em novo Estado". (O grypho é nosso).

No sentido dessas instrucções os delegados argentinos redigiram e apresentaram alguns artigos que foram recusados de modo terminante pelos plenipotenciarios brasileiros.

Em vista dessa formal recusa, dirigiram-se os delegados argentinos ao seu governo, em nota reservada de 18 de Agosto, defendendo o ponto de vista do Brasil, isto é: a constituição da Provincia Oriental em Estado livre e independente. Disse-ram em a referida nota os Generaes Guido e Balcarce: „Os plenipotenciarios fizeram seus primeiros ensaios, como era justo de esperar, isto é: seguiram restrictamente a linha de conducta que se lhes marcou em as instrucções. *Verificaram, porém, que a independencia temporaria da Provincia de Montevideo estava reprovada nos conselhos do gabinete do Brasil que sobre esta base seria mui difficil, para não dizer impossivel negociar com proveito. Desde que isso verificaram deviam tentar a negociação por outros meios differentes dos que estabeleciam as instrucções e esses meios não podiam ser outros senão a independencia absoluta.*“ (O grypho é nosso).

Eis o que consta da correspondencia secreta da diplomacia argentina, correspondencia essa mal divulgada entre nós e sufficientemente conhecida no Prata. Alli, entretanto, a despeito disso existem escriptores como F. A. Barroe Taveña, que fazem affirmativas como esta: „Ao regressar á Argentina (o General Guido, que se achava no Perú) o governo lhe confia a ardua negociação da paz com o Brasil, em guerra difficil e quando o Imperio queria conservar a todo custo a Provincia Cisplatina, para manter-nos em cheque, rio de permeio, com a secular aversão das rivalidades hispano-portuguezas, augmentadas pela guerra e pela incompatibilidade de uma republica em frente a uma monarchia. A influencia da Grã-Bretanha, porém, nossa victoria de Ituzaingó, melhorada a anarchia e além disso a destreza e a cultura do diplomata argentino, que com Balcarce havia captado as sympathias da Côrte de S. Christovão, obtiveram pleno exito, celebrando a paz e a independencia Uruguaya, garantida pela potencia mediadora“. (Prefacio ao livro de Ricardo Guido Lavalle — *El General Don Tomas Guido y el Passo de los Andes*, La Plata, 1917, pag. XXIII e XXIV.

Duas inverdades ahi resaltam e ferem logo a imaginação de quem tem perlustrado estes assumptos:

a) — Balcarce e Guido não obtiveram a independencia do Uruguay — foram compellidos a acceital-a, pela attitude

ponderada, correcta, intransigente e energica do governo brasileiro, de fazer a paz sob os principios em que a propuzera e entre esses principios, como já ficou demonstrado, figurava a independencia absoluta da Cisplatina.

b) — O governo britannico figurou simplesmente como intermediario da convenção de paz e não como garantidor desse acto e muito menos impondo-o, como se tem dito, sem fundamento.

Depois de escripta a nota reservada de 18 de Agosto dos plenipotenciarios argentinos ao seu governo, desenganando-o positivamente da possibilidade de se fazer a paz sem a independencia absoluta do Uruguay, porque assim e sómente assim, queria o Brasil, se dirigiram officialmente ao lord Ponsomby, na qualidade de Ministro mediador em nome de S. M. B., dizendo-lhe: „No ponto em que chegou a negociação de paz promovida pelos governos belligerantes e da qual os Ministros que subscrevem foram encarregados pelo da Republica, foi-lhes facil conhecer os desejos pacificos de S. M. o Imperador do Brasil, como confirmar por uma politica franca e conspicua, que a Republica nada pretende que se não estribe em uma perfeita reciprocidade e nos interesses bem entendidos dos Estados contendores, e que persuadidos da possibilidade de chegar a uma convenção de paz, inquirem se o mesmo Ministro tem autorização para garantir em sua capacidade official, qualquer convenio ou tratado definitivo de paz entre a Republica e o Imperio“.

Ouçamos, agora, a palavra nobre e autorizada do illustre diplomata inglez: Disse elle „que não se achava autorizado por seu governo para contrahir compromisso algum para garantir qualquer convenio preliminar ou tratado definitivo de paz, como já havia manifestado ao General Balcarce, quando esteve acreditado junto ao governo de Buenos Aires“. (Archivo da Familia do General Guido, revelação de Vicente Quesada, obra cit. pags. 137 e 138).

Cinco dias depois, isto é, na sessão de 23 de Agosto, os Ministros argentinos, a titulo de reciprocidade propuzeram que uma força da Republica permanecesse nas Missões Orientaes, até á desoccupação definitiva de Montevideo pelos imperiaes. Os plenipotenciarios brasileiros se oppuzeram a isso, na sessão de 25, allegando que nenhuma reciprocidade havia no caso, visto que as Missões Orientaes estavam localizadas em territorio brasileiro, enquanto que Montevideo era neutro. Depois de

varias considerações declaram que „S. M. estava irrevogavelmente resolvida em não consentir que depois de realizada a convenção preliminar de paz, ficassem tropas da Republica dentro do territorio do Imperio; e que estando com isso de inteiro accôrdo os Ministros negociadores, por parte de S. M., a conducta dos mesmos Ministros seria objecto de geral reprovação e de uma censura bem merecida, se se prestassem á occupação das Missões pelo tempo que sollicitava a delegação argentina e por consequente sobre essa base nada mais se podia adiantar, antes, ao contrario, o insistir na occupação das Missões, importava em inutilizar tudo quanto se havia feito“.

Os delegados argentinos declaram então que visto não se chegar a um accôrdo sobre o proposto e não lhes offerecendo outra garantia, se viam obrigados a consultar seu Governo.

Os ministros brasileiros responderam „que não aceitavam a permanencia das tropas argentinas dentro dos povos das Missões ou em qualquer ponto do territorio brasileiro, porque consideravam isso offensivo á sua dignidade e decoro e portanto se a delegação não abandonava o artigo proposto sobre as Missões Orientaes, de nada valia tudo quanto se havia feito, e que as negociações ficavam rotas, visto que a demora que produziria uma consulta, no ponto em que havia chegado o negocio, causaria consequências funestas, que julgavam era do interesse de ambos os paizes prevenir“. Alvitram então que o Governo argentino poderia augmentar suas forças em Montevidéo. Os delegados platinos julgaram este alvitre objecto de estudo e se reservaram para dar parecer no dia seguinte e ainda a 25, se dirigiam ao ministro britannico, pedindo sua opinião categorica, sempre de tanto peso na balança de suas resoluções, segundo declararam.

A resposta de Ponsomby foi ponderada, austera, edificante e summamente honrosa para o Brasil. Disse o eminente diplomata, depois de longas considerações, que todos, inclusive o General Balcarce, estavam persuadidos que S. M. I. cumpriria com fidelidade o compromisso que se estipulasse na convenção preliminar; que fôra tendo como base a confiança, que a negociação se havia conduzido tão sábia e fielmente até á conclusão, exceptuando um unico ponto, isto é: se os plenipotenciarios argentinos consintiriam na evacuação das Missões sob as condições contidas no *Memorandum* ou a recusavam.

Havendo ainda o General Balcarce lembrado que era possível apparecessem individuos que duvidassem da boa fé de

uma das partes contratantes e acabassem por sublevar a opinião publica contra a convenção, e que a prompta evacuação de Montevideo, pelas forças imperiaes evitaria taes duvidas, o ministro inglez respondeu: „S. Ex. o Sr. General Balcarce está inteiramente convencido da estricta boa fé com que o Governo Imperial entrou nesta negociação e com a que está resolvido a cumprir as condições a que preste seu consentimento. Esta confiança na sinceridade de todas as partes compromettidas a tratar, produziu evidentemente o principio sob o qual S. Ex. deu — e mui justa e sinceramente — seu consentimento a varios dos artigos já accordados pelos plenipotenciarios e me parece que S. Ex. não pôde fazer do artigo particular em questão um objecto de maior duvida que dos outros artigos, que, como já disse, já S. Ex. aceitou, para que a conducta da legação seja consequente, visto que se se age em algumas cousas sob principio de confiança, deve se agir assim em tudo, a não ser que exista uma razão especial para que a prudencia considere como necessario assegurar aquella confiança por uma estipulação particular.

Agora que já se admittio que o General Balcarce não tem duvida alguma á cerca da boa fé do Governo Imperial, não é necessario que dê grande importancia ás duvidas que outros possam ter ao contrario será mais natural, os desattender inteiramente, ainda que S. Ex. conheça que ellas existem no animo daquelles individuos. Ninguém pôde achar pretexto para recusar obediencias ás ordens do governo legal, para levar a effeito o que se estipular a cerca da evacuação das Missões, excepto o debilissimo pretexto de que se duvide da sinceridade do governo de S. M. I.; mas um governo energico como o de Buenos Aires, permittirá que as opiniões de qualquer individuo, prevaleçam sobre as opiniões dos plenipotenciarios e do governo, e rompa uma paz proxima a se estabelecer e tão benefica e honrosa para a Republica, porque taes individuos tenham algumas duvidas? Ou não se julga o governo obrigado por sua propria honra e character e pela conservação e sua autoridade, a exercitar seu poder e suffocar pela força, toda a opposição aos actos legaes do legitimo P. E. da nação? Poderia ainda um governo debil, ao ponto de se submeter, forçado por poucos homens que estão obrigados a obedecer-lhe, ter forças para continuar uma guerra que sécca as fontes de prosperidade do paiz, que tende a desmoralização do povo e que mina as mais uteis instituições, só porque aquelles homens duvidam da existencia da sinceridade e boa fé de que o proprio

governo está convencido e sob a qual os seus illustrados e patriotas plenipotenciarios, julgaram necessario agir?

Não posso crer que governo algum, e principalmente o governo de Buenos Aires se tenha fixado tão pouco em seus direitos legaes e trepide em prescrever obediencia á sua autoridade e em applicar severo castigo, em desafronta das leis da Republica offendida, sobre os que forem cúmplices de tão damnosa insubrdinação.

E' necessario recordar a VV. EExs., frequentemente, que o governo do Brasil já deu uma prova incontrovertivel da sinceridade de suas intenções de cumprir todas as estipulações da presente convenção preliminar de paz, convindo em levantar o bloqueio no momento em que as ratificações sejam trocadas, e que, isso, é uma alta prova de sinceridade e de boa fé." (Archivo da Familia Guido, cit.).

Foi assim, senhores, foi assim, que a Banda Oriental ou Provincia Cisplatina entron, com o nome de Republica Oriental do Uruguay, no concerto das nações livres e independentes, onde hoje occupa, graças ao patriotismo e cultura de seus dirigentes, um posto de destaque. E bem provado fica que a independencia desse paiz, não foi conseguida pelos esforços espontaneos da Argentina e muito menos, como quer o verboso e inspirado poeta Juan Zorrilla de San Martin, pelo prestigio do sonho de Artigas — ainda recluso e esquecido já no Paraguay — e sim por uma força viva, real, poderosa, feita de diversas forças — a vontade do Brasil, argamassada com a sua energia, com a sua dedicação, com a sua boa fé, com a sua fidelidade pela palavra empenhada e norteadada pela intelligencia esclarecida de seus mandatarios e garantida pelo heroismo, nunca desmentido, de suas forças de terra e mar.

Os canhões de Garibaldi

O seu abandono na barra do Santa Izabel — O seu transporte para a villa de Camaquam — Greenfel e o grande „condottiere“ italiano

(Eduardo Duarte)

Aquelle que visita o Museu do Estado, instituto ora em remodelação, depara, logo á entrada, com tres canhões de ferro, calibre 153, pezando cada um approximadamente mil kilos, que ali estão a lembrar remotos dias, tempos de provação por que passou a nossa terra nas sangrentas pelepas em que se empenhou.

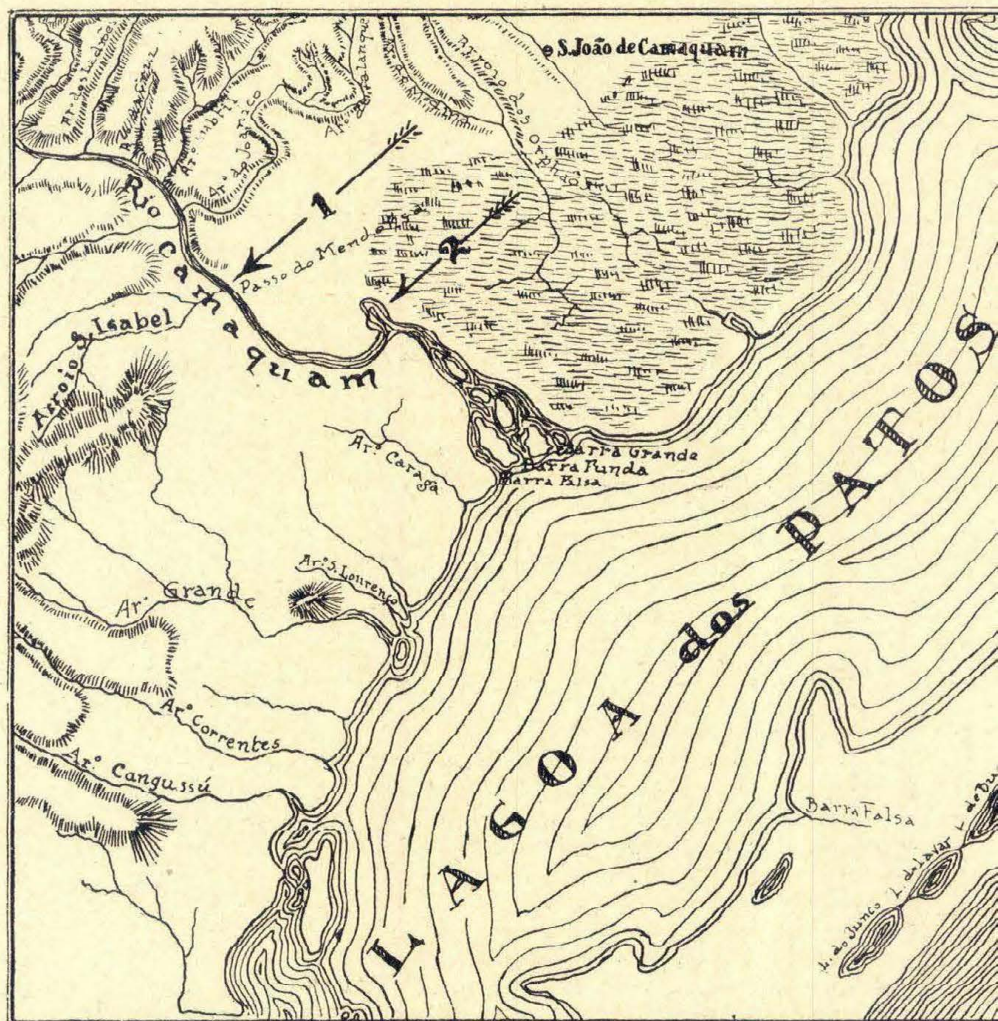
São monumentos historicos que recordam o memoravel decennio de 1835—45, a *guerra dos farrapos*, como se tornou conhecida essa encarnçada luta, atravez dos tempos e das gerações que se succederam.

O seu transporte foi, como é facil de prever, rodeado de grandes difficuldades, até o ponto em que foram alojados, agora definitivamente, e onde serão admirados como reliquias de um passado que já vai longe, recordando feitos que ennobreceem a raça e enchem de orgulho inteiras gerações.

Ao ver essas pesadas peças, a nossa curiosidade historica se aguçou. Canhões de Garibaldi, provindos do municipio de Camaquam, foi a nota de entrada no Museu do Estado!

Uma indicação apenas; um ponto obscuro da nossa historia que cumpria esclarecer.

Atiramo-nos á pesquisa, difficil, por sem duvida, porque, apezar de se nos apresentar ás portas o centenario de 35, tudo quanto se refere ao memoravel periodo, encontramos sempre ensombrado com o manto da duvida e da incerteza. Tudo ainda por fazer... Sinão, que nos diga quem mais sabe: que temos até hoje, escripto sobre a revolução de 1835?



A setta n. 1 indica a antiga barra do arroio Santa Izabel, local onde foram abandonados os canhões; a de n. 2 mostra o lugar em que os lanchões foram apreendidos.

Alguns livros de pura propaganda republicana, nada mais. Endeosar Bento Gonçalves, malsinar a memoria de Bento Manoel, é o que vemos por ahí a fóra...

Poucos são aquelles que, como Souza Docca e Alfredo Ferreira Rodrigues, têm sabido dizer as cousas taes quaes ellas são, escudando a verdade que dizem numa documentação que exclue qualquer sophisma, fructo de paciente e torturante pesquisa em archivos publicos e particulares, para que então, á luz meridiana appareça, sem a mais leve mancha, a verdade que deve ser dita com a imparcialidade do historiador consciante.

Não é, portanto, de admirar que a identificação dos citados canhões apresentasse grandes difficuldades, tanto mais que o facto não era de tanta transcendencia. Pesquisamos, e o nosso primeiro cuidado foi de conhecer o logar em que tinham sido abandonados. Dizia-se no Camaquam, sem mais detalhes. Encontramos, no emtanto, uma noticia transcripta na „A Federação“, numero de dezembro de 1896, em que se faz luz completa nesse assumpto; foi o ponto de partida para a pesquisa, da qual tiramos a primeira conclusão; os canhões foram abandonados na antiga barra do Santa Izabel.

Eis a noticia:

„Tendo retirado do abandono em que ha mais de cincoenta annos se achavam na antiga barra do arroio Santa Izabel, affluente do rio Camaquam, tres peças de artilharia ali atiradas pelo legendario José Garibaldi, (!), quando inopinadamente atacado por forças leaes, na revolução de 1835, offereço á redacção do „Intransigente“, uma ligeira descripção desse trabalho, a qual, si achardes digna de occupar um logar nas columnas de vosso conceituado jornal, muito me penhorará.

Iniciei meu trabalho pelo desentulho do local em que se achavam as peças, pois as aguas do Santa Izabel abriram nova barra por onde escoam-se no Camaquam.

As tres peças estavam enterradas, uma em posição vertical e até os munhões e as outras obliquamente em relação aos planos passando pelas culatras, que se achavam visiveis á superficie do solo.

Desenterradas, depois de inauditos esforços, attendendo ao seu alto calibre, 153, e densidade do metal, ferro, chegando cada uma a pezar 65 arrobas, mais ou menos, colloquei-as sobre solidos reparos de 4 rodas, mandados construir a proposito, afim de obter um meio de locomoção e facil tracção, em seguida, atravez uma picada de mais de 5 quadras aberta nos invios mattos do Camaquam, foram ellas transportadas á margem desse rio, successivamente tiradas por cinco cavallos.

Uma vez collocadas sobre as ribanceiras daquelle caudaloso rio, que nesse logar mede 6 braças de altura, a rondas de 4 laços duplos foram ellas descidas sobre rampas para esse fim preparadas e recebidas, uma de cada vez, em duas canoas sobre baldrames, no intuito de melhor supportar aquellas enormes massas de ferro. Dahi, por aguas do Camaquam, foram conduzidas ao passo da Pacheca, que demora a quasi legua do ponto de embarque. Collocadas novamente entre o reparo, uma de cada vez, foram levadas até ao campo, onde receberam-n'as 3 carretas, que as transportaram á villa de S. João de Camaquam. Gastei nesse trabalho, quasi um mez, tendo, além de bois, carretas e cavallo inutilizados, avultadas despezas.

Finaliso esta descripção, com outra importantissima descoberta historica. Na occasião em que, na villa acima referida, retiravam-se as peças das carretas que as transportavam, na presença da população, que enthusiasmada, admirava aquella reliquia historica, cahiu de dentro de uma das peças uma colher, que tambem representa inapreciavel valor.

Esta colher já esteve exposta em Porto Alegre, em uma das vitrinas da casa „Ao Preço Fixo“, sendo muito apreciada pelo publico e colonia italiana, daquella capital.

Essas peças, que hoje são de minha propriedade, propuz a venda de duas ao governo brasileiro, conservando em meu poder uma, para fins que julgar conveniente.

Esperando merecer vossa attenção, subscrevo-me vosso am. erd.º obr.º José Divino Vieira Rodrigues“.

Dito isto, verifica-se que as ditas peças foram abandonadas na antiga barra do Santa Izabel, affluente do Camaquam; dizemos antiga barra porque, como phenomeno conhecido, não é facto virgem que, como resultado de um transbordamento ou quaesquer outras causas, um rio ou arroio venha a mudar de barra; foi o que succedeu com o Santa Izabel e por isso, os canhões que haviam sido atirados á agua, momento houve em que reapareceram em simples banhados que, ainda hoje, assignalam aquelle local.

E dahi foram com muita difficuldade, como se vê da noticia acima, e muito patriotismo, dizemos nós, retirados e conduzidos pelo sr. Divino á villa de Camaquam, donde foram, nos dias que correm, encaminhados para o Museu do Estado.

Vejamos agora, quando se deu o facto do abandono das peças e dos canhões.

Rebuscando velhos papeis, notas e livros que fazem parte do opulento archivo historico rio-grandense, a tão procurada



Artilharia dos lanchões de Garibaldi abandonada na antiga barra do Santa Izabel, affluente do Camaquam, e agora recolhida ao Museu Julio de Castilhos

luz sobre o assumpto foi, pouco a pouco, se fazendo. Sabiamos do cruzeiro estabelecido nos annos de 1838—39 em aguas dos rios circumvizinhos á capital e, principalmente da Lagôa dos Patos, pelos navios que compunham a esquadilha revolucionaria ao mando do grande „condottiere“ italiano José Garibaldi, que o exilio da patria atirara á aventura em terras sul-americanas.

Precisamos os factos; concertamos as datas, e logo, sob os nossos olhos cheios de avidez, cahiu um „diario dos negocios publicos“ do Rio Grande do Sul, anno de 1839, trabalho attribuido ao dr. João Fagundes. Encontram-se nesse diario as seguintes notas:

„Agosto, 14. Chegaram a este porto o vapor Aguia, com 200 homens de infantaria e o chefe das forças navaes Greenfel e 4 canhoneiras de guerra, vindas todas da Lagôa, Camaquam e rio Capivary, onde andaram em busca dos lanchões rebeldes e não os encontraram.

Agosto, 17. Seguiu Greenfel, em expedição a Camaquam, com 200 homens de infantaria, embarcações de guerra, etc. com o fim de apprehender ou destruir os lanchões inimigos.

Agosto, 29. Chegaram 2 canhoneiras com o resultado da expedição de Camaquam e referem haver Greenfel tomado ao inimigo 5 lanchas e 2 hiates e reduzido a cinzas a madeira de um brigue e outras embarcações, matando sete carcamanos e aprisionando 2, sem novidade alguma“.

Conclue-se dessas notas, que João Pascoe Greenfel, marinhoeiro inglez ao serviço da legalidade, com poderosa força de desembarque, depois de receber instrucções do governo, voltára ao campo de acção á cata da esquadra farroupilha e desta vez com melhores resultados, pois conseguira apprehender as embarcações farroupilhas e destrui-las sem piedade.

Outras fontes consultadas confirmam estas notas, com uma differença porém, que Garibaldi jamais possuiu mais de quatro lanchões. Proseguindo a pesquisa, encontramos ainda na collecção Araripe a seguinte communicacão inserta no „Correio Official“ n.º 58, de 9 de setembro de 1839.

„24 de agosto de 1839. Tomada dos lanchões rebeldes. Em officio de 24 de agosto de 1839, o commandante das forças navaes imperialistas João Pascoe Greenfel, escrevendo de bordo da barca Aguia, dizia ao ministro da marinha, Jacintho Roque:

Que no dia 24 chegara ao logar Lagoa-formosa, 8 leguas da barra;

Que ali apprehendera os lanchões rebeldes Rio-pardo, Independencia e Setembrina, e duas lanchas, tomando em um capão proximo os mastros, apparelhos, etc. E terminava assim:

Julgo que esta noticia será muito agradavel a v. ex. e ao

commercio desta provincia, por tanto tempo encommodado por estes piratas“.

Esta nota é mais completa, pois precisa exactamente a data da tomada dos lanchões, „24 de agosto, na lagoa Formosa, 8 leguas da barra do Camaquam“, o que de grande importancia é no estudo que vimos fazendo. E mais, confirmando a citada comunicação, transcrevemos a ordem do dia n.º 54, do Quartel General no Rio Grande, com a data de 26 de agosto:

„Tendo se recolhido hontem, a expedição que sob o mando do sr. tenente-coronel João Nepomuceno da Silva, commandante da 2.ª brigada de infantaria, e o sr. major Antonio Fernandes Padilha, havia saído desta cidade em auxilio da força maritima, cumpre ao ex.^{mo} sr. general commandante em chefe publicar ao exercito que, no dia 24 do corrente, aquella expedição, sob a direcção do ex.^{mo} sr. chefe de divisão, commandante da força naval, coadjuvado dos bravos da marinha, tomaram aos rebeldes na lagoa Formosa, no rio Camaquam, 5 lanchas, toda a ferramenta do trabalho, e queimaram a madeira que tinha prompta apparelhada para um brigue e uma sumaca ou grande hiate“.

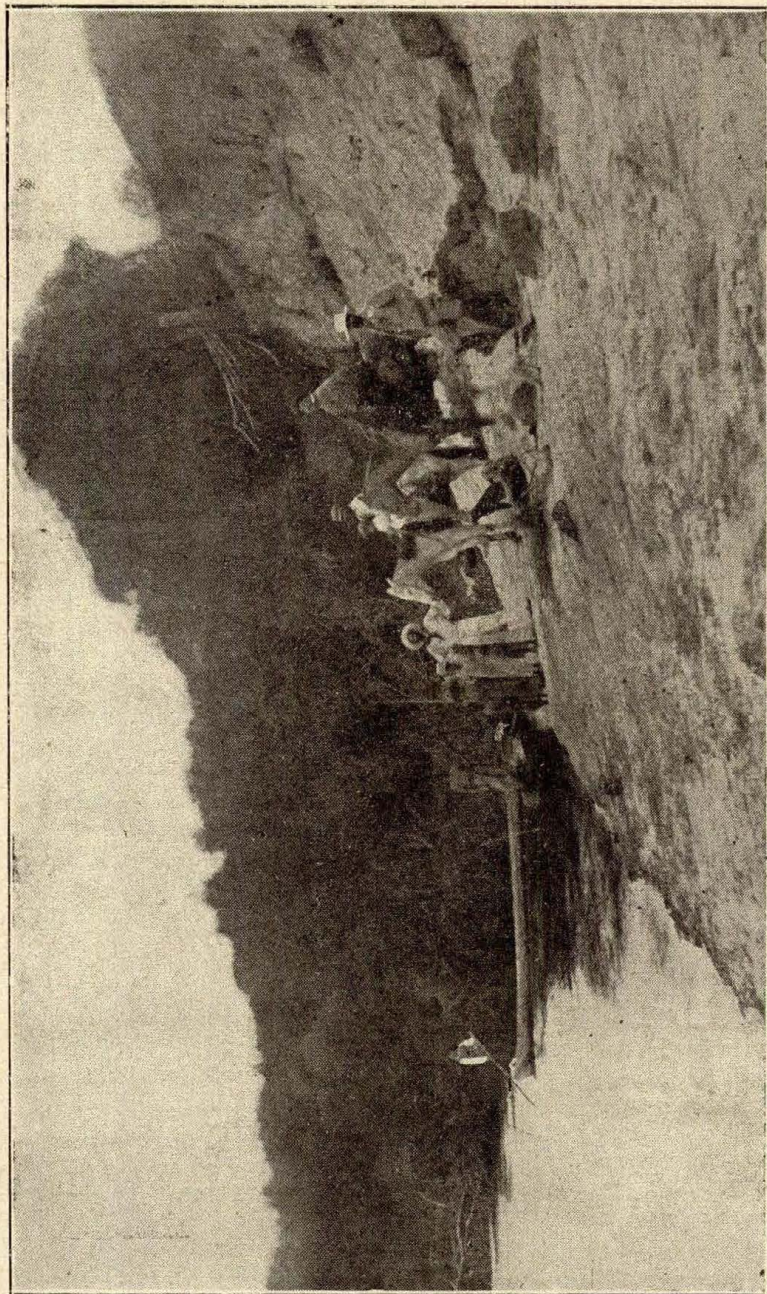
— Mas, e os canhões? E' possível que se tivesse omittido uma tão importante circumstancia, qual a da apprehensão dessas pezadas machinas de guerra em torno das quaes vamos bordando estes despretenciosos apontamentos?

Não; e por uma razão muito simples: tudo foi apprehendido, menos os canhões, pois que na occasião em que a importantissima presa de guerra foi feita, os canhões já tinham sido atirados ao fundo do arroio Santa Izabel.

Tampouco as embarcações farroupilhas foram tomadas a Garibaldi, porque este de ha muito havia „velejado“ com os seus navios collocados em poderosos eixos e rodados em demanda da barra de Tramandahy.

Recapitulemos um pouco a historia desse memoravel feito, servindo-nos ainda de um officio de Greenfel dando conta, ao presidente da Provincia, das operações contra os rebeldes. Diz esse officio:

“Da meia noite para o dia 29 de junho os rebeldes abandonarão as suas posições em Itapoã e Ponta do Juncó, podendo debaixo de uma espessa cerração retirar um lanchão que tinham amarrado debaixo de suas baterias. Segui atrás delles na barca a vapor „Cassiopé“, examinando com cuidado toda a costa de Capivary, lugar onde, constava-me, os outros lanchões inimigos estavam reunidos. Achei com effeito um pequeno arroio onde elles se achavão escondidos, sem comtudo os poder ver da minha baleeira; e estando o matto occupado por infantaria inimiga vi que nada podia fazer sem força de terra.



CAMAQUAM — Lugar onde foi o estaleiro de Garibaldi

Mandei o 1.º tenente José Ricardo Coelho de Abreu com quatro canhoneiras para as bloquear, e voltei para Porto Alegre a consultar com o general e de accôrdo com elle aguardo uma força daqui para destruir de uma vez estes piratas."

Conclue-se dahi, claramente, que Garibaldi estava engarrafado, como se diria hoje, no Capivary, „lugar onde os outros lanchões estavam reunidos“.

E de facto, a esquadra farroupilha, acossada pelos navios de Greenfel, estava dividida, parte no Capivary e outra parte, sob o commando de Zeferino Dutra, havia subido o Camaquam acima, fugindo á perseguição do inimigo, isto, como se vê, em 29 de junho.

E' o que bem affirma Virgilio Varzea no seu interessante livro — „Garibaldi na America“, no trecho que vamos transcrever:

„Nestas condições, immota, quasi inutil e sob a terrivel perspectiva de um ataque proximo, ficava agora num recanto da costa do Capivary, uma reduzidissima parte da já de si insignificante esquadilha da Republica, bem immota inutil, e tambem sob a pressão de qualquer golpe de mão dos imperiaes, permanecia ao mesmo tempo a outra parte que lá estava, na barra do Camaquam, sob as ordens de Zeferino Dutra, e que se compunha dos lanchões Rio Pardo, Independencia e Setembrina, este ultimo um dos navios da flotilha legal e que fôra tomada por Bento Manoel no combate do Cahy.“

Isto succedia em 29 de junho, como já ficou dito. Garibaldi, no Capivary, era presa duma situação não menos angustiosa do que a do seu lugar-tenente, na barra do Camaquam. Greenfel, sem lhe dar treguas, preparava-se para o golpe decisivo em navios cujo calado fosse comportado pelas aguas, porque, seja dito de passagem, os lanchões rebeldes não tinham sido até então capturados porque o seu meio de acção eram sempre as margens da lagôa, onde os navios da legalidade não podiam persegui-los; e dahi a impunidade do cruzeiro.

Nesse interim, e como uma taboa de salvação em tão desesperados momentos, Garibaldi é ouvido sobre a expedição a Laguna. O que se segue escapa ao nosso estudo. Os lanchões são postos em rodados e a 5 de julho, puxados por 200 bois, rumam direito á barra do Tramandahy, onde são, seis dias depois, lançados á agua.

Eram o „Seival“ e o „Farroupilha“, tendo este naufragado, apenas lançado á agua, perecendo cinco compatricios de Garibaldi, entre os quaes o valoroso Luiz Carniglia.

E enquanto isto acontecia, Zeferino Dutra, com o resto dos navios farroupilhas, Camaquam acima, demandava á barra do Santa Izabel, para escapar á perseguição.

Foi nessa occasião que, como allivio de peso, foram os canhões lançados á agua. Isto em agosto de 1839.

Não conseguindo o seu intento, voltam os lanchões pelo caminho andado e procuram refugio entrando na lagôa Formosa, cujas aguas são despejadas no tortuoso Camaquam. E ahi, já abandonada pela maioria da tripulação, é essa parte da esquadra farroupilha apprehendida e destruida pelas forças ao mando de João Pascoe Greenfel, como se vê pelos dados officiaes atrás transcriptos.

Resumindo estas ligeiras notas e com essa paciencia que jámais esmoreceu na faina de reconstituir factos da historia regional, concluimos:

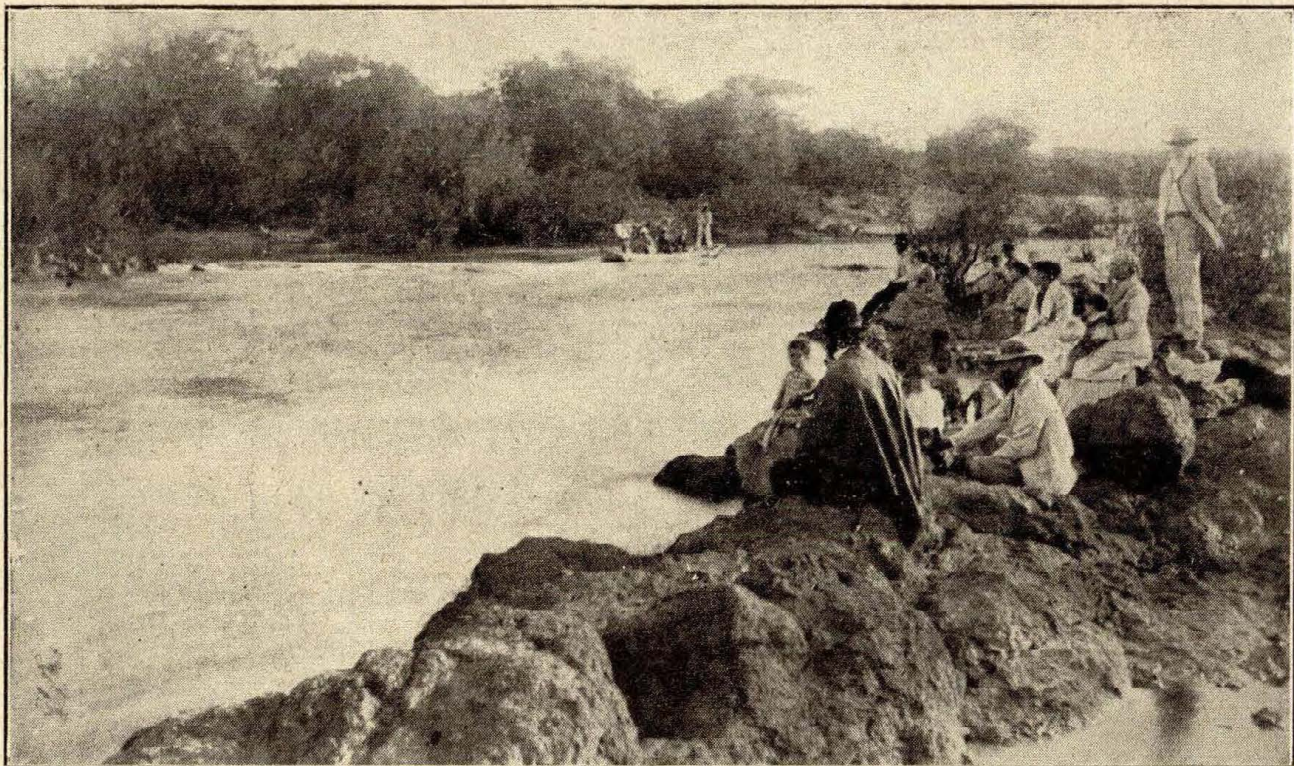
1) Os canhões recentemente recolhidos ao Museu Julio de Castilhos pertenceram, de facto, á esquadilha de Garibaldi;

2) foram atirados á agua na antiga barra do arroio Santa Izabel, affluente do rio Camaquam, em dias do mez de agosto de 1839;

3) Zeferino Dutra, que commandava o resto da esquadilha, abandonou os seus navios na lagôa Formosa, onde foram apprehendidos e destruidos por Greenfel, em 24 do dito mez e anno;

4) Garibaldi, com os lanchões „Seival“ e „Farroupilha“, sahio por terra, da barra do Capivarý, em 5 de julho, tendo chegado á barra do Tramandahy e ahi lançado os seus navios em 11 do mesmo mez.

São estas as notas que conseguimos colher sobre o interessante assumpto e que ahi ficam com a convicção que temos de ter levado modesta contribuição á historia desses canhões, cuja presença, nesta capital, tanto interesse despertou, provocando commentarios e dando lugar a que, mais uma vez, os „homens sabidos“ da terra tenham explicado, em estapafurdias noticias, a origem dessas tão pesadas quão antigas machinas de guerra de que se serviram os heroicos centauros de 35.



CAMAQUAM — Lugar onde os lanchões de Garibaldi passavam os rápidos do Camaquã
(De pé está o capitão Joaquim Gonçalves, filho de Bento Gonçalves da Silva)

A independencia uruguaya

(Souza Ducca)

Transcorreu a 27 de agosto, a verdadeira data da independencia da Republica Oriental do Uruguay, a que estamos extremamente vinculados pelo mundo physico, pelo intercambio commercial, pelas permutas intellectuaes, pelo entrelaçamento de nossas familias, pelos fortes liames do sangue ibero e pela finalidade que nos reserva a historia, como filhos destas ubertosas e encantadoras terras da America.

Interessante, curiosa e decisiva foi a actuação do Brasil em prol do evento que então o Uruguay commemorou, e por isso, compartilhamos orgulhosos e satisfeitos nas festas e nas alegrias de nossos prezados visinhos.

Com um desdem criminoso, temos deixado correr á revelia, o que se tem dito maisinando a attitude do Brasil na independencia do Uruguay.

E o que mais impressiona é que entre nossos compatriotas existem censores iracundos, apoiados em accusações phantasticas ou em escriptores mal informados.

E desse modo, com lamentavel desprezo pela verdade que existe tanto em nossos archivos como nos platinos, se têm feito eco de clamorosa injustiça.

Como contribuição para esse capitulo de nossa historia e ao mesmo tempo como homenagem ao centenario da independencia do paiz visinho, temos em preparo uma monographia, onde estudamos minuciosamente a actuação do Brasil em tão importante acontecimento.

Hoje, nos limitamos a tratar de dous pontos apenas: a proposta de paz definitiva partindo inicialmente do Brasil e a ballela da pressão ingleza.

O BRASIL PROPÕE A PAZ

E' extranhavel que escriptores nossos, dizendo-se animados de espirito de justiça, e que têm dado provas de lisura e

patriotismo, neguem ou ponham em duvida que a proposta de paz em 1828, tenha partido inicialmente do Brasil.

E' isso entretanto, affirmado até por publicistas platinos e está categoricamente confirmado pelos nossos archivos e pelos factos.

Será que um excesso de imparcialidade ou melhor dito um desejo de imparcialidade mal orientado, tem impedido que os escriptores brasileiros aprofundem suas investigações, sempre que se trata de acontecimentos em que o Brasil occupa um papel de superioridade sobre os nossos visinhos?

Se tal acontece, é um erro que deve ser corrigido, porque importa em um attentado contra o bom nome de nossa patria.

Se é racional, se é justo, que acarrelemos com as consequencias e com as responsabilidades de todos os erros ou crimes que commettemos no passado, é irracional, é injusto, que sejamos privados de gosar dos beneficios do bem que tenhamos feito.

E' o caso presente do Brasil: se houve erro em querer submeter ao nosso dominio o Uruguay, essa falta foi resgatada pela benemerencia, pela energia, com que contribuimos para constituir esse paiz em Estado soberano.

Não ha motivos, pois, para que por taes acontecimentos compareçamos deante do tribunal da historia, contrictos a bater no peito. Devemos, sim, ahi apresentar-nos, com a fronte erguida e com a consciencia de quem terá no ajuste de contas final um grande saldo a favor de suas boas acções.

Para os nossos actos com relação aos nossos visinhos nos tres primeiros decennios do seculo passado, fomos impellidos pelas forças que dominam e dirigem a fragilidade humana: obrámos de accordo com as circumstancias, impulsionados pelas fatalidades do meio, obedecendo ao determinismo de nosso interesse maior, ou em outros termos: agimos impellidos pela seducção, pelo instincto de defesa e pelo engrandecimento da patria.

Sentindo-se D. Pedro I, rude e perigosamente atacado pelo partido que lhe era contrario e que dispunha de maioria no Parlamento, e vendo as complicações que surgiam no exterior, decorrentes do bloqueio que mantinhamos no Prata, mudou de opinião, para os fins de 1827, relativamente á Cisplatina, e em principios de 1828 se dirigio ao governo argentino propondo a paz.

Essa proposta que em a data de 18 de Março e que está firmada pelo Marquez de Aracaty, então Ministro dos Negocios

Exteriores do Imperio, foi entregue a Dorrego, em Buenos Aires, pelo representante da Inglaterra alli acreditado.

Estabelecia a proposição brasileira, em seu artigo 2.º, como ponto fundamental para a paz, a „constituição da Provincia Cisplatina em Estado livre, separado e independente.“

Como se trata de um ponto que tem sido posto em duvida, vamos em seguida produzir as provas desse acto do governo brasileiro:

„O governo de Dorrego annunciou ao governo Oriental, em nota de Março de 1828, que havia recebido proposições de paz, por conducto da Legação Britannica, sobre a base da independencia da Provincia Oriental“ (Eduardo Acevedo, *História del Uruguay*, II, pag. 16).

„Por mais mortificante que fosse a D. Pedro ter de iniciar as aberturas de paz, o fez, procurando salvar as apparencias sob os auspícios de Lord Ponsomby, que entregou ao Governador Dorrego, por intermedio de Mr. Parish, Encarregado dos Negocios da Inglaterra em Buenos Aires, um projecto de convenção preliminar, com data de 18 de Março de 1828, autorizado com a firma do Ministro dos Negocios Exteriores do Imperio Marquez de Aracaty.

„Essa convenção tinha como base a renuncia do Brasil aos pretendidos direitos de soberania sobre a Provincia Oriental, que dveia ser erigida em Estado independente.“ (Amadeo Baldrich, *História de la Guerra del Brasil*, pag. 470).

„A paz era um acto consummado e não se podia voltar atraz. Desde 18 de Março de 1828, assim estava consignado na convenção enviada pelo Imperador e entregue a Dorrego que a aceitou, com conhecimento dos orientaes.“ (Alberto Palomeque, *El General Rivera y la Campaña de Misiones*, pag. 104).

Respondendo á nota reservada do governo argentino, de 26 de Julho, determinando que nenhum tratado fosse feito com o reconhecimento da independencia absoluta da Provincia Oriental, disseram os generaes Guido e Balcarce, em 18 de Agosto, que a base da independencia absoluta era um ponto de honra para o gabinete brasileiro, porque importava em „tratar sobre uma condição por elle proposta de antemão, aceita pela Republica, communicada pelo seu governo ao chefe dos orientaes e por este admittida satisfactoriamente (Archivo da Familia Guido, citado por V. G. Quesada).

De nossa parte vamos citar dous documentos sufficientes para demonstrar cabalmente que a proposta de paz partio do Brasil.

Em a *Falla do Throno*, na abertura da Assembléa Geral, em 3 de Maio de 1828, disse o Imperador depois de varias considerações sobre as relações externas do Imperio: „Estabeleci

negociações de paz com o governo da Republica de Buenos Aires, estabelecendo bases para uma convenção justa e decorosa como o exigia a honra nacional e a dignidade de meu imperial throno. Se esta Republica não acquiescer ás disposições mui liberaes e generosas, que attestam á face do mundo a boa fé e moderação do governo imperial, ainda que meu imperial coração muito se penalise, é mistér continuar a guerra, e continual-a com duplicada força: tal é minha immutavel resolução. Eu conto que acharei na assembléa geral a mais firme e leal cooperação, afim de poder desempenhar a honra e gloria nacional, que neste caso se acham compromettidas."

No *Discurso* do Parlamento, em resposta a essa falla se lê: „Quanto seria para desejar que a discordia não tivesse accendido os fachos da guerra com outro povo irmão? Mas V. M. I. repassou os nossos corações com a mais viva e a mais agradavel alegria, annunciando já entaboladas justas e decorosas negociações de paz."

PRESSÃO INGLEZA

E' crença geral em nosso paiz que fomos forçados pelo governo inglez, em 1828, a fazer a paz com a Argentina.

E se entre nós essa ballela tem fóros de verdade, nenhuma estranheza deve causar que seja isso convicção no estrangeiro, especialmente entre nossos visinhos do Prata.

Estes se apoiam nas *Memorias* do Visconde de S. Leopoldo.

Convem, entretanto, accrescentar aqui, que o Barão Homem de Mello ao publicar, ha 53 annos, essas *Memorias*, as ordenou, as corrigio e as enxertou. Nos enxertos figura o seguinte periodo: „A opinião, porém, do Imperador não se abalou, permanecendo a mesma a favor da paz, como termo de tantas complicações, de mais a mais aggravadas pela pressão da politica ingleza.“ (*Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XXXVIII, 2.^a parte, pag. 19).

Nada disso consta, entretanto, nas verdadeiras *Memorias* do Visconde de S. Leopoldo, que foram publicadas pela *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul* (anno 2.^o), sem alteração, fielmente, tal qual as deixou o illustre titular.

Occorre ainda a circumstancia de que nos *Annaes da Provincia de S. Pedro*, o acatado historiador brasileiro dá como causa da paz „sem debate nem difficuldades“ o facto de terem vindo os negociadores argentinos „não a receber a joia da Cisplatina, mas desistir della; não a sustentar a pretensão da Republica sobre ella, mas a ceder do direito com que a mesma

Republica se suppunha, de incluil-a no seu territorio; não a ganhar, mas a perder."

Os que discutem, pois, com as *Memorias* do Visconde de S. Leopoldo, publicadas pelo barão Homem de Mello, estão amparados em elementos falhos, viciados e que por isso não traduzem fielmente o pensamento do illustre Secretario do Conselho de Estado que approvou a convenção de paz de 27 de Agosto de 1828.

Os nossos compatriotas se estribam na opinião do autor do *Esboço Biographico do General José de Abreu*, que dizem ser do barão de Rio Branco, mas que para nós é simplesmente de José Maria da Silva Paranhos Junior, estudante de direito, ainda não iniciado em nossos segredos diplomaticos.

E' preciso distinguir duas phases na vida de historiador do eminente estadista brasileiro: a que vai de seus primeiros estudos até logo depois de sua formatura em direito e a que começa com a sua carreira diplomatica e termina com a sua morte, como Chancelier do Brasil.

Na primeira phase se chamou José Maria da Silva Paranhos Junior e escreveu o *Esboço Biographico*, acima referido, acreditando nas „seducções e ameaças de Lord Ponsomby“, por inferencias de informações de terceiro, queremos dizer de pessoas que não tomaram parte nos acontecimentos.

Na segunda phase foi o barão do Rio Branco e opulentou, esclareceu e illuminou a nossa historia com *Esquise de l'histoire du Brésil*, com as contribuições para a obra de B. Mosse — *Dom Pedro II* — e com a *Éphemerides Brasileiras*.

Nesses trabalhos, todos de grande merito, onde se mostram com toda a pujança e firmeza os conhecimentos do historiador e do diplomata, a Inglaterra apparece como simples mediadora e não como exercendo pressão.

Não assenta, pois, em base solida o argumento dos que se encastellam na opinião do autor do *Esboço Biographico do General José de Abreu*.

Prova-se ainda que não houve pressão da Inglaterra, pelas reiteradas recusas de Lord Ponsomby em assumir, em nome de seu governo, o compromisso de servir „de garantia de qualquer convenio preliminar ou tratado definitivo de paz“, segundo seus proprios termos.

Deante dessa attitude, francamente manifestada por mais de uma vez, como admittir a pressão para a paz.

Se nenhum compromisso assumia para garantir o pactuado, inutil seria forçar a paz. A imposição desta, sem garantia, não é concebivel, visto que desse modo seria um acto imprestavel.

Até na correspondencia do barão de Marschal com o Principe de Meternich se lê que Lord Ponsomby fizêra menção da firme resolução do Rei seu amo, de não prestar em caso algum quaesquer que sejam as probabilidades da luta, o seu apoio a uma ou outra das partes."

As decorosas notas trocadas entre o Ministro do Exterior do Brasil e o representante da Inglaterra no Rio de Janeiro, sobre a paz com a Argentina, põem em relevo a altivez, nobreza e independencia com que se houve nesse negocio o governo brasileiro, e excluem a possibilidade de submissões deante de ameaças arrogantes.

Em o trabalho que acima annunciamos, publicaremos essas notas.

Illustrativa e curiosa é tambem sobre este assumpto, a correspondencia do Dr. Juan J. Gil, representante argentino na Inglaterra.

Em 16 de Janeiro de 1829 dizia esse diplomata ao seu governo, depois de varias considerações: „Jámais por título algum nem sob qualquer pretexto, devia o governo ter tomado em consideração e nem admittido a proposição desta independencia (a do Uruguay), quando foi suggerida pelo Lord Ponsomby. Fôra isso uma occurrencia do momento para sahir sua senhoria do apuro em que o collocára o Imperador do Brasil, quando á sua chegada ao Rio de Janeiro resistio á primeira proposição que a côrte de Saint James lhe offerecia como mediadora, proposição que não era do gabinete inglez em sua origem, e que foi, portanto, uma das razões por que Lord Ponsomby recusou garantir em nome de seu governo a independencia do novo Estado que se projectava formar."

Ligando-se essas revelações aos acontecimentos, se infere que quando Lord Ponsomby fallou em paz ao governo brasileiro, este declarára que havendo fracassado a negociação anterior, porque a Cisplatina continuava incorporada ao Imperio, recusava tambem, agora, de modo peremptorio, que essa Provincia ficasse como parte integrante da Argentina: que, collocada a questão nesse ponto de vista, só via uma solução: a independencia absoluta do Uruguay. Ponsomby approvou esse alvitre e foi elle consignado como clausula principal, na proposta de 18 de Março, referida no inicio deste artigo.

A idéa de independencia do Uruguay partio pois do Brasil, sem imposição de potencia alguma, tendo, entretanto, a Inglaterra, por intermedio do illustre Lord de Ponsomby, muito concorrido para essa independencia.

O inglez John Armitage, que veio para o Rio de Janeiro em

seguida á paz de 1828 e que devia estar bem informado como esta se realizára, declara mais de uma vez em sua *Historia do Brasil*, publicada em Londres, em 1836, que a actuação da Inglaterra fôra no caracter de mediadora, de simples interferencia.

Agora, como ultima palavra sobre a questão, para nacionaes e estrangeiros, especialmente para nossos visinhos do Prata, temos a revelar o depoimento do illustre General Tomas Guido, um dos delegados argentinos que firmaram a convenção de paz de 27 de Agosto de 1828, homem de apreciavel cultura mental, animado de nobres sentimentos patrioticos e dotado de verdadeiro culto pela verdade historica.

Achava-se esse illustre argentino como representante de seu paiz junto á nossa patria quando em 1842, o jornal *Nacional* de Montevideo transcreveu do *Morning Herald* da Inglaterra, de 3 de Agosto daquelle anno, um artigo attribuido ao Ministro de Montevideo junto ao governo inglez, em que se dizia que „a independencia da Republica Oriental do Uruguay e sua constituição em Estado separado era obra especial da Gran Bretanha em Agosto de 1828 e de facto do nobre Lord Aberdeen e que este ditou os termos do tratado entre Buenos Aires e o Brasil.“

Tomas Guido, revoltado contra essa affirmativa, que elle classificou de „completa rebellião contra a verdade e uma escandalosa usurpação de nossos direitos, como negociadores“, escreveu em 31 de Outubro uma longa carta a José Clemente Pereira, unico sobrevivente então dos negociadores brasileiros, protestando contra semelhante acto, que elle chamou de impostura.

O illustre General e diplomata argentino conceitava Clemente Pereira a refutar o artigo do *Morning Herald*, fazendo luz sobre o assumpto, descobrindo os homens e os feitos.

São dessa carta estes topicos: „Nada me surprehenderia esta inectiva se tivesse sahido da penna de um escriptor inglez, fanatizado pelo renome de sua patria; mas deduzida, segundo se vê, pelo Ministro de Montevideo, me entristece a idéa de tão inopinada aberração de um americano; e ella nos colloca na necessidade de combatel-a, para evitar ao historiador uma decepção injuriosa á honra e á fama do Brasil e da Confederação Argentina.“

Depois de varias considerações recorda: „o espirito puramente americano que presidio ás discussões; o facto do Imperador assim que teve conhecimento da proxima chegada de Lord Ponsomby, haver manifestado ardente desejo de liquidar

imediatamente o assumpto, sómente entre os plenipotenciarios brasileiros e argentinos e que elle, Guido, preferio sacrificar algumas de suas convicções, arriscando sua responsabilidade, „á satisfação de não contrariar tão elevado sentimento.“

Accrescenta em seguida: „Reclamo sómente um direito exclusivamente nosso: uma obra concluida sem submissão á ditados extranhos.

O original desse precioso documento, escripto ha 85 annos, pertence ao archivo do Dr. Eugenio Vilhena de Moraes, intelligente e consciencioso historiador, e que delle nos deu conhecimento, como corroboração da affirmativa que fizemos, por inducção, ao tratarmos no Instituto Historico Brasileiro do combate naval de Monte Santiago, de que não tinha havido pressão da Inglaterra, no sentido de nos obrigar a fazer a paz com a Argentina em 1828.

Por um requinte de gentileza permittio-nos o Dr. Vilhena divulgassemos, em primeira mão, essa extraordinaria peça historica, que é, como dissemos, a ultima palavra para elucidação de um acontecimento ainda hoje julgado sem profunda investigação, sem acerto, com injustiça e com desdem pelo que é nosso.

Muitas surpresas reserva a historia aos que devendo funcionar em seu processo como verdadeiros juizes, se limitam ao papel de simples escrivães.



INDICE

	Pag.
Apontamentos para a historia da revolução de 1835—1845, por Manoel Alves da Silva Caldeira	345
Primeiro centenario do combate de Monte Santiago, pelo major Souza Docca	439
Os canhões de Garibaldi, pelo dr. Eduardo Duarte	463
A independencia uruguaya, pelo major Souza Docca	477
